

MARIA CRISTINA ANTUNES

**Territórios de vulnerabilidade ao HIV:
homossexualidades masculinas em São Paulo.**

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de
São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Doutor em Psicologia

**SÃO PAULO
2005**

MARIA CRISTINA ANTUNES

**Territórios de vulnerabilidade ao HIV:
homossexualidades masculinas em São Paulo.**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos requisitos
para obtenção do grau de Doutor em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Dra. Vera Sílvia Facciolla Paiva

**SÃO PAULO
2005**

**Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP**

Antunes, M. C.

Territórios de vulnerabilidade ao HIV: homossexualidades masculinas em São Paulo./Maria Cristina Antunes. – São Paulo: s.n., 2005. – 152p.

Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora: Vera Sílvia Facciolla Paiva.

1. Homossexualidade 2. Prevenção da AIDS 3. Homens
4. Risco 5. Comportamento Psicosexual 6. Nível sócio-econômico
7. Fatores socioculturais I. Título.

**Territórios de vulnerabilidade ao HIV:
homossexualidades masculinas em São Paulo.**

MARIA CRISTINA ANTUNES

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e assinatura)

Tese defendida e aprovada em: ____/____/____

*Em homenagem a todos
aqueles que amam pessoas do
mesmo sexo e convivem com
o preconceito.*

E...

*aos meus pais Rosa e José,
minha irmã Luciana
e minha companheira Gal.*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer à minha mentora no curso de Pós-Graduação, que me guiou no árduo percurso para a construção desse trabalho, Profa. Dra. Vera Paiva, orientadora, “mãe” intelectual e amiga, com quem iniciei meus trabalhos na área de prevenção à aids. À Prof^a. Dra. Cassia Buchalla e Dr. Veriano Terto Jr., que fizeram sugestões valiosas para essa tese. À Profa. Maria da Graça S.Padilha que ajudou na revisão final do texto. A toda a equipe do NEPAIDS, que diversas vezes discutiu os resultados desse projeto.

Ao Dr. Ron Stall e ao Dr. Norman Hearst, que supervisionaram o desenvolvimento do trabalho e muito me ensinaram sobre pesquisa científica. Ao Center for AIDS Prevention Studies da Universidade da Califórnia, que financiou este projeto.

Gostaria de agradecer também o financiamento do Programa Estadual de DST/AIDS da Secretaria Estadual de Saúde do Estado de São Paulo, em especial à Cristiane e à Yara, que ajudaram na construção do questionário utilizado nesse estudo.

Ao Centro de Estudos Homoeróticos da USP – CAEHUSP, onde iniciei esse trabalho e obtive a participação de seus militantes para compor a equipe para realizar as intervenções em bares e boates. Ao Cláudio, à Cris e em especial ao Rubens, que iniciarem comigo o mapeamento dos bares e boates. À Cely, à Gil, ao Ricardo, ao Robson e à Gal, que ajudaram na coleta de dados no início do projeto.

Gostaria de fazer um agradecimento especial aos rapazes que trabalharam nas intervenções. Pela sua garra e boa vontade, ao ficarem durante um ano trabalhando, madrugada afora, no combate à epidemia da aids: Carlos, Nilson, Cláudio, Carlos R., Jota, Wander (vulgo Lolita Pegeout) a quem gostaria de agradecer em especial por se dispor a se “montar de drag queen” para que nossas intervenções tivessem maior visibilidade. Sem dúvida a participação de “Lolita Pegeout” foi importantíssima nas intervenções nos bares e boates dos Jardins.

Aos proprietários dos estabelecimentos comerciais, que abriram suas portas para a realização das intervenções. Aos participantes desse projeto, que se dispuseram a responder um questionário na “calada da noite” e compartilharam suas intimidades e vidas conosco.

Finalmente, aos meus familiares e amigos pela paciência, amor e compreensão, em especial à Gal que cuidou de mim nos momentos finais.

Aos meus amigos na Universidade Tuiuti do Paraná, pelo carinho e paciência durante esse processo de construção de conhecimento. Em especial à Graça, que sempre esteve presente, incentivando-me nos piores momentos de crise e me ajudando com a rotina de trabalho. Ao Chico, que tantas vezes me cobriu em reuniões para que esse trabalho fosse finalizado. Aos meus amigos e professores da UTP, que me ajudaram nesse processo de adaptação a Curitiba, em especial: Cristiano, Ângela, Luizinho, Denise, Raquel e Marusa.

Aos meus alunos, que têm sido fonte de inspiração e resignificação do conhecimento. Ao Diretor da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Prof. João Henrique Faryniuk, que me apoiou em momentos árduos. Em especial, ao Magnífico Reitor, Prof. Luis Guilherme Rangel Santos, que além de chefe e fonte de incentivo, considero um amigo que depositou sua confiança em meu trabalho.

*“Não gosto dos afeminados, não me atraem,
porém eles também têm o direito de fazer suas escolhas;
no fundo, penso que o amor por alguém do mesmo sexo
é um ato poético, já que implica uma nova moral,
a moral da liberdade, e é isso o que venho tentando
demonstrar em minha poesia.”*

(Federico García Lorca)

Sumário

LISTA DE TABELAS	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
APRESENTAÇÃO	iv
1. INTRODUÇÃO	
1.1. Homossexualidade em tempos de AIDS: estudos sobre Homens que fazem Sexo com Homens	01
1.2. O cenário cultural e as subculturas homossexuais	06
1.3. O cenário homossexual no Brasil	16
1.4. Territórios	22
1.5. Os Papéis e a Sociometria de J.L.Moreno	26
1.5.1. Notas sobre a vida de J.L.Moreno	27
1.5.2. Espontaneidade, tele, papéis e redes sociométricas	29
2. OBJETIVOS	31
3. MÉTODO	
3.1. Mapeamento	31
3.2. Estudo com base no questionário auto-aplicado	32
3.3. Aplicação dos questionários	33
3.4. Atividades de Prevenção de aids	34
3.5. Procedimentos de análise dos dados do questionário	36
4. MAPEAMENTO DE LOCAIS DE SOCIABILIDADE HOMOERÓTICA ...	38
4.1. Centro	39
4.1. Jardins	55
5. DIFERENÇAS OBSERVADAS ENTRE OS TERRITÓRIOS DO CENTRO E JARDINS	
5.1. Cenários	75
5.2. Tipos e papéis	77
5.3. Cenas de sexo e violência nos diferentes territórios	86
5.4. Práticas sexuais	89
5.5. Cenas sexuais de maior vulnerabilidade ao HIV	92
5.6. Intervenções para prevenção de aids	95
6. CENÁRIOS, PAPÉIS E PRÁTICAS HOMOERÓTICAS	
6.1. Os cenários homossexuais	99
6.2. Tipos de protagonistas e papéis	101
6.3. Práticas e cenas sexuais	108
7. TERRITÓRIOS DE VULNERABILIDADE AO HIV	121
8. CONCLUSÃO	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137
ANEXO	
A. Questionário	146

LISTA DE TABELAS

Tabela nº	Página
1. Diferenças no perfil demográfico de homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo	78
2. Diferenças nos tipos de locais freqüentados por HSH em duas regiões da cidade de São Paulo	83
3. Práticas sexuais de risco nos últimos 6 meses, de homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo	90
4. Crença na eficácia do preservativo entre homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo	91
5. Teste HIV e uso de preservativo nos últimos 6 meses, de homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo	91
6. Porcentagem dos motivos para a não utilização do preservativo, de homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo	94
7. Participação em trabalhos de prevenção de aids, entre homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo	98

RESUMO

ANTUNES, M.C. *Territórios de vulnerabilidade ao HIV: homossexualidades masculinas em São Paulo*. Tese (doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

Estudos têm demonstrado que homens que fazem sexo com homens (HSH) têm estilos de vida diferenciados e ocupam diferentes espaços sociais e culturais. Mapeando as redes sociométricas e as subculturas homoeróticas, é possível entender a disseminação do HIV e os fatores de vulnerabilidade. O objetivo desse trabalho é descrever como subculturas sexuais de homens que fazem sexo com homens que freqüentavam bares e boates em duas regiões de São Paulo ocupavam diferentes territórios, descrever suas subculturas e práticas sexuais. Foi realizado um mapeamento etnográfico em dois bairros de São Paulo, onde se localizam 58 bares e boates gays. Foram aplicados questionários em 500 homens (Centro e Jardins), sobre: dados sócio-demográficos, percepção de risco, práticas sexuais, prevenção de aids e uso de drogas. Durante 12 meses foram realizadas intervenções, com distribuição de preservativos, lubrificantes e folhetos informativos. Durante o mapeamento etnográfico observamos que a região do Centro tem bares mais antigos e tradicionais, com a presença mais explícita de travestis e garotos de programa, com imagens identitárias baseadas na divisão de papéis de gênero. O Jardins tem bares requintados, com a presença mais acentuada de imagens identitárias baseadas na identidade gay. A análise dos questionários mostrou que 52% tiveram prática sexual de risco com parceiros fixos e 42% com parceiros casuais. 71% fizeram o teste HIV, sendo que 5% afirmaram que eram soropositivos. Foram encontradas diferenças significativas nas respostas obtidas nas duas regiões, observando que maior proporção de homens que freqüentavam o Centro: eram pobres, menos escolarizados, negros; tinham uma menor percepção de risco e menos confiança nos métodos preventivos para aids; tinham mais práticas de risco; concordavam que não usavam preservativo porque estavam apaixonados e porque existiam medicamentos para tratar a aids. Observamos que diferentes subculturas sexuais de HSH, redes sociométricas, imagens identitárias e performances de papéis ocupam diferentes espaços na cidade de São Paulo, configurando territórios diferentes de vulnerabilidade ao HIV. O conceito de territórios de vulnerabilidade enfatiza a importância de intervenções para prevenção da aids com foco comunitário, atuando nos componentes individuais, sociais e programáticos. Pensando em termos de desenvolvimento de estratégias de prevenção que têm como horizonte a emancipação psicossocial além do incremento do uso de camisinha, devemos levar em consideração essas redes sociométricas, que ocupam territórios dentro da cidade, criando territórios de atualização/realização de desejos e vulnerabilidade.

Palavras-chave: Homossexualidade, Prevenção da aids, Homens, Risco, Conduta Sexual.

ABSTRACT

ANTUNES, M.C. *Landscapes of HIV vulnerability: male homosexualities in São Paulo*. PhD Thesis. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

Studies demonstrated that men who have sex with men (MSM) have different lifestyles and occupied different cultural and social spaces. It is possible to understand the HIV transmission and vulnerabilities' factors through mapping sociometric networks and their subcultures. The main goal of this thesis is to describe how sexual subcultures of men that have sex with men, that attended bars and discos in two different districts of São Paulo, occupied different landscapes, and describe subcultures and sexual practices. An ethnographic mapping of two districts of São Paulo, with 58 gay bars and discos was done. Questionnaires were applied in 500 men (Centro and Jardins) about: demographic data, risk perception, sexual practices, aids prevention, and drug use. Interventions were applied during 12 months, with distribution of condom, lubricants, and informative material. Evidences on ethnographic mapping showed that Centro district has traditional and oldest bars, more hustlers' men and travesties, with identity images based on gender roles. Jardins district has refined bars, with image identity based on gay identity. The questionnaire demonstrated that 52% had risk sexual practices with regular partners, and 42% with casual partners. 71% did the antibody test, and 5% were positive for HIV. We found significant differences between districts. Men who go to bars and discos at Centro: were poor, less educated, black; had lower risk perception; they were less confident of preventive methods for aids; they have more sexual risk practices; agree more that they don't use condom because passion and because there are medicines to aids. Different sexual subcultures of MSM, sociometric networks, identity images and role performances occupy different spaces at São Paulo city, formatting different landscapes of HIV vulnerability. The concept of vulnerability landscapes emphasizes importance of interventions for aids prevention with community focus, acting on individual, social and programmatic components. Thinking in terms of developing prevention strategies that has the psychosocial emancipation how horizon, beyond the condom use increment, we need consider sociometric networks that occupy landscapes at the city, creating landscapes of actualization/realization of desires and vulnerabilities.

Keywords: homosexuality, aids prevention, men, risk, sexual conduct.

APRESENTAÇÃO

O meu primeiro contato com a aids foi em 1990, quando comecei trabalhar em um projeto de sexualidade e prevenção de aids para adolescentes de baixa renda. Meu mestrado se baseou na avaliação desse modelo de prevenção. Durante esses anos, com a fundação do Núcleo de Estudos para Prevenção de AIDS do Instituto de Psicologia da USP, conheci inúmeras pessoas que trabalhavam nesse campo. E foi também nesse espaço que tive a oportunidade de estreitar laços de amizade e convivência com pessoas que tinham uma opção sexual homoerótica.

Trabalhar com sexualidade exigia não apenas minhas habilidades técnicas como psicóloga, mas também rever meus conceitos, valores, preconceitos e escolhas. Aprendi que a consciência de alteridade só seria construída na convivência com a diferença e com os diferentes. Ainda me lembro da primeira vez que fui em uma boate gay. Apesar da convivência com amigos homossexuais, percebi alguns preconceitos que eu ainda tinha. Minha expectativa era encontrar pessoas diferentes de mim, pois achava que todos os homens homossexuais eram afeminados e mulheres homossexuais eram masculinizadas, reproduzindo os padrões de gênero e/ou atividade/passividade. Deparei-me com pessoas de todos os tipos, cores e raças. Homens bonitos e feios, altos e baixos, gordos e magros, jovens e velhos, masculinos, andróginos, femininos, travestis, transexuais... A diversidade me encantou e rompeu com meus pré-conceitos sobre a homossexualidade.

Nesse percurso acadêmico, deparei-me com inúmeros homossexuais, homens e mulheres, com os quais tive contato profissional ou de amizade. Hoje, alguns deles se tornaram grandes amigos, que me apresentaram a seus amigos, e assim ampliei minha rede sociométrica homoerótica. Infelizmente, alguns desses amigos eram soropositivos ou contraíram o HIV posteriormente. Alguns deles já se foram. Em 1995 convivi com dois amigos, soropositivos, e um deles estava doente. Toda sua família e amigos estavam muito mobilizados. O tratamento para aids ainda era limitado, pois os novos medicamentos (coquetel) não tinham chegado no Brasil. Todo o grupo de amigos conviveu com ele durante seus últimos meses. A cada passeio ou viagem alguém se encarregava de pegá-lo em casa. Os familiares diziam que “os amigos eram sua alegria de viver”. Infelizmente ele faleceu em maio de 1996, no mês em que o coquetel estava

chegando ao serviço público. Após sua morte, os amigos se mobilizaram para apoiar seu parceiro e, depois dele, muitos outros se foram e muitos outros contraíram o HIV. Essas cenas foram marcantes em minha vida.

Nessa mesma época era nítida a escassez de trabalhos de prevenção de aids em bares e boates gays em São Paulo. O número de casos de aids por transmissão homossexual aparentemente apresentava uma estabilização pois havia um aumento no número de casos entre heterossexuais. Com o aumento da epidemia entre as mulheres e com esta falsa impressão de estabilização, falou-se da “des-homossexualização da aids”, um erro na leitura desses dados pois permanecia alto o índice de transmissão do HIV entre homens que faziam sexo com outros homens¹. Segundo o próprio relatório da Reunião Técnica sobre Pesquisas e Intervenções entre Homossexuais, promovida pelo PN DST/AIDS em Brasília, as pesquisas realizadas com a população homo e bissexual quase inexistiam. A epidemia iniciou-se em 1981 e apenas doze anos depois é que um projeto de intervenção foi financiado pelo governo brasileiro com fundos do Banco Mundial. Com exceção do Projeto Bela Vista, não existia nenhum outro projeto de intervenção nos locais de sociabilidade homoerótica em São Paulo em 1999. O Projeto HSH do grupo Pela Vidda, que realizava intervenções em bares e boates gays/oficinas de sexo seguro, foi finalizado no início de 1999.

Em 1996 estive no *Center for Aids Prevention Studies* na Universidade da Califórnia, analisando os dados da pesquisa que coordenei para finalizar a dissertação de mestrado e que geraram dois artigos (ANTUNES et al., 1997; ANTUNES et al., 2002). Tive a oportunidade de discutir com a equipe da UCSF a proposta de um novo projeto de pesquisa, visando o desenvolvimento de estratégias de prevenção de aids em bares e boates gays em São Paulo. A perda de meu amigo e a visível ausência de programas de prevenção de aids com HSH me motivaram a iniciar esse projeto, que foi aprovado em 1998 e iniciado no ano seguinte, com verbas de um fundo de doações para a Universidade da Califórnia. O Prof. Ron Stall inicialmente foi o supervisor responsável pelo projeto. Com sua mudança para o CDC (*Center for Diseases Control*) em Atlanta, o Dr. Norman Hearst assumiu a supervisão do projeto.

¹ Fonte: Relatório da Reunião Técnica sobre pesquisas e Intervenções entre Homossexuais, realizada em Brasília, 10 e 11/3/97. (mimeo)

Em 1997 iniciei uma formação em Psicodrama no Instituto J.L.Moreno, outro fato importante que influenciou esse estudo. Meu primeiro contato com o Psicodrama foi ao trabalhar com prevenção de aids entre jovens, com a Profa. Vera Paiva. Nesse trabalho, a partir de nossas vivências pessoais, foi desenvolvido um modelo de Oficinas de Sexualidade e Prevenção sob direção da Vera. Minha paixão pelo Psicodrama começou nesse momento, em 1991. O curso de formação me proporcionou um aprofundamento teórico e prático do Psicodrama, onde descobri que J.L.Moreno, pai do psicodrama e da sociometria, tinha sido também um psicólogo social pouco reconhecido como tal. Eu sempre buscava traçar comparações de sua teoria com alguns teóricos da psicologia social. Surpreendi-me ao descobrir que muitos alunos de Kurt Lewin tinham sido alunos de Moreno, em Harvard. E que ele foi interlocutor de grandes teóricos sociais. Sua teoria social me fascinou e influenciou meu modo de olhar as relações entre homens que fazem sexo com homens, o cenário homoerótico, as cenas vivenciadas e seus protagonistas. Sua teoria me fez refletir sobre as redes relacionais, como se estabeleciam as relações homoeróticas e como o HIV se propagava dentro dessas redes relacionais.

Minha vivência em bares e boates gays, juntamente com meus amigos, me fez perceber que havia diferenças entre esses diversos locais de sociabilidade. Não somente as características dos cenários eram distintas, mas também alguns tipos de protagonistas pareciam variar. Poucas vezes fui até a região do Centro de São Paulo, pois não era o habitat de minha rede social mais próxima. As pessoas me pareciam diferentes, os “tipos” eram diferentes, a cultura era diferente, as músicas eram diferentes, os trejeitos eram diferentes. Eu me sentia em território estrangeiro e me perguntava o por que disso. Na região do Jardins, ou em Pinheiros, me identificava com as pessoas, os gostos, interesses, músicas, locais, cenários. Apesar da diversidade das duas regiões, existiam algumas semelhanças entre elas. Pensando nessas percepções e sensações, com minha experiência no campo da aids e no Psicodrama, decidi então desenvolver esse projeto de prevenção nessas duas regiões, procurando investigar essas diferenças.

Partindo das diferenças entre os locais de sociabilidade e protagonistas, comecei a pensar nos territórios, nas redes sociométricas e na prevenção de aids. Segundo o Psicodrama, a identidade do sujeito é um conjunto de papéis internalizados ao longo da vida na interação com os outros, baseado na matriz da

identidade e nas redes sociométricas. A identidade é mutável, construída e realizada na relação com o outro.

Nitidamente determinadas regiões da cidade foram ocupadas por homossexuais, para criar espaços confortáveis a livre expressão da sexualidade e do desejo. Historicamente, esses locais de sociabilidade se diferenciaram na cidade de São Paulo a partir da década de 70, onde HSH, identificados com uma subcultura que rompia com o estereótipo até então vigente de reprodução dos papéis masculinos/femininos (“bicha/bofe”), ocuparam diferentes espaços. Essas diferentes subculturas e seus protagonistas estariam mais ou menos vulneráveis ao HIV e à aids?

O objetivo desse trabalho foi apontar as diferenças dos cenários em cada local (Jardins/Centro), descrevendo as subculturas sexuais vigentes e as práticas mais frequentes na rede sociométrica que ocupam esses territórios. Além disso, levantar recomendações para iniciativas de prevenção para esses grupos de HSH.

Os dados obtidos pelas respostas aos questionários e na observação de campo demonstraram que os perfis dos homens que fazem sexo com homens eram diferentes nos dois territórios estudados. Encontramos proporções diferentes de práticas de sexo seguro, além de outros indícios de diferentes subculturas nesses locais.

Nosso desejo com esse trabalho é também dialogar com os autores preocupados em pensar as dimensões culturais e sociais que produzem a saúde reprodutiva e sexual na vulnerabilidade ao HIV e à aids.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Homossexualidade em tempos de aids: estudos sobre homens que fazem sexo com homens.

No início da epidemia da aids, a falta de estudos sobre sexualidade dificultou o planejamento de estratégias de prevenção. As teorias e metodologias de pesquisa se limitavam a realizar estudos descritivos do comportamento sexual (PARKER, 2000).

A epidemia da aids era chamada de “peste gay”, pois atingiu inicialmente homens que fazem sexo com homens (HSH). Homossexuais sofreram mais preconceito em virtude da epidemia, pois eram acusados de serem os causadores da doença. Os primeiros trabalhos de prevenção surgiram nos grupos de militância gay americanos, que se preocupavam com a evolução da epidemia dentro da comunidade.

“Naquelas comunidades, a discussão sobre sexualidade já era freqüente antes mesmo da aids e tal fato pode ter facilitado o surgimento das primeiras respostas comunitárias contra a aids no interior de comunidades homossexuais organizadas nos Estados Unidos e na Europa.” (TERTO JR, 1992, p.116).

Abriu-se espaço para a discussão da sexualidade, identidade sexual, do poder implícito nas relações interpessoais, do simbolismo da aids, da vida, da morte, do prazer, das culturas e subculturas sexuais. Muitas das teorias sobre mudança de comportamento foram testadas e aprimoradas dentro da comunidade homossexual, sendo que a noção de “sexo seguro” surgiu dentro da comunidade gay (PARKER, 2000). Em São Francisco (EUA) as comunidades gays formaram espaços de resistência dentro da cidade, transformando seu espaço, interferindo na vida política e cultural. Muitos homens que fazem sexo com homens (HSH) foram diagnosticados ou morreram de aids e a mobilização na cidade foi imediata, com a criação de programas educativos visando à prevenção. Durante vários anos a epidemia se manteve controlada, com um número muito pequeno de novos casos (TERTO JR., 1992).

No início da epidemia a maior parte das intervenções se basearam em modelos focados na responsabilidade individual. Estes modelos estudavam as crenças, atitudes e valores como características do indivíduo, buscando associar fatores individuais às taxas de comportamentos de risco. Foram muito utilizados o *Health Belief Model* (EMMONS et al., 1986; BECKER E JOSEPH, 1988;

MONTGOMERY et al., 1989), *Social Learning Theory* (BANDURA, 1977; EVANS, 1976; et al.,1984), *Theory of Reasoned Action* (FISHBEIN & AJZEN, 1975; FISHBEIN, 1980; FISHBEIN & MIDDLESTADT, 1989) e o *Aids Risk Reduction Model – ARRM* (CATANIA et al., 1990).

Os primeiros estudos já demonstravam alterações nas práticas sexuais de HSH, com o aumento do uso de preservativos e aumento de práticas sexuais mais seguras, por exemplo, evitando a penetração anal. (MCKUSICK et al., 1985; JOSEPH et al., 1987). Essas alterações foram resultado da mobilização da comunidade gay, altamente organizada e politizada. Mas o índice de novas infecções começou a crescer após algum tempo e novas pesquisas mostraram que as taxas de sexo anal desprotegido aumentaram (STALL et al., 2000).

Stall et al. (2000) realizaram uma revisão das pesquisas com HSH até os anos 90. Os estudos indicavam fatores relacionados com práticas de risco, tais como: pertencer a subgrupos de HSH (jovens, minorias étnicas), fatores individuais (escolaridade, classe social, estados emocionais, autoestima, depressão, auto-eficácia, abuso sexual, estado sorológico), fatores interpessoais (parceiros fixos e ocasionais, habilidades de comunicação sobre sexo) e variáveis situacionais (uso de drogas e/ou álcool). Esses estudos também demonstraram fatores associados às práticas de risco para contrair o HIV e as mudanças nas práticas sexuais. Stall et al. (2000) afirmam que os tratamentos para aids, com o surgimento das terapias antiretrovirais, podem ter influenciado o aumento de práticas de risco entre HSH. Um otimismo exacerbado com relação aos medicamentos e à confiança na profilaxia após a exposição ao vírus (semelhante à pílula anticoncepcional do dia seguinte) poderia ocasionar o comportamento relapso.

“Contudo, as dificuldades em manter práticas sexuais mais seguras ao longo do tempo também se tornaram evidentes, assim como obstáculos à intervenção entre populações mais fluidas de homens que fazem sexo com homens, mas que não se identificam necessariamente como *gays* ou bissexuais.”(PARKER, 2000, p.94)

Vários autores têm defendido que as abordagens baseadas na responsabilidade individual não são suficientes para explicar o universo que circunda a tomada de decisão sobre o uso do preservativo (PAIVA, 1996; CÁCERES, 1998; ANTUNES, 1999). Segundo Friedman et al. (1994), esses modelos têm sérias limitações que tornaram necessário o desenvolvimento de teorias sociais para lutar contra a evolução da epidemia da aids. Alguns autores já

propõem (FRIEDMAN et al., 1994; CÁCERES, 1998; ANTUNES, 1999) a integração de modelos sociais de mudança de práticas sexuais com estes modelos anteriormente utilizados. “Em termos gerais, isto requereria usar modelos sociais para entender os modos em que a história individual, as propriedades das redes sociais, grupos e sub-culturas ao qual o indivíduo pertence, interagem ao longo do tempo...”(FRIEDMAN et al., 1994, p.96).

A evidência das dificuldades na manutenção de comportamentos mais seguros também proporcionou o desenvolvimento de teorias sociais e culturais que levassem em conta os diversos contextos sociais, os valores, significados, estigmas e preconceitos relacionados à homossexualidade. Parker (2000) sugeriu criar espaços de discussão das opções sexuais, desenvolver grupos de apoio social, fortalecer as comunidades sociais já existentes ou que estão se formando, de forma a criar uma cultura de prevenção.

“O ativismo cultural associado à mobilização comunitária e à transformação social, e nelas concentrado, assumiu dessa forma um papel cada vez mais central para os programas de intervenção em hiv/aids. Também remodelou toda a noção de intervenção deslocando o foco de atenção do comportamento de risco, em si e por si, para as representações sociais associadas à homossexualidade, vulnerabilidade ao hiv/aids, cidadania sexual e diversas questões conexas.” (PARKER, 2000, p. 95)

O conceito de vulnerabilidade implica no reconhecimento dos fatores individuais, culturais, políticos, sociais e econômicos como determinantes no processo de tomada de decisão para prevenção da aids (MANN & TARANTOLA, 1996). Segundo Ayres et al. (2003, p.122), “as análises das vulnerabilidades envolvem a avaliação de três eixos interligados”. O componente individual está ligado ao grau de informação, à capacidade em elaborar essas informações e a transformá-las em práticas sexuais seguras. O componente social está relacionado à disponibilidade de informações, aos meios de comunicação, aos programas de prevenção e políticas públicas, à escolaridade, às barreiras culturais, entre outras. O componente programático está relacionado aos programas de prevenção e gerenciamento de forma a otimizar os recursos sociais, visando o fortalecimento dos indivíduos para se prevenirem. A análise de situações de risco, segundo Ayres et al. (2003), envolve o estudo probabilístico, a associação entre variáveis para prever comportamentos de risco para infecção pelo HIV. A vulnerabilidade busca a síntese, “a co-presença, a mutualidade, a interferência, a relatividade, a inconstância, o não unívoco, o não constante, o não permanente” (AYRES et al, 2003, p.126), que em geral são deixados de lado nos estudos probabilísticos. A

análise da vulnerabilidade busca então descrever o potencial de adoecimento do indivíduo em função de um conjunto de condições individuais, sociais, culturais, econômicas e políticas.

No início de nosso projeto, do total de casos acumulados de aids entre 1980 e 1999 no Brasil, 39% ocorreu entre homens homo e bissexuais (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1999). Atualmente observamos uma diminuição na proporção de casos para 32% entre 1980 e 2003 (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003), apresentando uma tendência à estabilização no número de novos casos entre homossexuais e bissexuais. Ao mesmo tempo houve um crescente número de casos entre usuários de drogas e heterossexuais. Com o aumento da epidemia entre as mulheres e com esta estabilização, falou-se sobre a “des-homossexualização da AIDS”, que seria erro na leitura desses dados pois existe um alto índice de transmissão do HIV entre homens que fazem sexo com homens. Somente no estado de São Paulo, o total acumulado de casos notificados por transmissão homo-bissexual entre 1980-2002 chegou a 22.884 (27,5% dos casos do estado). A cidade de São Paulo acumula o maior número de casos de aids do Estado, 50.847 casos, 43,6% do estado neste período (BRASIL. SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003). Segundo dados do Município, 35,2% dos casos de aids da cidade ocorreram por transmissão homo-bissexual até setembro de 2003 (BRASIL. SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2003). Os dados demonstram que muitos HSH continuam a se infectar pelo HIV e que é necessário o desenvolvimento de intervenções e pesquisas visando à redução da taxa de novas infecções.

O projeto Bela Vista, um estudo de coorte realizado em São Paulo, revelou uma prevalência de infecção de 10,8% e uma incidência de 1,6% ao ano entre aqueles que estavam fazendo parte do estudo longitudinal. Esse trabalho encontrou também altas taxas de anticorpo para Hepatite B (29,7%) e Sífilis (16,3%). Com relação à mudança de práticas de risco, não encontraram uma modificação contínua entre os participantes.(BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000).

Segundo Terto JR. (1997), as respostas frente à epidemia de aids entre HSH foram iniciadas pelo movimento homossexual. Em São Paulo, os grupos Outra Coisa e Lambda, e em Salvador, o grupo Gay da Bahia, realizaram intervenções, mas não obtiveram recursos materiais para dar continuidade. Com o avanço da

epidemia, ocorreu a fundação de ONG's que realizaram intervenções para prevenção primária e secundária da aids. Muitos homossexuais participavam das ONG's aids por terem sido uma das populações mais atingidas no início da epidemia. As ONG's aids deram continuidade às iniciativas do movimento homossexual, mas sem enfatizar as políticas de identidade, ampliando a prevenção para outros setores da comunidade e “desconstruindo” a noção de grupos de risco associada à homossexualidade (TERTO JR., 1997).

Nos anos 80 e início dos anos 90 houve omissão nas respostas governamentais frente à epidemia da aids (TERTO JR, 1997). Segundo o relatório da Reunião Técnica sobre Pesquisas e Intervenções entre Homossexuais (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1997), pesquisas realizadas com a população homo e bissexual quase inexistiam no Brasil até 1997. Em 1989 foi fundado um grupo dentro do Instituto de Medicina Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que desenvolveu pesquisas sobre práticas sexuais e fatores relacionados à prevenção da aids entre HSH. A epidemia iniciou-se em 1981 e apenas doze anos depois é que um projeto de intervenção foi financiado pelo governo brasileiro, com fundos do Banco Mundial, e pelo FHI (*Family Health International*), com verbas do projeto AIDSCAP da USAID (*United States Agency for International Development*). O projeto Prevenção para HSH, do grupo Pela Vida e ABIA, realizou intervenções multidimensionais no Rio de Janeiro e em São Paulo de julho de 1993 a maio de 1997. Nesse projeto foram desenvolvidas: atividades de prevenção em saunas, bares e boates gays; oficinas de teatro e de sexo seguro; desenvolvimento de materiais educativos (vídeo e folhetos educativos); pesquisa comportamental (TERTO JR. et al., 1998).

Depois desse projeto ter sido realizado em São Paulo, nenhum outro foi financiado até 1999, quando iniciamos esse estudo. Em termos de fontes financiadoras observamos os efeitos dessa falsa “des-homossexualização” da epidemia, onde a população de HSH deixou de ser prioridade na agenda de aids para financiamentos de pesquisas e intervenções no Brasil, até meados de 1999.

As ONG's de aids e do Movimento Homossexual reivindicaram o apoio do governo brasileiro para projetos de prevenção de aids com HSH. O NEPAIDS-USP, com a colaboração dos pesquisadores da Universidade da Califórnia tiveram papel importante na abertura dessas negociações. No segundo semestre de 1999 foi estruturado o Fórum de Prevenção de aids entre HSH, contando com a

participação de universidades, Organizações Governamentais, ONG's de aids e movimentos de gays, lésbicas, travestis e transexuais, do qual o NEPAIDS-USP também era integrante. Esse Fórum tinha por objetivos: discutir as estratégias de prevenção de DST's e aids nessa população; definir novos projetos de intervenção; deliberar sobre o orçamento para projetos com HSH, do Programa Estadual de DST/AIDS, que recebeu verbas do Ministério da Saúde.

Algumas pesquisas comportamentais foram realizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, associadas com projetos de prevenção de aids para homens que fazem sexo com homens (PARKER & TERTO JR., 1998). Vários programas de prevenção de aids obtiveram apoio do Ministério da Saúde e do Programa estadual de DST/ AIDS de São Paulo, após a fundação do Fórum HSH. A revisão de Stall et al. (2000) indicou a necessidade de unir a pesquisa e a prevenção de aids. Muitos pesquisadores atuam de forma independente, sem ter um profundo contato com as comunidades mais afetadas pela epidemia, e muitos grupos que desenvolvem prevenção não sabem como avaliar suas atividades. Novos estudos permitiram avaliar as estratégias de prevenção e os fatores sócio-econômicos e culturais que aumentavam a vulnerabilidade de HSH (PARKER & TERTO JR., 1998).

Nesse contexto, e coerente com essa agenda, nosso projeto buscou levantar dados sobre as subculturas homoeróticas (PARKER 2002), imagens identitárias (GONTIJO, 2004a.) e territórios homoeróticos, para dar subsídios para o desenvolvimento de intervenções visando à prevenção de aids com HSH.

1.2. O cenário cultural e as subculturas homossexuais.

Para entendermos os resultados obtidos nessa pesquisa, é necessário resgatar a discussão sobre o cenário da homossexualidade, na perspectiva do construcionismo social que considera a sexualidade como produto de forças históricas e sociais. Entende-se o cenário como o “pano de fundo” cultural a que se refere à sexualidade, composto por um conjunto de normatividades referidas também ao sexo. O cenário cultural é o conjunto de “instruções para a conduta sexual e outras sob a forma de narrativas culturais que proporcionam guias para toda conduta.”(LAUMANN et al., 1994, p.6). Participando desse cenário cultural o indivíduo representa o sexo relacionado ao cenário, inovando ou reproduzindo.

A experiência sexual é um produto histórico e social, com significados atribuídos de acordo com a época e seu cenário cultural. Tem sido explicada por diferentes perspectivas teóricas, que também constroem os significados e formas de produção do prazer. Segundo Parker (2002), a sexualidade ficou sujeita às rápidas mudanças sociais nas últimas décadas do século XX. O cenário cultural da homossexualidade no Brasil também se transformou após a globalização.

A sexualidade, assim como outros papéis vivenciados pelo indivíduo, é construída, subjetivada e representada de acordo com o cenário cultural. Conforme Parker (2002), a sexualidade está passando por constantes transformações e devemos entendê-la de acordo com os locais, sua história e também de acordo com os processos globais. A subcultura homossexual seria “organizada em torno de desejos e práticas masculinas de mesmo sexo...” (PARKER, 2002, p.72). Políticas de identidades foram se estabelecendo de acordo com as culturas vigentes (LOURO, 2001, WEEKS, 2001; PARKER, 2002). A cultura dá significado à sexualidade, aos diferentes papéis que são desempenhados. Segundo Louro (2001, p.11) “... podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais.” A cultura define os padrões de normalidade e desvio, onde as práticas sexuais tomam sentido.

Segundo Parker (2002), havia uma subcultura sexual entre homens que fazem sexo com homens, que foi decomposta em diversas subculturas.

“... mundos sociais múltiplos que devem ser encarados como subculturas diferentes do desejo, organizadas em torno de formas variadas de práticas do mesmo sexo e, ao mesmo tempo, como culturas de resistência, que proporcionam pelo menos uma proteção parcial contra a violência, o estigma e a opressão encontrados no mundo exterior.” (PARKER, 2002, p.72)

Esse modo de encarar a sexualidade como um fenômeno social e histórico, produto da cultura, é mais recente. As teorias essencialistas indicavam um padrão universal de conduta sexual organizada pela natureza, baseadas na biologia e em teoria dos instintos. Essa perspectiva teórica considerava a influência de hormônios e genética na determinação de papéis sexuais diferenciados para homens e mulheres. A sexualidade era encarada como um fenômeno individual e os comportamentos sexuais eram observados, mensurados e considerados como endógenos. A homossexualidade era considerada inata, um desvio de conduta determinado por fatores psicológicos, genéticos ou fisiológicos (LAUMANN et

al., 1994; WEEKS, 1995; TERTO JR, 1997; PARKER, 2002). A tendência em patologizar contribuiu para a construção de conceitos negativos relativos aos homossexuais.

O construcionismo social, segundo Weeks (2001), critica as explicações essencialistas, enfatizando a importância da cultura e da sociedade na construção da sexualidade. “Nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder.” (WEEKS, 2001, p.42). Aspectos como classe social, religião, normas de gênero ou outros processos sociais foram relacionados às práticas sexuais.

Segundo Laumann et al. (1994) as práticas sexuais envolvem duas pessoas, que negociam, têm expectativas, desejos e um envolvimento afetivo (ou não). A forma como percebemos nossas práticas sexuais e as definimos é influenciada pelo meio onde vivemos, no grupo social onde estamos inseridos e de seus processos socioculturais intrínsecos. A teoria do *script* considera que a conduta sexual é produto da cultura local. Os fatores biológicos não são determinantes dessas práticas e a conduta sexual é “efeito de um *script* para a conduta individual socialmente determinada.”(LAUMANN et al., 1994) Segundo os autores esses *scripts* são adquiridos ao longo da vida, determinados pelo cenário cultural, mas também sofrem modificações de acordo com as necessidades individuais de cada sujeito. As normas e regras são internalizadas, assim como a representação da sexualidade e dos *scripts* sexuais. Atores e cenários culturais dialeticamente constroem esses *scripts*. O cenário cultural é formado pelas “instruções para as condutas sexuais e outras condutas que são encaixadas na narrativa cultural que é provida como guia ou instrução para toda conduta”(LAUMANN et al., 1994). Os *scripts* interpessoais seriam “os padrões estruturados de interação em que os indivíduos, como atores, se comprometem com a conduta interpessoal do dia a dia” (LAUMANN et al., 1994). Os *scripts* intrapsíquicos são “os planos e fantasias pelos quais os indivíduos se guiam e refletem sobre sua conduta no passado, presente ou futuro.” (LAUMANN et al., 1994). A conduta sexual é então produto do cenário e dos *scripts* interpessoais e intrapsíquicos.

Segundo Parker (2002), devemos entender as diferenças interculturais da homossexualidade. Diferentes contextos interferem na conduta sexual, construindo diferentes formas de expressão da homossexualidade. Mas essas explicações não podem ser simplistas, ao definir diferenças entre o Ocidente e sociedades não-ocidentais. Atualmente os processos globais influenciam essas subculturas sexuais e a homossexualidade. Os estudos gays e a *queer theory* surgiram para tentar explicar as modificações das subculturas homossexuais. (Parker, 2002).

“Muita pesquisa importante foi feita sobre a variabilidade das categorias e classificações culturais que dispõem a experiência entre pessoas do mesmo sexo em contextos sociais distintos, permitindo interpretações mais nuançadas da constituição de subculturas sexuais em grupos diferentes. As preocupações históricas têm sido incorporadas cada vez mais à investigação antropológica intercultural, proporcionando novos *insights* sobre as maneiras como as redes e comunidades de mesmo sexo tomam forma diferencialmente ao longo do tempo em ambientes sociais e culturais distintos.” (PARKER, 2002, p. 26).

A diversidade da sexualidade brasileira se dá em função da variedade de culturas e subculturas de seu povo (PARKER, 2002). Não podemos falar de uma única homossexualidade, mas sim de diversas homossexualidades, vivenciadas e transformadas constantemente dentro do campo social. A experiência individual certamente se submete às complexas redes relacionais, que nem sempre são simétricas e envolvem diferentes níveis de poder, que se expressam na noção de ativo e passivo, normalidade e desvio, masculino e feminino.

Alguns autores (BUTTLER, 2001; SEFFNER, 2003) assinalaram a forma como as instâncias de poder influenciam a construção da sexualidade. As práticas sexuais são construídas de acordo com normas sociais dentro um padrão heterossexual, onde o gênero se materializa. Categorias polarizadas se realizam através das performances do sexo. “A performatividade não é, assim, um ‘ato’ singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas.” (BUTTLER, 2001, p. 167). O sexo é normativo e é materializado, produz corpos. “...as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.” (BUTTLER, 2001, p.154). Dessa forma, devemos refletir a conformação da sexualidade homoerótica como um desvio da norma. O sujeito sexual necessariamente deve ter uma identificação

com as normas que constroem o sexo, negando a possibilidade de outras identificações.

Parker (2002) afirmou que os papéis sexuais têm mais valor na cultura brasileira do que a noção de identidade sexual. A construção de gênero definiu o masculino a partir de papéis ativos e ao feminino ficou delegada a passividade. Essas noções implicam relações de poder. Esse modelo durante muito tempo foi reproduzido nas relações entre pessoas do mesmo sexo, nas quais um dos parceiros assumia o papel feminino e o “macho” assumia o papel ativo (FRY e MACRAE, 1991; WEEKS, 2001; PARKER, 2002). Nem sempre essa rígida separação de papéis sexuais, ativo ou passivo, é verdadeira. Mas muitos homens que mantêm relações sexuais com outros homens não necessariamente assumem uma identidade homossexual, quando cumprem um papel ativo na relação. Segundo Parker (2002), existe uma desvalorização de homossexuais que assumem uma postura feminilizada ou que são passivos. Com a assunção da identidade gay, essa reprodução dos papéis de gênero entre pessoas do mesmo sexo foi questionada.

Na cultura sexual brasileira, a masculinidade deve ser afirmada através da postura ativa, da virilidade, da força e da agressividade. As práticas homoeróticas fazem parte dessa construção, na qual o papel sexual (ativo ou passivo) é que define a identidade de gênero. “... essas experiências parecem relativamente disseminadas e, como indica o próprio nome de um jogo como o troca-troca, oferecem aos participantes uma oportunidade de explorar os papéis ativos e passivos.”(PARKER, 2002, p.60). Os comportamentos femininos e a passividade são inaceitáveis, sendo que aqueles que não conseguem assumir uma postura ativa nesses jogos acabam ficando estigmatizados dentro do grupo e adquirindo um novo papel sexual dentro de seu grupo, o de “bicha”, “viado”, “boiola”. Esses atores sociais estão envoltos de estigma e preconceito, chegando até a sofrer a perseguição dos “machos viris” e sendo vítimas da violência. “... porque a bicha viola as expectativas tradicionais de masculinidade na cultura popular, ele(a) é ao mesmo tempo rejeitado(a) e necessário(a).”(PARKER, 2002, p.63).

Segundo Costa (1994), existem quatro níveis que se superpõem: o sexo biológico, a identidade de gênero, os papéis de gênero e a orientação afetivo-sexual. O sexo biológico é aquele determinado geneticamente. A identidade de

gênero é sentir-se homem ou mulher. Os papéis de gênero são as condutas masculinas ou femininas apresentadas socialmente. Finalmente, a orientação afetivo-sexual seria a definição do objeto afetivo-sexual, podendo se dar entre pessoas de diferentes sexos biológicos ou do mesmo sexo biológico. Costa (1994) propõe que os diferentes níveis se interpõem. Esta separação dá margem à explicação das diversidades de identidades sexuais e o autor chega a definir onze tipos sexuais, sem a intenção de criar rótulos ou uma tipologia.

Perlongher (1987) descreveu tipos de homossexuais definidos de acordo com a classe sócio-econômica, idade e gênero. As diferenças econômicas eram observadas pela aparência, modo de se vestir, gastos nos bares e boates e ter carro, sendo definidos como: o cliente pobre; a “maricona fodida”, que era o cliente afeminado e com dinheiro; a “maricona podre”, que se diferenciava por ter dinheiro e ser esnobe; o cliente executivo, que poderia ser um industrial, executivo ou comerciante que tinha dinheiro e que não dava “pinta”; o “professor”, que também tinha dinheiro mas era intelectual. O autor também definiu as nomenclaturas de gênero, onde o critério de diferenciação é ter traços masculinizados ou feminilizados. Em um extremo ficaria o travesti e a “bicha pintosa”; seguidos pela “bicha” que teria comportamentos menos afetados; o “gay” ou “entendido”; o “fanchona” ou “bofe”; que seria o homossexual ativo, másculo; o “enrustido”, que era másculo e escondia suas aventuras homoeróticas. As nomenclaturas definidas pela idade seriam os jovens como o “boy”, a “bicha-baby” ou “bicha jovem,” e os mais velhos como “coroa”, “tio”, “tia”, “bicha velha” ou “maricona”.

A divisão de papéis de gênero também pode ser observada na prostituição masculina (FRY E MACRAE, 1991; PERLONGHER, 1987). Os garotos de programa masculinizados são denominados “michê-macho ou michê-comilão”. Os afeminados podem ser denominados como “michê-gay ou michê-bicha”, e no extremo o “travesti” (PERLONGHER, 1987). Mas, apesar da aparente regra de gênero, os papéis ativos e passivos na relação sexual não necessariamente seguem esse padrão. Segundo Fry & MacRae (1991) é comum travestis terem um papel ativo e michês um papel passivo. Existe uma idéia de que travestis sempre se prostituem, mas isso não é necessariamente verdade. “Travestis/transsexuais não

são sinônimos de prostituição (...) a cada dia nos deparamos com travestis com as mais diversas ocupações.” (PERES, 2004, p.117).

Fry e MacRae (1991) também comentaram que diversos papéis homossexuais vão se transformando de acordo com o local e o segmento social. O contexto social, as condições históricas e a cultura vigente produzem significados associados à homossexualidade.

Com o rompimento de tradicionais papéis sexuais da cultura brasileira, novos estilos sexuais se formaram, semelhantes aos dos grandes centros anglo-europeus. Parker (2002) descreveu os locais de sociabilidade que foram ocupados por transformistas e *drag-queens* (que se diferenciam de travestis por não terem necessariamente uma identidade de gênero feminina), *barbies* (homens fortes, musculosos, “bombados”), boys (jovens homossexuais), bichas (afeminados), bicha velha (homem mais velho, idoso), michês (garotos de programa), travestis (que desempenham papéis de gênero feminino), bofe (que não assume uma identidade homossexual, mas que eventualmente mantém relações com homens), o entendido (que entende a regra do jogo) e o gay (que pode assumir papel ativo e/ou passivo).

Alguns autores (PERLONGHER, 1987; WEEKS, 1991; FRY e MACRAE, 1991; PARKER, 2002) têm apontado para a existência de várias identidades homossexuais ou subculturas gays. Devemos ter uma “compreensão dialética da relação entre contextos e culturas locais, por um lado, e dos processos sociais e históricos mais amplos” (PARKER, 2002, pág. 27).

Com o processo de globalização, a vida cultural e social vem constantemente se modernizando. Segundo Parker (2002), essas mudanças vêm afetando a vida dos brasileiros de forma mais intensa a partir do século XIX, quando o modelo médico passou a servir como tentativa de investigação da homossexualidade como um desvio, uma patologia. Novas categorias surgiram (homossexual, heterossexual e bissexual), delimitando normalidade e anormalidade.

O discurso normativo heterossexual dominante incentivou o preconceito, a estigmatização e a discriminação daqueles que tinham condutas desviantes, que ficaram à margem da sociedade. Expressões afetivas entre pessoas do mesmo sexo são vistas com estranhamento. Não é comum sair à rua e ver casais homossexuais

se beijando ou abraçando, em função do preconceito vivenciado. Os locais de sociabilidade proporcionam essa liberdade, longe dos olhares e chacotas que em geral ocorrem. Nos grandes centros urbanos na Europa e América do Norte ocorreu a criação de guetos, onde homossexuais se estabeleceram, fixando residência. Essas regiões têm comércio especializado, com bares, boates, saunas, cinemas, teatros e grupos de ativismo político, configurando um circuito erótico e social (TERTO JR, 1997). Uma característica importante dos centros urbanos desses países é a forte mobilização política de homossexuais, que se organizaram em comunidades. Esse foi um fator importante para a visibilidade homoerótica e a conquista de espaço, além de ter sido muito importante também para a mobilização para o combate à aids. Essas comunidades rapidamente deram respostas efetivas para o controle da epidemia com programas de prevenção, como veremos a seguir, facilitados pela sua territorialidade.

Segundo Castells (2002), o movimento homossexual foi influenciado pelos movimentos sociais da década de 60, pelo impacto do feminismo que questionou as normas tradicionais de gênero e, ao mesmo tempo, pela violência vivida por homossexuais. Segundo o autor, outros fatores também, contribuíram para o crescimento do movimento gay: o desenvolvimento informacional das grandes metrópoles e a criação de novos empregos fora do contexto controlador das grandes organizações; a liberação sexual e a exploração da transgressão; o desafio feminista ao patriarcalismo, que questionou os papéis masculinos e femininos.

Nos Estados Unidos o levante de Stonewall foi um marco na história do movimento homossexual, reorientando os discursos e traçando estratégias de militância para combater o discurso heteronormativo dominante e os mecanismos repressores (NUNAN, 2003; MOSCHETA, 2004). O movimento homossexual contribuiu para a discussão sobre a identidade homossexual. Em São Francisco, por exemplo, o movimento homossexual cresceu e ocupou regiões da cidade. Os gays assumiram sua condição, “saíram do armário” e ocuparam espaço no cenário social e político. “...os gays se estabeleceram predominantemente em determinadas áreas da cidade, formando autênticas comunas, (...) teceram uma malha de vida social e autonomia cultural: um espaço de liberdade.”(CASTELLS, 2002, p.248).

Para Perlongher (1987), o movimento de vanguarda na década de 70 no Brasil inaugurou um rompimento nos tradicionais papéis sexuais, trazendo à tona

a identidade gay, que rompia com a repetição do padrão dominador/dominado, ativo, passivo, macho/fêmea, bofe/bicha. Segundo Fry e MacRae (1991), com a abertura política do final da década de 70 foi possível criar espaços para discussão de questões relacionadas à homossexualidade. O movimento homossexual tomou força, com a fundação do Jornal O Lampião, no Rio de Janeiro, e do grupo SOMOS, em São Paulo. O movimento fazia uma crítica à reprodução de papéis da cultura sexual dominante, rompendo com a visão essencialista. Surgiu então a figura do “gay” e do “entendido”. “O *entendido* e o *gay* vieram a denominar fundamentalmente pessoas que *transam* pessoas do mesmo sexo sem que adotassem necessariamente os *trejeitos* associados às figuras da *bicha* ou *sapatão*. Ao contrário destas, as palavras não são pejorativas.”(FRY e MACRAE, 1991, p. 24).

No início do século, conceito de homossexualidade ficou restrito às elites culturais e à classe médica. Com a epidemia da aids, cada vez mais essas categorias foram utilizadas (PARKER, 2002). A noção de identidade sexual foi sendo incorporada no discurso, dando significado à experiência sexual, que deixava de ser definida pelas relações de poder (ativo/passivo). O contexto e o momento histórico influenciam esse processo de construção da identidade. “...a relação entre atos sexuais e identidades sexuais não é uma relação fixa e que ela é projetada, a um grande custo, a partir do local e da época do observador para outros locais e épocas. As culturas fornecem categorias, esquemas e rótulos muito diferentes para enquadrar experiências sexuais e afetivas.”(VANCE², apud WEEKS, 2001, p.47).

Para que diferentes identidades se definam, as práticas sexuais e o desejo ocupam lugar central, mas não são suficientes. É necessário um conjunto de pessoas ou uma rede de apoio, que tenha um espaço social, onde significados vão sendo construídos de forma a caracterizar as necessidades de nossos atores sociais (WEEKS, 2001). A identidade homossexual assumiu então um caráter de resistência frente à discriminação e o preconceito social, desafiando o discurso normatizante e possibilitando a assunção de novos papéis sexuais (PARKER, 2002).

² VANCE, C. Social construction theory: problems in the history of sexuality. In: NIEKERK, A.V.K. & MEER, T.V.D. (orgs.) **Homosexuality, which homosexuality?** Londres: GMP Publishers, p.18-19, 1989.

Pode-se entender a identidade como uma percepção de “ser” ou de se diferenciar do “outro”, que possibilita modos de agir e também pertencimento a determinados grupos. Weeks (1995) enfatizou a importância da identidade sexual como parte da identidade do indivíduo, pois constrói um lugar social. Assumir uma identidade sexual automaticamente permite ao sujeito o pertencimento a um determinado grupo, suas práticas, desejos e necessidades. Uma noção rígida de identidade reflete as rígidas explicações binárias do tipo homem/mulher, homossexual/heterossexual, normal/anormal. “A auto-identidade, no centro do que é a identidade sexual, não é algo que é resultado de continuidades da vida do indivíduo ou da fixidez e força de seus desejos. É algo que deve ser trabalhado, inventado e reinventado de acordo com a mudança de ritmos, demandas, oportunidades e o fechamento de um mundo complexo.”(WEEKS, 1995, p.38).

A formação de grupos sociais identificados possibilitou a diversificação de papéis e a criação de subculturas homossexuais, portanto não existe uma única identidade homossexual. As comunidades gays organizadas em grandes centros urbanos, além de criarem territórios gays, ajudaram a criar espaços de resistência e uma política homossexual (WEEKS, 2001). A criação desses espaços possibilitou a resignificação dessas identidades.

Weeks (2001) apontou para diferentes abordagens da identidade sexual, entre elas: a identidade como destino, fruto do essencialismo, que explica a homossexualidade através da determinação genética; a identidade como resistência, questionando as tradicionais práticas sexuais; a identidade como escolha. O autor delimitou quatro fases para a construção da identidade homossexual como escolha. Primeiro o indivíduo toma consciência do desejo e da diferença, depois dá significado a essa diferença, inicia contatos com pessoas com desejos semelhantes e, finalmente, na fase de estabilização incorpora por completo esse novo estilo de vida. Essas fases ilustram o processo de “assumir-se gay”, diferenciando o simples desejo homoerótico do complexo ato que é assumir uma identidade gay.

Diferenciar o desejo e a identidade é importante para entendermos as práticas sexuais de homens que não se identificam como homossexuais ou bissexuais e mantêm relações sexuais (ativas) com outros homens (WEEKS, 1995; PARKER, 2002). “Sentimentos e desejos podem estar profundamente

entranhados e podem estruturar as possibilidades individuais. As *identidades*, entretanto, podem ser escolhidas...”(WEEKS, 2001, p.73).

Assumir uma identidade sexual re-significa para o indivíduo seus desejos e necessidades, delegando um lugar social e possibilitando o “acesso às comunidades de suporte e significado”(WEEKS, 1995, p.43).

Em nosso estudo adotamos o conceito de cenário cultural, subculturas homoeróticas e papéis para explicar o aparecimento de novos padrões de conduta homoerótica, que foram descritos por Perlongher (1987), de acordo com as performances gênero, de idade e de estrato social. Essas classificações, que poderíamos chamar de imagens identitárias (GONTIJO, 2004a), são modelos categoriais que podem definir um mesmo sujeito em momentos ou locais diferentes, dependendo da performance ou da sobreposição de papéis.

Veremos a seguir como o cenário cultural no Brasil influenciou a construção de diferentes locais de sociabilidade de homens que fazem sexo com homens, que foram ocupados por diferentes imagens identitárias e subculturas, constituindo diferentes territórios.

1.3. O cenário homossexual no Brasil.

Segundo Terto Jr. (1997), para se entender a homossexualidade no Brasil moderno deve-se levar em conta as nossas tradições culturais, a colonização, a influência do movimento gay em outros países e a organização brasileira dos papéis de gênero.

Trevisan (1986) abordou aspectos históricos da homossexualidade desde o Brasil colônia. A tese do autor é que a homossexualidade é uma circunstância, que não é relegada ao biológico. Deve-se levar em conta a construção cultural, pois “o desejo sexual não obedece a uma ordem natural e sim a propensões culturais mutáveis no decorrer da história” (TREVISAN, 1986, pág. 19). A repressão sexual ficou caracterizada através de mecanismos sociais de controle, tais como os códigos penais, portarias policiais, movimento inquisitorial e pelo discurso médico.

O início da colonização do Brasil ficou marcado pelas diferenças culturais entre europeus e indígenas, e a sexualidade era uma das esferas que se expressava de forma diversa do puritanismo ocidental. Práticas homoeróticas foram descritas

por Padre Manuel da Nóbrega, por Karl Von den Steinen em tribos Bororó, Darcy Ribeiro, Thomas Gregor, Lévi-Strauss, Florestan Fernandes (TREVISAN, 1986, pág.96). Era comum o pagé manter relações sexuais com os enfermos. Os portugueses identificavam os indígenas com práticas homossexuais e atribuíam ao paganismo. Segundo Trevisan (1986), a devassidão pagã horrorizava a moralidade ocidental, mas também fascinava por todos os atrativos da “sexualidade tropical”, pois os estrangeiros consideravam que abaixo do Equador não existia pecador. O Brasil ficou marcado como uma cultura erotizada.

As práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo ou sodomia, como definia a Igreja na Idade Média, eram consideradas pecado. O Rei D.João III determinou que a sodomia seria punida como crime. Em Portugal o código penal indicava “200 tipos de delitos – entre as quais feitiçaria, homicídio, estupro e sodomia – puníveis com degredo para as colônias (...) o Brasil tornou-se compulsoriamente um foco de liberalidade e promiscuidade no Reino, atraindo aventureiros e traficantes interessados tanto na riqueza fácil quanto nas índias nuas e outras delícias tropicais.” (TREVISAN, 1986, pág. 64).

Durante o período de escravidão verificou-se uma intensa miscigenação entre índios, europeus e africanos. Eram comuns práticas sexuais entre o senhorio e os seus escravos. “...havia amantes gratuitos à disposição; afinal, para o branco, bastava estender o braço e apalpar carnes escravas.” (TREVISAN, 1986, pág.69).

Por outro lado na Europa, com a ascensão da Santa Inquisição, a sodomia estava sendo punida severamente. Os tribunais inquisitoriais julgavam diversos tipos de crimes, entre eles as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Segundo Trevisan (1986), a Inquisição fez a primeira visita ao Brasil em 1591. Nos levantamentos realizados em documentos originais da Inquisição, existiam vários relatos de julgamentos por práticas sodomitas de homens e mulheres, brancos, negros ou indígenas, mas as punições não foram tão severas como a morte na fogueira ou afogamento. Segundo o autor, a Inquisição não foi tão rigorosa em virtude da menor organização social e por ser um ambiente de maior tolerância, mas várias pessoas foram punidas e humilhadas em virtude de suas práticas sexuais desviantes.

Com a independência do Brasil, surgiu o Código Criminal que previa os crimes por ofensa à moral e aos bons costumes. Mais tarde foi criado o Código Penal que não proibia a homossexualidade, mas mantinha os crimes por ultraje ao

pudor. Hoje não existem leis contra práticas homoeróticas, mas as práticas repressivas ainda são legitimadas, pois a homossexualidade pode ser considerada “ultraje ao pudor” (TREVISAN, 1986).

Segundo Trevisan (1986), o controle religioso foi substituído então pelo controle terapêutico, surgindo o termo “homossexual” na Alemanha, em 1869. O homossexual deixou de ser caracterizado como pecador ou criminoso e passou a ser considerado “doente”. No final do séc. XIX surgiu a preocupação com as condições sanitárias, com o corpo, a sexualidade. “... criavam-se rigorosos modelos de boa-conduta moral, através de uma sexualidade higienizada, dentro da família.” (TREVISAN, 1986, pág.106). A sexualidade permaneceu associada à reprodução. A homossexualidade seria então considerada um desvio, que fugia dos padrões de normalidade da conduta sexual “higiênica”.

Segundo Trevisan (1986), estudos foram conduzidos por médicos leigos a partir de 1930 no Brasil, numa tentativa encontrar causas orgânicas da homossexualidade e de proteger a sociedade. A homossexualidade era encarada como uma ameaça à civilização, contra a natureza do homem, impedindo a procriação, algo pernicioso que deveria ser evitado. Surgiram propostas de se criarem leis proibindo práticas homoeróticas, que não se concretizaram. A repressão direta das práticas homossexuais foi mascarada pelos órgãos legais, fazendo uso da lei de ultraje ao pudor. O autor citou inúmeros casos de pessoas perseguidas por suas práticas sexuais.

No Brasil, a noção de identidade gay foi também sendo incorporada no discurso, principalmente após a ditadura, quando se deu o crescimento do movimento homossexual (TREVISAN, 1986). Vários autores discutiram que a identidade homossexual nem sempre é assumida por aqueles que têm práticas homoeróticas (TREVISAN, 1986; PARKER, 2002; SEFFNER, 2003). Segundo Trevisan (1986), a vivência homossexual não se restringiu apenas ao gueto, pois muitos homens têm encontros em locais públicos tais como, banheiros, praças, parques, ou não freqüentam tais espaços, restringindo-se ao seu círculo de amigos e encontros caseiros. Muitos homens casados têm encontros com outros homens e não se consideram homossexuais. Trevisan (1986) relatou o caso de um rapaz que teve relações sexuais com um travesti e não se considerava gay pois afirmou ser ativo na relação. Assumir uma identidade homossexual, portanto, é mais que ter

práticas homoeróticas, principalmente numa cultura onde a idéia de ativo-passivo, típica das relações tradicionais de gênero, marca a sexualidade.

“... aqui se denominará desejo homossexual a uma gama muito diversificada de manifestações de amor entre pessoas do mesmo sexo, ainda quando tais manifestações não caibam na definição estrita de homossexual tal como foi criada pelo discurso médico científico e veiculada pela mídia, neste determinado momento histórico.” (TREVISAN, 1986, pág. 23)

Segundo Trevisan (1986), a homofobia é uma forma de perseguir no outro o seu próprio desejo, ou seja, perseguir aquele que assume uma identidade homossexual que o machão não pode assumir, pois afeta sua masculinidade. No Brasil não existem leis que proíbam a homossexualidade, mas ainda hoje os locais de sociabilidade homoerótica sofrem batidas policiais. Especialmente nos anos 80 a repressão policial foi intensa.

Em um estudo histórico sobre o cenário homossexual em São Paulo, Nestor Perlongher (1987) fez uma etnografia da prostituição masculina e descreveu detalhadamente locais de frequência de homens que fazem sexo com homens. Ele enfatizou a importância dos lugares categoriais que acabam definindo a identidade dos sujeitos, ou seja, em função do espaço e momento em que o sujeito está inserido, pode assumir uma determinada identidade, sendo “macho” em um contexto ou “bicha” em outro.

Através dessas observações etnográficas descreveu como homens gays frequentavam determinados pontos da cidade em busca de parceiros sexuais ocasionais e sem compromisso. Ele descreveu o conceito de região moral, que seriam zonas de “perdição e vício” nas grandes cidades onde os impulsos reprimidos podem ser liberados. O gueto homossexual se restringiu a essa região, até início da década de 90, em São Paulo. Essa região ficou marcada por esses códigos e territórios, definindo a paisagem urbana e relacional.

“... a despeito de seus reclamos de distinção, a massa de gays que circula pelo centro da cidade, num circuito instável e difuso, está em relações fatuais de contigüidade com as demais marginálias que instalam, no espaço urbano deteriorado, suas banquinhas: prostitutas, travestis, michês, malandros e todos tipos de lúmpens.”(PERLONGHER, 1987, p.26).

Nesses locais, o autor considerou impossível pensar em homogeneidade. Sugeriu que a diversidade de subculturas sexuais era infinita e deveríamos entender as micro-redes relacionais. Para Perlongher (1987) é nessa micro-rede que se reproduzem as relações sociais e que também se cria a resistência à ordem

social dominante. A região do Centro assumiu a característica de local onde as marginálias se encontravam.

“O centro da cidade, lugar privilegiado de intercâmbios (Castells), ponto de saturação semiológica (Lefebvre, 1978), é também o local de aventura, do acaso, da extravagância, das fugas. Fluxos de populações, fluxos do desejo: a predileção dos sujeitos à procura de parceiros sexuais do mesmo sexo pelas ruas do centro, detecta Alves de Almeida (1984), não parece ser casual.”(PERLONGHER, 1987, p.48).

O lugar social também é um lugar discursivo, onde se produzem papéis em função do espaço, do tempo e das pessoas com as quais interagimos. Perlongher (1987) descreveu uma tipologia, papéis desempenhados por homens que mantêm relações sexuais com outros homens. As “bichas” são os homossexuais afeminados, as “mariconas” ou “tias” são homossexuais mais velhos, os “gays” são homossexuais que não têm traços femininos, os “bofes” não necessariamente se consideram homossexuais, mas mantêm relações homoeróticas e os “michês” ou “boys”, são os prostitutas.

Para o autor a sexualidade pressupõe uma territorialidade geográfica. Determinados atores sociais ocupam diferentes espaços sociais. Poderíamos acrescentar que os *scripts* sexuais e os territórios se formam através das redes sociométricas e interação entre as pessoas e o meio no qual se encontram inseridos.

Perlongher (1987) afirmou que a região central intensificou a mobilidade moral e uma menor adesão às normas sociais e tabus, propiciando uma menor resistência às minorias. Não é à toa que bares e boates gays tinham uma maior concentração nessa região no início dos anos 60.

Levine (1979) utilizou o conceito de gueto para descrever os bairros gays das grandes metrópoles americanas. Para ser considerado gueto, deveria ter uma concentração institucional, com estabelecimentos comerciais que oferecessem serviços para homossexuais. Também deveria ser uma área de cultura, com a presença de homossexuais e seus traços culturais, de concentração residencial e do isolamento social. As pessoas que fazem parte de um gueto deveriam ser alvo de discriminação e preconceito, o que restringiria suas redes sociométricas. Não utilizaremos aqui o conceito de gueto pois os requisitos são parcialmente atendidos em São Paulo, como também observou Perlongher (1987). A concentração institucional se restringe a locais de lazer e a concentração residencial é mais difícil de ser observada, já que não existem bairros demarcados explicitamente como gays, como, por exemplo, em São Francisco ou Nova York,

onde existem bairros residenciais predominantemente gays. Os requisitos de área de cultura e de isolamento social também se cumprem parcialmente, pois a região central é permissiva para vários tipos de minorias e sexualidades “desviantes”. Em geral a circulação homossexual é predominante no período noturno, nos horários de funcionamento de locais de lazer.

A expansão de locais de frequência homossexual para outras regiões de São Paulo pode ser considerada a expansão da região moral. Segundo Perlongher (1987, p.57) “gays de classe média parecem justapor aos traços de sua subcultura peculiar outros próprios do setor sócio-econômico ao qual se acoplam.” A expansão de bares e boates gays para a região dos Jardins, Pinheiros e Moema está diretamente ligada a fatores sócio-econômicos, aonde vão se delimitando territórios dentro da cidade. Esses territórios são ocupados por subgrupos distintos, com características semelhantes, de acordo com variáveis de renda, escolaridade e gênero. Segundo Perlongher existia a preferência pela circulação por locais da região moral, causada pela discriminação social. Homossexuais não podem expressar livremente afetos e desejos livres de olhares e comentários estrangeiros fora desses territórios. O gueto gay seria então composto pelos sujeitos e locais onde as práticas sexuais seriam expressas, sem limites geográficos extremamente precisos.

Perlongher (1987) descreveu o gueto gay, em 1959, como restrito à região central de São Paulo. Os homens se vestiam de acordo com os costumes da época, de terno e gravata. As relações sexuais repetiam os padrões sociais de gênero masculino-feminino, atividade-passividade e o termo homossexual não era utilizado. “... em geral era de mariconas com machos. Havia uma mentalidade de vanguarda, mais imposta pelo pessoal de teatro, de gay transar com gay...” (PERLONGHER, 1987, p.74). Homens circulavam livremente pelas ruas, bares, boates e galerias do Centro, à procura de novas amizades, paqueras e relacionamentos sexuais ocasionais.

A repressão policial foi um dos fatores pelos quais os locais de frequência migraram para outras regiões da cidade, juntamente com a expansão de bares e boates para a região dos Jardins, nos anos 70. As batidas policiais começaram a afugentar os frequentadores da região central. A “operação limpeza” visou acabar com as “bocas” da cidade, atingindo muito a região central em virtude da alta concentração de travestis e prostitutas. Houve uma redistribuição dos locais de

freqüência, sendo que muitos homossexuais abandonaram locais como a Praça do Arouche e migraram para os bares da Av. Vieira de Carvalho.

Apenas por volta de 1974 foi possível observar o aparecimento do gay como ator claramente identificado nesse cenário cultural. Os homossexuais intelectualizados, de classe média, migraram para a região dos Jardins, mas antes disso ocorrer, a divisão de classe podia ser observada também no Centro, onde territórios eram estabelecidos. O novo modelo rompia com os padrões masculinos/femininos. A nova lógica era ser masculino e procurar um parceiro também masculino, pois a “virilidade gay” era valorizada.

“Durante toda a época se mantém uma diferença de classe muito clara; todos esses locais: Nestor Pestana, Largo do Arouche, eram curtidos por pessoal da classe média. Continuava todo o tempo existindo o foco mais pobre, mais lúmpen, da Avenida Ipiranga e São João e a Praça da República.” (PERLONGHER, 1987, p.82).

Perlongher (1987) descreveu uma divisão espacial em função dos locais da moda, dos comportamentos e da divisão comercial dos espaços. Com a migração da classe média intelectualizada para o Jardins, o Centro ficou caracterizado por ser mais “popular”. O novo modelo gay era a marca desses novos espaços na cidade, acompanhado por todo um sistema de valores que se contrapunha ao modelo bicha/bofe até então vigente. A descoberta do nicho gay como potencialmente lucrativo ocasionou a crescente expansão comercial e a abertura de novos locais de encontro. Além da repressão policial, o aumento da violência no Centro, a expansão comercial e o surgimento do modelo gay foram responsáveis pelo aparecimento de novos territórios. A crise econômica também contribuiu para aumentar as diferenças de classe e a delimitação desses espaços. Juntamente com essas mudanças espaciais, Perlongher (1987) descreveu uma mudança nos padrões de comportamento. “... uma ‘gayzação’ das bichinhas e garotos da periferia, que passam rapidamente a imitar os tiques, as roupas e os gestos dos gays de classe média.” (1987, p.105).

1.4. Territórios.

Novos estudos têm descrito os territórios do desejo e sua importância para a epidemia da aids (BELL & VALENTINE, 1995), afirmando que diferentes estilos de vida homoeróticos criam territórios culturais, políticos e sociais. Pensar em papéis sexuais nos remete então às diversas identidades, diferentes redes

relacionais, cenários culturais e na delimitação de territórios. “Um conjunto de trabalhos está emergindo na geografia que explora a performance das identidades sexuais e o modo como elas se inscrevem no corpo e no território.”(BELL & VALENTINE, 1995, p.8) Os autores citaram o estudo de Levine (1979a) que mapeou os guetos gays, os estudos de migração de gays de Lyod e Rowntree (1978), o estudo de Weightman (1980:9) sobre bares gays que assumiam características dos grupos gays, ou ainda o estudo de Gagnon e Simon (1967) sobre a práticas sexuais em bares gays, o estudo de Lynch (1987) sobre a dificuldade de gays do subúrbio em terem acesso à informações e serviços voltados para homossexuais.

Discutir os territórios de vulnerabilidade nos remete à noção de papéis sexuais, cenários e identidades. Os espaços sociais são ocupados por grupos de indivíduos que se relacionam, que compartilham características em comum ou não, em interações subjetivas especiais de cada cena sexual (PAIVA, 1996, 1998, 2000). Os territórios e cenários sexuais aos quais as cenas sexuais estão referidas vão produzindo comportamentos e atitudes, numa relação dialética entre cenário, identidades e seus atores. Como diriam Bell & Valentine “existem muitos outros territórios do desejo reais, imaginários e fictícios que têm um papel importante em modelar as identidades sexuais (...) qualquer identidade sexual pode assumir um espaço, e um espaço pode assumir qualquer identidade sexual.” (1995, p.18). Observamos a diversidade de atores que se misturam nos locais de sociabilidade, pois o intercâmbio é uma característica importante no gueto gay. As subculturas sexuais ocupam esses espaços, que se tornam locais de interações entre pessoas do mesmo sexo (PARKER, 2002).

Perlongher (1987) definiu os territórios como pólos relacionais.

“Os diversos pólos e categorias funcionariam como pontos de ‘reterritorialização’ na fixação a um gênero ou a uma postura determinada; fixação que manifestar-se-á na adscrição categorial e, correlativamente, na aparência gestual e discursiva, indícios de um desempenho sexual esperado ou proclamado.” (PERLONGHER, 1987, p.151).

Segundo Perlongher (1987), a circulação homossexual ocupou determinados espaços dentro da cidade, delimitando territórios. Esses espaços foram ocupados de acordo com uma identificação com as normas vigentes dos grupos que freqüentavam tais locais. Por exemplo, em São Paulo até os anos 70 o gueto se limitava à região central da cidade. Nessa mesma região diferentes

territórios foram identificados pelo autor: a área Ipiranga que era composta pelas Av.Ipiranga, São João, Largo do Paissandú, Av. Rio branco e os banheiros da praça da Sé, que eram freqüentados principalmente por homossexuais de baixa renda; a área da São João com a Ipiranga, com a circulação dos michês (garotos de programa) e entendidos e bichas-baby; a área da praça da República, onde se observavam diferenças sócio-econômicas pois a praça era um reduto para homossexuais pobres, mas com a instalação do Metrô foi criada uma nova área ocupada por homossexuais oriundos da “elite gay”, freqüentadores em geral da região da São Luis e Marquês de Itu; a área da Av. São Luís englobava a Pç. D.José Gaspar e R. Sete de abril, onde havia um bar “modernoso”. Essa área era freqüentada por homens com maior poder aquisitivo, identificados com outros padrões culturais e de gênero. “Esta ‘vontade de distinção’ a respeito de seus parentes pobres da Ipiranga expressa-se também na distribuição espacial dos diferentes gêneros homossexuais...” (PERLONGHER, 1987, p.117). A área da Marquês de Itú, junto com a Amaral Gurgel, foi ocupada pelos gays após as batidas policiais, mas depois migraram para a Rui Barbosa pois os michês e os travestis começaram ocupar esse espaço. Após algum tempo a Vieira de Carvalho foi ocupada pelos gays de classe média e com a expansão dos estabelecimentos comerciais para outras regiões da cidade, o Jardins se estabeleceu como um novo território dos gays.

Perlongher (1987) descreveu uma diferenciação de tipos de michês, mas em seu estudo também definiu os diferentes tipos de homossexuais, que assumiam diferentes papéis de gênero e classe, que ocupavam territórios dentro da cidade. “...as diferenças de classe originárias se reinterpretem e subsumem em diferenças de *pontos*, que são também diferenças quanto ao estilo, ao gênero, ao tipo de clientela, ao preço, etc.”(PERLONGHER, 1987, p.122).

Esse contraste social ficou mais delimitado após a abertura de bares e boates no Jardins, a boca do luxo, sendo o Centro definido como a boca do lixo. Novas perspectivas surgiram, com a proliferação de códigos e significados dentro desses territórios. Não necessariamente freqüentar a boca do luxo significava ser de classe social mais elevada, mas sim ter uma identificação com a subcultura vigente nesse grupo, ou até uma falsa sensação de ascensão social fugindo de “...um aparelho de captura mais ‘tradicional’ para outro mais moderno...”

(PERLONGHER, 1987, p.127). pois os critérios de classificação seriam outros. No novo modelo de identificação gay, alguns fatores eram valorizados, tais como a masculinidade, a juventude (que expressaria o valor erótico do corpo e da masculinidade) e o papel de gênero (assumindo papéis masculinos ou femininos).

Frequentar diferentes locais poderia então ser um fator fundamental nos papéis socialmente assumidos, segundo Perlongher (1987), gerando novos códigos de conduta, regras sociais e identidades. Os papéis assumidos nessa rede relacional estariam de acordo com a sua ocupação territorial. Nessa perspectiva a identidade não teria tanta importância e sim os códigos relacionais ou papéis assumidos nesses territórios.

“Essa nomenclatura classificatória – que tem alguma coisa de provisória, de mutável – alude a certa frequência de circulação: o grau de fixação dos agentes a um ‘ponto’ (um gênero, uma postura, uma representação, mas também uma adscrição territorial) será determinante para estabelecer seus lugares no sistema de trocas.” (PERLONGHER, 1987, p.153).

Segundo Perlongher (1987), durante a paquera o olhar é um sinal importante de comunicação e estabelecimento de contato, para o reconhecimento do outro, em seu contra-papel. “A rua, ‘o microcosmo da modernidade’ (Lefebvre, 1978) torna-se algo mais do que mero lugar de trânsito direcionado ou de fascinação espetacular perante a proliferação consumista: é, também, um espaço de circulação desejante.” (PERLONGHER, 1987, p.156).

Segundo Bell e Valentine (1995), as áreas urbanas privilegiaram esse tipo de agrupamento por terem uma população maior e garantirem o anonimato e a heterogeneidade. A diversidade de subculturas sexuais e de papéis desempenhados é observada claramente, e os autores citam estudos que descrevem a corporeificação dessas subculturas. “Geógrafos sociais e culturais reconheceram agora que o corpo é politizado (P.Jackson 1993; Pile 1993) e encaram isso como um lugar de resistência e contestação (Dorn and Laws 1994).” (BELL & VALENTINE, 1995, p.9).

A estrutura espacial das grandes cidades proporcionou a ocupação desses territórios. Segundo Knopp (1995, p.149) “Cidades e sexualidades, ambas modelam e são modeladas pelas dinâmicas da vida social humana. Elas refletem os modos pelos quais a vida social é organizada, os modos pelos quais é representada, percebida, entendida, e os modos pelos quais vários grupos lidam e

reagem à essas condições.” Os movimentos sociais e as comunidade são influenciados pela dinâmica das grandes cidades e acabam se tornando mais institucionalizados, de forma a criar códigos sexuais e a realidade é experienciada de acordo com esse cenário cultural. Observa-se uma maior abertura dos espaços urbanos para diferentes expressões da sexualidade, em função das influências culturais e econômicas do mundo ocidental industrializado e globalizado, tais como bares, boates, salas de cinema pornô, saunas, e mais tarde, os quartos escuros nas boates. (PARKER, 2002).

1.5. Os Papéis e a Sociometria de J.L.Moreno.

Nessa perspectiva, em que as diferentes expressões da sexualidade são interpretadas à luz do contexto social, da história de sua construção social e dos cenários culturais em que se realizam, as contribuições de Moreno e do Psicodrama têm sido inspiradoras de modelos e tecnologias para a promoção de saúde sexual. As abordagens para a prevenção do HIV e aids que dialogam com essa perspectiva têm usado técnicas psicodramáticas (*role-playing*, técnica da cadeira vazia, duplo, espelho, solilóquio, realidade suplementar) e o trabalho com cenas para decodificar e conscientizar os sentidos da experiência sexual, dos estigmas e preconceitos, das performances marcadas pelo gênero. Essas abordagens buscam espaços de intervenção dialógica em que o saber técnico da prevenção dialoga com os cenários sócio-culturais para inspirar respostas coletivas e individuais a situações de vulnerabilidade ao HIV (PAIVA 1996, 1998, 2000). Por outro lado, várias noções e conceitos teóricos que têm sido produtivos para pensar a sexualidade e a homossexualidade - as noções de papéis utilizadas por vários dos autores citados nos itens anteriores; conceitos de *scripts* sexuais e eróticos (LAUMANN et al., 1994; PARKER, 2002); performance de gênero (BUTLER, 2001), *scripts* de gênero, cena e sujeito sexual (PAIVA, 2000), e imagens identitárias (GONTIJO, 2004a) – dialogam ou são inspiradas diretamente pela tradição psicodramática. Os conceitos de papéis e redes sociométricas, de Moreno (1997) serão usados na análise dos dados coletados. Utilizamos diferentes referenciais, caracterizados pelo encontro interdisciplinar da Antropologia, das Ciências Sociais, da Psicologia Social e do Psicodrama, para estudar os territórios de vulnerabilidade ao HIV.

1.5.1. Notas sobre a vida de J.L.Moreno.

Jacob Levi Moreno foi o criador do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo. O conjunto de sua produção ficou conhecido pelo nome de Psicodrama, mas não exprime toda a amplitude de sua obra. O cenário sócio-cultural de sua vida e as influências que recebeu de alguns pensadores são interessantes para entendê-la (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988).

Moreno nasceu em Bucareste em 1889 e aos cinco anos de idade se mudou para Viena. Estudou medicina e nessa época fundou a religião do encontro, juntamente com Chaim Kellmer, um estudante de filosofia (MARINEAU, 1992). Nesse período universitário Moreno sofreu influências do hassidismo – movimento religioso judaico derivado da Cabala – e das correntes existencialistas, de Bergson e Kierkegaard. Já demonstrava uma preocupação com as questões sociais e fazia jogos de improvisos nos jardins de Viena com crianças. Fez um trabalho com as prostitutas de Viena, utilizando técnicas de grupo e depois em campo de refugiados na Áustria e Hungria, “um prelúdio ao desenvolvimento da sociometria”(MARINEAU, 1992, p.55).

“O que se pode observar das atividades e idéias de Moreno nesse período são a fé e a crença religiosa, a perplexidade e a dor diante da primeira Grande Guerra, a necessidade pessoal das relações fraternais, simplicidade, despojamento e a busca de uma relação harmoniosa com Deus. Já falava em espontaneidade e criatividade como elementos de superação da doença.” (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p. 35-36).

Em 1915, escreveu o poema “Convite ao Encontro”, que contém as principais idéias de sua teoria: o criador mais importante que a criação, a inversão de papéis e o encontro (MARINEAU, 1992).

Em 1921 Moreno realizou sua primeira sessão de teatro espontâneo, que o inspirou a criar o Psicodrama e seus principais conceitos. O teatro da espontaneidade buscava trabalhar questões emergentes da sociedade vienense pós-guerra, conflitos pessoais e sociais. Eram sessões abertas onde o público participava, rompendo com a separação entre platéia e palco. “Toda a comunidade está presente no teatro da espontaneidade. É o teatro da comunidade. Trata-se de um novo tipo de instituição, instituição que celebra a criatividade.” (MORENO, 1984). A atuação espontânea de papéis visava romper com as conservas culturais e possibilitava experimentações sobre as interações em pequenos grupos. Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), o trabalho de Moreno sofreu severas críticas,

pois não era teatro convencional, com atores profissionais. Então criou o jornal vivo, onde notícias da época eram dramatizadas, que seria a base para a criação do Sociodrama. Com o decorrer das sessões, Moreno percebeu o poder terapêutico do teatro espontâneo.

Em 1925 Moreno se mudou para os Estados Unidos, onde iniciou suas apresentações públicas e direcionou seu trabalho, nessa terceira fase, para a sociometria e o psicodrama. “Elaborou a sociometria no âmbito da sociologia, da antropologia e da psiquiatria social...” (MARINEAU, 1992, p.118-119). Tinha um especial interesse em medir as relações interpessoais e realizou estudos na Escola de Hudson e na prisão de Sing Sing. Moreno elaborou sua teoria sociométrica através de testes que mediam, quantitativamente e qualitativamente, as interações. Toda sua teoria, desde Viena, já pensava o indivíduo como possuidor de recursos espontâneos e criativos, capaz de quebrar com as conservas culturais impostas pelas grandes instituições (família, religião, Estado).

Para Moreno a formação da identidade se dá através da interação do sujeito com seu meio social, a “placenta social”. O conceito de encontro e o diálogo entre Eu e Tu são fundamentais para sua teoria, pois a formação do eu se dá nessa interação, sendo o sujeito fruto das relações interpessoais, fazendo parte de grupos ou entidades sociais.

“...a ênfase no desenvolvimento do indivíduo no grupo e através do grupo. As crianças no Augarten, as prostitutas no Prater e os refugiados no Mittendorf eram todos membros de grupos procurando se realizar...”(MARINEAU, 1992, p.118).

Segundo Marineau (1992), os estudos de Moreno repercutiram entre os sociólogos e ele associou-se a várias Universidades americanas (Colúmbia, Harvard, Nova York e Nova Escola de Pesquisa). Teve contato com Kurt Lewin e muitos de seus alunos eram seguidores de Lewin. Teve também a colaboração de Margaret Mead, Gordon Allport, Charles P. Loomis e Hadley Cantril na revista *Sociometry: a Journal of Interpersonal Relations*, periódico publicado de 1937 a 1955, até ser transferido para a Sociedade Sociológica Americana. Moreno não foi reconhecido pelo seu impacto no campo sociológico, pois abandonou a discussão para outros pesquisadores mais ilustres. “Bem poucos estudantes de sociologia ou psicologia social hoje em dia haveriam de suspeitar do impacto que Moreno causou neste campo, no domínio prático e de pesquisa, há mais de cinquenta anos.”(MARINEAU, 1992, p.129).

1.5.2. Espontaneidade, tele, papéis e redes sociométricas.

“Socionomia é a ciência das leis sociais.” (MORENO, 1999, p.33). A socionomia é composta por três ramos principais: a sociodinâmica, que é o estudo da dinâmica dos grupos; a sociometria, que é a mensuração das relações interpessoais; a sociatria, que é a terapêutica dos grupos (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988). O Psicodrama, que se refere apenas à terapêutica das relações sociais, permaneceu como o ramo mais conhecido no conjunto de sua teoria.

Para Moreno a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade são qualidades inatas. (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988). A espontaneidade é uma resposta nova frente a uma situação, que é adequada e inovadora, transformadora e que não é racionalizada. Para Moreno, quanto mais espontâneo o sujeito é, mais saudáveis serão seus relacionamentos. “...sua proposta primordial é a da adequação e do ajustamento do homem a si mesmo. Nesse sentido, ser espontâneo significa estar presente às situações, configuradas pelas relações afetivas e sociais, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios.” (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.47).

Para Moreno (1997) o papel é a menor unidade de conduta perante uma situação, que sintetiza fatores privados, sociais e culturais. Ao longo de nossa vida internalizamos papéis, que formam nossa identidade. A noção de papel necessariamente remete à relação Eu-Tu e a identidade é um aglomerado de papéis, que vão sendo internalizados durante nossa vida. A identidade se forma nessa interação entre Eu-Outro.

“...o papel é o mais importante fator individual na determinação da atmosfera cultural da personalidade. Os aspectos tangíveis do que é conhecido como ego são os papéis em que este opera... Consideramos os papéis e as relações entre os papéis como o mais importante produto dentro de qualquer cultura específica.” (MORENO, 1997, p.29)

Para Moreno (1954) podemos estudar um sistema cultural através das técnicas sociodramáticas, pois a estrutura grupal se torna visível através das interações sociais. A base dessas interações é a tele, uma capacidade de percepção inata que não se restringe aos órgãos dos sentidos, que pode ser consciente ou inconsciente. A tele é uma empatia mútua que ocorre “entre” duas pessoas, uma percepção interna numa relação intersubjetiva. “A Tele pode, assim, ser considerada como fundamento de todas as relações interpessoais sadias...” (MORENO, 1999, p.45). Através dessa capacidade perceptiva, estabelecemos

relações com outras pessoas e assumimos determinados papéis dentro da configuração grupal e as relações grupais refletem escolhas baseadas no fator tele. Elegemos critérios de escolhas, que segundo Moreno variam de acordo com a cultura. “Buscamos sociometricamente aqueles que complementem positivamente nossos objetivos, rechaçamos outros ou permanecemos indiferentes a terceiros.” (BUSTOS, 1979, p.17). A tele proporciona o vínculo, que não existiria sem a espontaneidade. Os entrelaçamentos desses vínculos formam as redes sociométricas.

Moreno define como átomo social o conjunto de vínculos mais próximos do indivíduo que se entrelaçam quando dois ou mais indivíduos se relacionam. A esse conjunto de átomos sociais (conjunto de vínculos mais próximos) ele dá o nome de rede sociométrica.

“Um átomo social compõe-se então de várias estruturas tele; átomos sociais são, por sua vez, parte de um padrão maior: as redes sociométricas, que unem ou separam grupos grandes de indivíduos devido aos seus relacionamentos tele. As redes sociométricas são partes de unidades ainda maiores, a geografia sociométrica de uma comunidade.” (MORENO, 1954, p.64).

Moreno (1997) define também o átomo cultural, que é o conjunto dos padrões de relacionamentos dos indivíduos, a menor unidade funcional dentro do padrão cultural. Cada pessoa realiza escolhas sociométricas, relacionando-se ou não com outras pessoas. Os papéis expressam a cultura específica de cada grupo. “O adjetivo ‘cultural’ justifica-se quando consideramos os papéis e relações entre papéis como o desenvolvimento mais significativo em qualquer cultura específica (independentemente da definição que for dada à cultura por qualquer escola de pensamento)” (MORENO, 1997, p.403-404).

2. OBJETIVOS

O objetivo principal desse trabalho é descrever como homens que fazem sexo com homens, que freqüentam bares e boates em duas regiões da cidade de São Paulo, ocupam diferentes territórios, compondo subculturas sexuais. As suas práticas sexuais serão analisadas segundo as noções de cenários e condutas sexuais (LAUMANN et al., 1994) e papéis (MORENO, 1997), de forma a compreender a “corporeificação” e “territorialização” de redes relacionais entre HSH.

3. MÉTODO

Este estudo foi desenvolvido em 2 etapas. No início de 1999 foi realizado um mapeamento etnográfico. Em novembro de 1999 os homens preencheram questionários sobre fontes de informação, atitudes e práticas relacionadas à prevenção do HIV/ aids e iniciaram-se intervenções para prevenção de DST's e aids, que ocorreram durante todo o ano de 2000.

3.1. Mapeamento.

O trabalho foi iniciado com o mapeamento de bares e boates de freqüência homossexual, nos principais pontos da cidade de São Paulo. Inicialmente o objetivo era conhecer os locais para o desenvolvimento de intervenções visando à prevenção de DST's e aids. Foram observadas diferenças marcantes entre os locais de encontro de HSH e também diferenças na clientela dos bares, na região do Centro e do Jardins/Pinheiros.

O estudo etnográfico se restringiu ao mapeamento dos locais, à observação da atividade do público e a algumas conversas informais com freqüentadores de bares e boates, que foram anotadas no diário de campo. As saunas, banheiros públicos e cinemas de “pegação” não foram incluídos nesse estudo. Saunas, cinemas ou outros locais de pegação proporcionavam um outro nível de convivência, pois representavam, no imaginário social, o sexo pelo sexo, a busca de prazer, e não necessariamente uma convivência homoerótica. Isso não quer dizer que bares e boates também não proporcionavam uma busca pelo sexo e pelo prazer, mas não de forma tão declarada e explícita como no caso de saunas,

cinemas e locais de pegação. Um exemplo disso foi a transição que algumas boates e “*cruising* bares” fizeram, adotando “*darkroom*” em seus estabelecimentos, ou seja, quartos escuros onde “tudo pode acontecer”. Mas bares e boates proporcionavam um maior nível de socialização onde amigos se encontravam, grupos se reuniam e celebravam aniversários ou “casamentos”, namorados se conheciam, namorados se encontravam ou se desconstruíam. Realizar o estudo em bares e boates foi uma forma de mapear as redes sociométricas de HSH.

Outro fator que influenciou na escolha dos locais foi a facilidade de acesso: cinemas, locais de pegação e saunas requeriam outras estratégias de abordagem para intervenções de prevenção de aids. O foco de nossa pesquisa foi descrever como esses territórios eram ocupados, que papéis os atores desempenhavam no cenário, qual o perfil sócio-demográfico das pessoas que faziam parte dessas redes sociométricas.

3.2. Estudo com base no questionário auto-aplicado.

Foram convidados a participar do estudo homens que freqüentavam bares e boates do Centro e Jardins/Pinheiros em São Paulo como parte de uma estratégia de intervenção comunitária e receberam uma folha de informação sobre o projeto. O questionário foi anônimo, auto-respondido em uma média de 15 minutos, completado no mesmo local onde os homens foram contatados. Os locais, dias da semana e horários foram randomizados e 500 homens responderam ao questionário.

A elaboração do questionário se baseou em algumas variáveis do Modelo de Redução de risco de aids (CATANIA ET AL, 1990), da Teoria de Difusão (DEARING ET AL, 1994) e no conceito de cena sexual (PAIVA, 1996). Também contemplou dados sócio-demográficos, prática sexual e de prevenção de aids.

a. Dados sócio-demográficos³: idade, local de nascimento, escolaridade, salário, raça, locais gays de freqüência.

b. Práticas sexuais⁴: no. de parceiros fixos e casuais, uso de preservativo, freqüência de práticas sexuais.

³ Questões 1 à 11, em anexo.

⁴ Questões 13 à 16, 18 à 21, 23 e 24, em anexo.

c. Negociação do sexo mais seguro⁵: dificuldades em negociar sexo mais seguro.

d. Motivos para não utilizar o preservativo⁶: motivos para interromper uso de camisinha com parceiros, dificuldades em utilizar o preservativo em determinados locais, motivos de não utilização.

e. Percepção de Risco⁷: percepção do risco pessoal de contrair o HIV.

f. Crença na eficácia das medidas de prevenção⁸: percepção da eficácia do preservativo para prevenção de infecção pelo HIV.

g. Auto-eficácia⁹: auto-percepção de que o próprio sujeito é capaz de se prevenir do HIV/aids, manter práticas sexuais mais seguras.

h. Drogas¹⁰: uso de drogas antes ou durante a relação sexual.

i. Teste HIV¹¹: realização do teste e resultado obtido.

j. Canais de informações¹²: meio pelo qual obteve informações sobre DST's e aids.

3.3. Aplicação dos questionários.

Realizados pré-teste e as modificações necessárias, o questionário foi aplicado em 250 homens da região do Centro e 250 da região do Jardins. Os bares e boates foram sorteados, assim como os dias da semana e horários de aplicação dos questionários. O sorteio dos indivíduos não foi realizado por causa das dificuldades impostas pelo campo. Em bares, onde a frequência era menor, todos os homens foram convidados para participar do estudo. Em alguns locais, como a R. da Consolação (Jardins) e na Av. Vieira de Carvalho, existia uma concentração de bares, onde muitos homens ficavam em frente. Era impossível fazer um sorteio nesses locais e nas boates, onde a rotatividade de pessoas era grande. A aplicação foi feita por cerca de três semanas.

A entrada da equipe era mais difícil nas boates. Foram feitos contatos com quase todos os bares e boates gays das regiões centrais, de forma a facilitar a realização da pesquisa. Não foi encontrada dificuldade na aplicação, pois os

⁵ Questões 17, 22, 26.6, 27, em anexo.

⁶ Questões 26 à 28, em anexo.

⁷ Questões 12.1, 12.4, 12.7, em anexo.

⁸ Questões 12.2, 12.5, 12.8, em anexo.

⁹ Questões 12.3, 12.6, 12.9, em anexo.

¹⁰ Questão 29, em anexo.

¹¹ Questões 31 à 33, em anexo.

freqüentadores dos locais sorteados prontamente se dispunham a participar da pesquisa. Os homens que responderam à pesquisa recebiam preservativos, gel lubrificante e material educativo. Eles demonstraram interesse pelo projeto. Muitos queriam ter mais informações, elogiavam a iniciativa e expressavam sua satisfação em participar. Nitidamente alguns pareciam se sentir valorizados, pois estávamos procurando conhecer melhor a vida deles, mesmo diante do preconceito e da discriminação profundamente arraigados em nossa cultura.

O trabalho de campo trouxe, conseqüentemente, outras demandas. Durante a aplicação dos questionários, os participantes aproveitavam para tirar suas dúvidas com relação às formas de transmissão do HIV/aids, doenças sexualmente transmissíveis, formas de prevenção e testagem para o HIV. A própria aplicação dos questionários tornou-se uma espécie de intervenção, de reflexão, onde os participantes pensaram em suas práticas sexuais e nos riscos envolvidos. Verificou-se que os homens traziam dúvidas com relação às formas de transmissão, especialmente no sexo oral. Relataram dificuldade em manter práticas seguras de forma freqüente e consistente, e medo em fazer o teste e descobrir que eram portadores do HIV.

3.4. Atividades de Prevenção de aids.

As intervenções serão descritas nesse trabalho com o objetivo de adicionar mais dados sobre os bares e boates das duas regiões estudadas, pois observamos diferenças significativas na abordagem dos trabalhos de prevenção de aids, que podem ilustrar, além das diferenças nas subculturas locais, o conceito de territórios e como esses espaços se tornam palco de cenas sexuais de risco, tornando-se territórios de vulnerabilidade. A descrição dos sucessos e fracassos de nossa intervenção fornece subsídios para a elaboração de futuras abordagens mais eficientes nos trabalhos de prevenção.

As intervenções foram realizadas com a colaboração de HSH que participavam do Centro Acadêmico de Estudos Homoeróticos da USP (CAEHUSP), um grupo de militância homossexual. O grupo se reunia semanalmente e realizavam discussões, palestras e workshops, com temáticas relacionadas à homossexualidade, cidadania, preconceito, discriminação,

¹² Questões 34 e 35, em anexo.

sexualidade e aids. Alguns de seus membros participaram de treinamentos realizados pelo projeto SOMOS, que visava a capacitação de grupos homossexuais para o desenvolvimento de programas de prevenção de aids entre HSH. Trabalhar com rapazes desse grupo, que freqüentavam os locais de sociabilidade homoerótica e faziam parte dessas subculturas, facilitou o mapeamento etnográfico e a realização das intervenções. Foram realizados treinamentos sobre DST's e aids com sete voluntários, visando à capacitação para o desenvolvimento de atividades de prevenção de aids com homens que fazem sexo com homens. Os treinamentos foram realizados no formato de workshops, utilizando dinâmicas de grupo e técnicas psicodramáticas. As técnicas de *role-playing* e cena aberta em psicodrama foram utilizadas com o objetivo de treinar a abordagem de HSH nos bares e boates. Leituras e discussão de textos foram realizadas de forma a aumentar o nível de informações sobre DST's e aids, formas de transmissão e aspectos relacionados com a prevenção.

Dois principais grupos de atividades foram desenvolvidos pelos membros da equipe, na fase de intervenções: um componente cujo foco era o grupo, realizado através da intervenção nos bares e boates e um componente com um foco mais individual, com algumas atividades de workshops.

Os proprietários ou gerentes de bares e boates gays da cidade foram contatados, com o objetivo de facilitar a entrada da equipe nesses locais para a aplicação dos questionários, para a distribuição de material educativo e realização do trabalho de prevenção. Os agentes multiplicadores apresentavam uma carta assinada pelo NEPAIDS-USP e Programa Estadual de DST/AIDS, de forma há facilitar a execução do trabalho e liberar o ingresso em locais pagos.

As intervenções foram iniciadas em fevereiro de 2000. Foram confeccionadas camisetas do "Projeto Sexualidades", com uma foto (capa desse trabalho) e os nomes das entidades colaboradoras, como forma de prender a atenção dos freqüentadores de tais locais e identificar os agentes multiplicadores.

A equipe era dividida em subgrupos para realizar as intervenções nas duas principais regiões da cidade. Os multiplicadores abordavam os freqüentadores dos bares e boates, apresentavam a proposta do projeto, distribuíaam materiais educativos, preservativos e convites para os workshops que seriam realizados e se colocavam à disposição para tirar dúvidas sobre DST's e aids. Nas boates que tinham shows, a presença dos multiplicadores era anunciada. De acordo com o

relato de experiências anteriores do grupo Pela Vidda-SP, as intervenções em tais locais deveriam ter um tom divertido e erotizado, de forma a mobilizar os homens para a participação das atividades paralelas. Juntamente com o material educativo e preservativo, foram distribuídos convites para os workshops contendo o local, data e tema a ser abordado.

No decorrer do projeto foram realizados workshops de prevenção de DST's e aids. De acordo com as experiências adquiridas pela equipe da ABIA, Pela Vidda e projeto Bela Vista, o tema da prevenção de aids se esgotava e/ou não despertava o interesse de muitos que, em geral, achavam que já conheciam o suficiente e que não tinham chance de contrair o HIV. Parte da relutância se devia ao fato de muitos homens evitarem assuntos desagradáveis ou de que a prevenção da aids não era a primeira entre outras necessidades percebidas de alguns HSH. Falar de prevenção significava falar sobre todos aspectos envolvidos na construção social da sexualidade, da identidade sexual e psicológica. Segundo Mota (1998), a continuação de práticas sexuais de alto risco entre HSH está ligada ao isolamento social e aos conflitos sócio-culturais causados pelo preconceito e discriminação relativos a homossexualidade. "... são os fatores socioculturais e suas determinações no comportamento sexual que vão definir os conhecimentos e a compreensão necessária ao desenvolvimento de respostas mais efetivas aos riscos impostos pela epidemia." (MOTA, 1998, p.57). O objetivo das atividades paralelas era discutir a prevenção atrelada a outros temas, tais como: sexualidade, cidadania, identidade homossexual, discriminação. Foram utilizadas dinâmicas de grupo, gincanas, sessões de vídeos e debates.

As reuniões estavam programadas para serem realizadas nos finais de semana no período da tarde ou durante a semana no período da noite. Uma parte do tempo foi reservada para discutir a prevenção de DST's/aids e outra parte designada para as atividades paralelas. Foram utilizadas dinâmicas de grupo e técnicas psicodramáticas para discutir o uso de preservativo e sua erotização, práticas sexuais, a negociação com o parceiro, percepção de risco frente ao HIV/DST's.

3.5. Procedimentos de análise dos dados dos questionários.

O Pacote Estatístico para Ciências Sociais (SPSS/PC+8.0) foi utilizado para analisar os dados do questionário. Para todas as perguntas do questionário

foram elaboradas tabelas de contingência e realizados testes de qui-quadrado a um nível de significância de 5%, como forma de testar a hipótese de que as diversas variáveis se distribuem de forma idêntica. Os dados serão analisados com cautela, pois a nossa amostra não seguiu todas as exigências de uma amostra probabilística. Os bares e boates foram sorteados, assim como os dias da semana e horários de aplicação dos questionários, mas o sorteio dos indivíduos não foi realizado frente à dificuldade que o campo impôs. Diversos estudos com HSH têm utilizado amostragens semelhantes, já que essa é uma população de difícil acesso. No estudo realizado por Franco et al. (1998), em São Paulo, foi utilizada uma amostra de conveniência com 300 HSH, coletada em espaços fechados e abertos, ONG's e rede de amizades.

“Uma vez que uma parte significativa dessas práticas sexuais ocorrem na clandestinidade e, em decorrência desse fato não existem dados oficiais que permitam desenhar uma amostra probabilística, ficou evidente a impossibilidade da construção de uma amostra totalmente representativa, tornando-se portanto, prudente realizar a análise dos dados coletados para a população em estudo, de forma bastante cautelosa, na medida em que não consideramos representativa da população alvo para a cidade de São Paulo.”(FRANCO et al., 1998, pág.51).

Os resultados dos questionários serão analisados de forma a ilustrar questões suscitadas no mapeamento etnográfico e das anotações no diário de campo. O objetivo dessa tese não é descrever os dados obtidos como representativos de HSH da cidade de São Paulo, mas é, acima de tudo, observar se existem diferenças relevantes nas subculturas sexuais para se planejar a prevenção de aids de acordo com os locais de frequência de homens que fazem sexo com homens e que se traduzem nas diferenças significativas observadas entre as respostas obtidas em dois territórios distintos.

4. MAPEAMENTO DOS LOCAIS DE SOCIABILIDADE HOMOERÓTICA

Inicialmente realizaremos uma descrição do mapeamento etnográfico, em forma narrativa, focalizando na descrição dos locais de sociabilidade homoerótica, atores sociais e papéis desempenhados. As anotações de diário de campo também proporcionaram a inclusão de narrativas de alguns de nossos protagonistas. Em alguns momentos da análise dos resultados serão descritos dados gerais sem a intenção de criar rótulos ou padrões gerais, mas descrevendo a diversidade de subculturas sexuais de homens que fazem sexo com homens.

No próximo capítulo será realizada uma síntese dos aspectos gerais de bares e boates do Jardins e Centro, onde serão incluídos também os dados obtidos nos questionários como recurso para demonstrar diferenças significativas encontradas nessas duas regiões. Não se deve esquecer que os dados resultantes da amostra coletada, através dos questionários, não são representativos de homens que fazem sexo com homens, mas descreve uma parcela daqueles homens que freqüentavam bares e boates gays em São Paulo. Considerando que esses homens ocupam determinados espaços sociais, será descrita uma parte dessas redes relacionais e diversas subculturas sexuais. Outros homens, que não freqüentavam bares e boates, mas freqüentavam saunas, parques, ou simplesmente se restringiam ao seu círculo de amigos, não foram abordados. Provavelmente dados diferentes seriam obtidos em função da posição desses homens, dos locais que freqüentam, das subculturas estruturadas em função dos territórios e de suas redes relacionais.

Iniciamos o mapeamento etnográfico em junho de 1998. No total foram visitados 58 locais freqüentados por HSH. Alguns desses locais não necessariamente eram identificados como bares ou boates gays, mas tinham freqüentadores com essa orientação sexual ou eventualmente promoviam festas para esse público.

A seguir, será realizada uma descrição dos bares e boates mapeados durante a primeira etapa desse estudo.

4.1. Centro.

Bar do Camilo

A diferença da realidade social vivida no Centro de São Paulo foi sentida já no caminho para o bar. Era uma noite bastante fria e nos deparamos com muitos moradores de rua embaixo do Elevado Costa e Silva, todos dormindo enfileirados nas calçadas entre papelões e cobertores velhos. Era impossível negar o receio de perambular pelos guetos das ruas do Centro, por causa da violência tão presente na vida diária da metrópole.

A equipe se encontrou na R. Vieira de Carvalho e caminhamos até o bar, situado na R. Vitória, uma rua escura e com vários bares. Acima da entrada havia uma bandeira do arco-íris (símbolo do movimento gay) pendurada. Era um bar bastante simples, estilo “boteco”, com pouca iluminação, paredes azulejadas, algumas mesas de ferro e um balcão oval no centro. Os homens sentavam-se ao redor do balcão, de onde era possível ver todos que circulavam no local. Todos que entravam no bar eram submetidos aos olhares dos frequentadores já instalados no balcão e mesas. A faixa etária era bastante variada, com jovens, adultos e até homens de meia idade. Alguns deles aparentavam ser de classe social mais baixa, vestidos com roupas simples. Em uma das mesas havia dois travestis.

Um dos rapazes sentado no balcão parecia triste e começou a conversar com a equipe. Ele era delegado de polícia e estava bem vestido. Disse que havia descoberto havia poucos dias que era soropositivo e falou sobre o término de um relacionamento amoroso. Segundo ele, as pessoas que frequentavam o bar moravam na região.

Outros dois homens, de meia idade, disseram que frequentavam o bar havia 26 anos. Eles moravam nas imediações e trabalhavam na construção civil. Um deles era casado e tinha filhos. O outro morava sozinho e se identificou como “entendido”. Segundo esses dois informantes o bar tinha 31 anos de existência e que era um ambiente “familiar”. Eles disseram que o proprietário também era gay e que todos se conheciam havia muitos anos.

“As pessoas que frequentam aqui são simples. Todo mundo se conhece e se protege. Ladrão e drogado não entra aqui não.”(sic).

Mesmo os recém chegados eram incluídos nessa rede de proteção. Tínhamos a sensação que “cuidavam” de nós, novos frequentadores do bar, por

exemplo, quando eu fui ao banheiro e ocasionalmente um rapaz entrou no banheiro errado. Instantaneamente os dois se levantaram e pediram para que o rapaz usasse outro banheiro. Eles disseram que alguns anos antes ocorreram assaltos dentro do banheiro. Em outro momento um rapaz, jovem e bonito, sentou-se ao lado de um dos pesquisadores. Os dois homens, com quem conversávamos, avisaram para não nos aproximarmos do rapaz, pois era um michê interessado na “boa aparência” do pesquisador, que era um homem mais velho e exibia uma bela jaqueta de couro. Eles já identificavam possíveis situações de perigo e nos alertavam.

Enquanto conversávamos com nossos informantes, o garçom saiu do balcão e colocou um outro rapaz para fora do bar. Depois soubemos que ele se envolvia com drogas e que esse “tipo de gente” não entrava no bar.

“Aqui os próprios freqüentadores ajudam os garçons a colocarem os ‘encrenqueiros’ para fora.”(sic).

L. e S. nos falaram sobre os bares da região e sua freqüência. Na mesma rua tinha o Bar do Vicente, ao lado do bar do Camilo, que era freqüentado por pessoas também da região. No largo do Arouche tinha o Trabuço, um boteco freqüentado por muitos TRAVESTIS e que era “barra pesada”. Na Vieira de Carvalho havia quatro bares, o Habeas Copus, dois botecos ao lado (que se tornaram uma extensão do Hábeas) e o Caneco de Prata.

“No Habeas Copus tem muito MICHÊ e BICHA VELHA, homens de meia idade. Tem também muito EXECUTIVO, que é o pessoal que trabalha no Centro e vai pra lá pegar os BOYS.” (sic)

O Caneco de Prata era um bar para homens mais velhos, até terceira idade, as TIAS ou BICHA VELHA, antigos freqüentadores dos guetos do centro da cidade. Eles também falaram sobre os bares na região da Pç. Roosevelt, que eram freqüentados por homens mais jovens, mas disseram que não gostavam desses bares e que preferiam o bar do Camilo pois tinham muitos amigos lá.

Habeas Copus

Bar situado na R. Vieira de Carvalho, com um balcão ao lado esquerdo da entrada e mesas ao lado direito. Com as paredes pintadas de vermelho, pouca luminosidade sobre as mesas e música, o ambiente tinha uma um clima propício

para namorar. O bar estava cheio, com alguns homens sentados no balcão e alguns em pé. Mal podíamos transitar pelo corredor.

A freqüência do bar era bastante diversificada, com alguns jovens entre 20 e 25 anos, homens adultos e alguns de meia idade. A clientela era diversificada durante a semana, com muitos EXECUTIVOS, vestidos de terno e gravata provavelmente por terem vindo diretamente do serviço. Muitos deles eram homens de meia idade e pudemos identificar mais claramente a presença de MICHÊS no local. Havia alguns rapazes mais novos, bem vestidos, que em geral estavam sozinhos e ficavam “caçando” homens mais bem vestidos e com melhor poder aquisitivo.

Conversamos durante algum tempo com o garçom que nos informou que os proprietários do bar eram dois antigos garçons do bar Caneco de Prata que compraram esse bar havia dois anos. O local não era gay anteriormente.

“Os EXECUTIVOS e BICHAS VELHAS vêm aqui pegar os MICHÊS e os BOYS. Aquele ali faz programa.”(sic)

O garçom indicou um rapaz que estava no balcão. Disse que sempre ia ao bar e saía com homens mais velhos. Ele estava bem vestido, de terno, com a camisa aberta e colocava a mão dentro da camisa, acariciando de peito e permanecia com seu olhar sério à procura de uma paquera. Após algum tempo um homem de meia idade parou ao seu lado e ficaram conversando, até que os dois saíram juntos do bar. O garçom disse que era um lugar bem freqüentado, por PROFESSORES. Apontou para alguns dos freqüentadores, indicando:

“Esse é dentista, aquele é médico, esse é professor.” (sic)

Conversamos com um rapaz sentado no balcão. Ele tinha cerca de 38 anos de idade e era médico. Ele disse que preferia os bares do Centro, porque as pessoas eram mais amigáveis e verdadeiras.

“Não gosto dos bares dos Jardins porque as BARBIES fazem carão. Ficam desfilando suas roupas de marca e só querem aparecer. Aqui no Centro converso com as pessoas, gente simples ou não. Encontro amigos de verdade.”(sic)

Botecos da Vieira de Carvalho

Ao lado do Habeas Copus se situavam dois bares, na Av. Vieira de Carvalho. As pessoas ficavam do lado de fora sentadas, na mesa ou em pé no balcão ou calçada. A entrada era estreita, com um balcão ao longo do bar e mesas

de ferro na calçada e nos fundos. Os bares eram azulejados, bastante iluminados, sem nenhum requinte. A cerveja era mais barata que nos outros bares na mesma rua. O movimento se concentrava no balcão e nas mesas de fora. Aqueles que não tinham dinheiro ficavam em pé na calçada paquerando. A frequência era predominantemente masculina. Tentamos conversar com o garçom, que não soube dar nenhuma informação sobre o bar. A idade dos frequentadores era em torno de 20 a 40 anos, aparentemente de classe baixa ou média, vestindo calça jeans, camiseta e tênis, sem muita preocupação com o “visual fashion”. Eventualmente apareciam alguns homens bem vestidos. Os homens mais velhos, as TIAS, se concentravam mais no Habeas Copus e no Caneco de Prata. Alguns grupos de homens permaneciam em pé, na calçada, onde a paquera acontecia. A presença de MICHÊS e BOYS era visível, que se insinuavam para homens mais velhos, bem vestidos, que apareciam na rua.

Caneco de Prata

Um dos bares mais antigos de São Paulo, situado também na R. Vieira de Carvalho. Esse minúsculo bar sempre intrigou a comunidade como um local tão pequeno poderia abrigar tantos frequentadores. Na verdade, ele atende uma população de senhores, a TIA ou BICHA VELHA, acima de quarenta anos que desejavam exercer uma vida social e sexual e contavam com pouquíssimos locais para isso. Invariavelmente, essa população atraía uma equipe de trabalhadores do sexo que sempre estavam à disposição de atendê-la. Apesar de ter resistido bravamente à concorrência do bar do outro lado da rua, conhecido maldosamente pelo nome de INPS, frequentado pela mesma população, graças à fidelidade de seus antigos clientes; ele vem sofrendo muito com a crescente fama do Habeas Copus, que fica no quarteirão ao lado. De uma certa forma, o local mantém características e serviço de boa qualidade, daquilo que remonta os anos sessenta e setenta. Tornou-se ponto de encontro de amigos. Anteriormente a concentração de MICHÊS era grande, mas com a abertura do Habeas Copus, eles se deslocaram para esse novo bar.

Vermont

Bar que foi recém-inaugurado na Av. Vieira de Carvalho, atendia a demanda de revitalização do Centro de São Paulo. O bar tinha um balcão no piso inferior,

onde era possível comprar uma bebida e ficar parado, vendo o movimento da rua. No piso superior havia algumas mesas onde alguns casais de homens ficavam namorando ou grupo de amigos conversando. O bar fugia do estilo dos botecos da região, se destacando pela decoração. Teve uma boa aceitação por parte de clientes mais exigentes. Era freqüentado por jovens e homens mais velhos, freqüentadores assíduos da região central, mas não era o local de preferência dos BOYS e MICHÊS.

Rainha Vitória

Bar e restaurante também inaugurado recentemente, na Av. Vieira de Carvalho, perto do Largo do Arouche. O local tinha um balcão no fundo do bar, onde alguns homens permaneciam sentados, e várias mesas onde era possível jantar ou simplesmente tomar um *drink*. Era possível observar que muitos freqüentadores dessa região se conheciam e saíam em grupos de amigos. A paquera era intensa e muitos saíam acompanhados do bar, no final da noite. A freqüência era predominantemente masculina, de jovens e homens de meia-idade, em geral bem vestidos, mas sem a preocupação estética característica do Jardins. Os preços eram mais altos que os outros bares da região, o que demonstrava uma intenção em selecionar os freqüentadores do local. Muitos MICHÊS ficaram atraídos pelo local por ter clientes em potencial para fazerem programas.

Chopp Escuro

Situado na R. Marquês de Itu, a um quarteirão da Amaral Gurgel. O bar era amplo, com mesas em toda sua extensão, bastante antigo e tradicional na região. Seu cardápio era bastante variado e serviam refeições. Tinha porções apetitosas, o que era atrativo para grupos de amigos que em geral iam ao bar para beber cerveja e conversarem. O bar tinha um ambiente agradável e tranquilo. A região tinha muitos pontos de prostituição e boates de sexo explícito que funcionavam à noite. A população que freqüentava era de baixa renda e residiam nas imediações do bar, que tinha um movimento maior no período noturno. Havia alguns grupos de amigos, homens e mulheres e alguns casais, a maioria gays e lésbicas. Podemos identificar casais heterossexuais, mas eram minoria. Os garçons eram simpáticos e prestativos. A paquera acontecia de forma discreta e era raro ver troca de carinho e beijos entre os casais.

Bar Xereta

Situado na esquina da R. Augusta com a Pç. Roosevelt, era um boteco antigo na região. O bar tinha um balcão ao lado direito da entrada, onde algumas pessoas estavam sentadas e no fundo havia algumas mesas de ferro, com pouca iluminação, onde vários casais estavam namorando. Ao lado tinha um *Junk Box* onde as pessoas escolhiam músicas e alguns casais dançavam. Havia homens e mulheres no bar, muitos casais de gays e lésbicas. Alguns dos frequentadores eram TRAVESTIS e prostitutas que perambulavam pela região. Também observamos a presença de um grupo de rapazes que pareciam estar negociando drogas.

“Aqui no bar tem muita prostituta, travestis e traficantes, que vendem pro pessoal que passa por aqui.”(sic)

“As pessoas que vem aqui são meio duras... tomam uma cerveja e vão perambular pelos outros bares da vizinhança.”(sic)

As pessoas que frequentavam o bar pareciam ser de classe baixa, que moravam nas imediações ou então na periferia. Os bares do centro da cidade eram de melhor acesso por causa da disponibilidade de transporte público para todas as regiões de São Paulo. As músicas escolhidas para serem dançadas eram samba e pagode. Os rapazes no balcão ficavam paquerando todos que passavam pelo bar. Tentamos conversar com um dos garçons, que não foi simpático e cortou a conversa rapidamente. Após algum tempo entraram dois rapazes distribuindo convites de duas boates do centro: a Davic e a Red Point. O bar estava na rota de bares e boates da Pç Roosevelt. Alguns homens ficavam transitando entre o Bar do Corsário, Chico's Bar, Xeque-Mate e o Xereta.

Xeque Mate

Boteco situado na R. Augusta, ao lado do Xereta. Havia várias mesas na frente do bar. Era um bar mais tranquilo e quem desejava um ambiente mais silencioso se encaminhava para esse bar, pois o Xereta era um bar de passagem, que tinha um “agito” maior. Quando estávamos na porta do bar passou um homem todo ensangüentado, com uma camiseta no rosto e falando muito alto. Parecia ter brigado com alguém na rua. Ele entrou no bar e saiu a seguir, indo em direção ao Xereta e Pç. Roosevelt. Tínhamos a nítida sensação de estarmos em terreno

perigoso. Um dos rapazes no bar comentou que a região era barra pesada, que tinha muita prostituição, drogas e assaltos a carros. Ele disse que o Xereta era um bar de paquera, mas que o bar onde estávamos era um local para namorar. Era um local que não era aconselhável andar sozinho à noite.

Corsário e Chico's Bar

Ao lado da Pç.Roosevelt havia dois bares, o Corsário e Chico's Bar. Ao lado da praça encontramos um grupo de homens fumando maconha. Encontramos também moradores de rua.

Em frente aos bares havia um muro onde vários rapazes ficavam sentados conversando com os amigos ou paquerando. A calçada era o local de “caça”. Em noites quentes, os bares ficavam lotados e eram ponto de encontro daqueles que moravam na região ou que vinham de outros bairros.

“Aqui é ponto de encontro da galera, para paquerar e para depois a gente vai para alguma boate do centro, até dar a hora de pegar o ônibus pra voltar pra casa.”(sic)

A população feminina era escassa. Os freqüentadores eram mais jovens que nos bares da Vieira de Carvalho. Encontramos alguns TRAVESTIS do lado de fora do bar. Entramos no Corsário e sentamos em uma mesa nos fundos do bar. Havia um balcão lateral logo à frente do bar onde alguns rapazes ficavam sentados ou então vinham até lá para pegar bebida e voltavam para o calçadão. Havia um *Junk Box* no fundo do bar onde as pessoas escolhiam músicas, mais modernas do que no Xereta, estilo Rock e Dance. Era visível a diferença entre os rapazes desse bar e do Xereta. Apesar de provavelmente serem de mesma classe social, havia uma maior preocupação estética. No balcão tinha um homem que observava todo o movimento do bar, tipo um “leão de chácara”. Uma das mesas ao nosso lado tinha um rapaz que debruçou e parecia dormir. Esse homem levantou-se e pediu gentilmente para que o rapaz se levantasse e acertasse sua conta no bar. No fundo do bar tinha um grupo que estava dançando ao lado do *Junk Box* e fumando maconha. Observamos a presença de diferentes tipos de homens: másculos, afeminados, jovens, alguns mais velhos, travestis e michês. Um dos garçons confirmou nossas impressões:

“O calçadão aqui dos bares é local de encontro, onde se vê de tudo. Tem drogado, puta, viado, macho, boy, michê.”(sic)

Ferro's Bar

Bar e restaurante tradicional e antigo na região, situado na R. Martinho Prado, perto da R. Augusta. Serviam refeições e durante o dia era freqüentado por profissionais que trabalhavam na região. Famoso pela sua deliciosa porção de Frango à Passarinho e pela simpatia dos garçons. Era freqüentado mais por casais e mulheres, mas também freqüentado por homens. A faixa etária dos freqüentadores era maior do que os bares da região. Durante a noite não era um bar de “agito” e sim um local de ponto de encontro de velhos amigos gays. Os freqüentadores eram de uma faixa etária maior que os dos bares da Pç. Roosevelt.

“A gente vem aqui pra encontrar os amigos. Aqui a gente se sente em casa. Não é lugar pra paquera... Pra isso tem que ir pra outros bares ou boates do Centro.”(sic)

Sky

Boate situada na R. Sto Antonio, cujo destaque principal era o espaço com dois pavimentos amplos, isolados e com funções diferentes. O piso inferior funcionava como uma discoteca, com uma pista de dança pequena, um excesso de mesas e cadeiras e um bar. A discoteca funcionava de forma precária, com uma qualidade de som ruim, se comparada às boates mais famosas. O som “dance” e “tecno” era predominante, mas se alternava com algumas seleções anos 70 e 80. O piso superior apresentava uma característica rara de ser encontrada em boates gays – música ao vivo. O salão era iluminado e decorado por um requintado gosto brega, com tipos muito interessantes que perambulavam por lá, em sua maior parte casais de mulheres, que pela aparência revelavam pouca disposição na forma física, mas muita eficiência nas evoluções da dança que se seguiam em ritmos populares entoados por duas cantoras, esforçadas em dar um ar animado ao baile – pelo menos mais competentes do que a música bate-estaca represada nas profundezas da casa. Mulheres de todos os tipos, alturas e idades se apresentam desinibidamente pela casa, mas um batalhão de “falsas-mulheres”, masculinizadas. As TRAVESTIS também marcavam presença, como se estivessem festejando um evento especial naquela noite. Todos pareciam se conhecer, pois a circulação entre as mesas era intensa e era possível notar muitos grupos de amigos que tornavam o ambiente bastante agitado. Comportamentos muito desinibidos, exagerados, contrastavam com poucos rígidos e afetados, na maneira artificialmente fina em que se apresentavam; revelavam dificuldade em sintonizarem-se a um padrão de comportamento identificado como padrão para

ambientes finos (falar baixo, poucos gestos, vestir-se com discrição etc). Juntamente com as CAMINHONEIRAS, estavam seus amigos gays, extremamente afeminados, ressaltando sua preferência sexual e seus trejeitos.

“Aqui no centro as BIBAS são mais simples, de pouca grana. Já no jardins tem as BICHAS RICAS, que têm grana, e as que querem que os outros acreditem que elas têm grana. Elas dão o truque...”(sic)

Essa boate parece que mantinha a fidelidade de seus clientes, especialmente por ser um dos poucos lugares que conjugavam tranqüilamente uma juventude efusiva, com casais de mulheres de meia-idade, gostos musicais diferentes e clientelas diferentes. A frequência de homens era bem menor do que a de mulheres. Mas a casa permanecia lotada até o final da madrugada, especialmente com os jovens. Alguns se arriscavam nos “corujões” ou “madrugueiros”, que eram linhas de ônibus que percorriam algumas partes da cidade durante a madrugada.

“Muita gente vem pra cá pra namorar, pois não tem onde ficar, pois mora com a família. Marcam encontro e ficam a noite toda, nos amassos...”(sic)

Nostro Mondo

Conhecida com a boate gay mais antiga de São Paulo, situada na R. da Consolação, tinha mais de vinte anos. Era identificada como local de frequência muito popular, mas que conservava charme e atrativos muito interessantes, especialmente em suas matinês de domingo. Transmitia, de forma muito generalizada, uma alegria esfuziante pela surpreendente sucessão de piadas, imitações, respostas improvisadas e bastante originais da “hostess” e das DRAG-QUEENS (apresentadoras de espetáculos). Os shows eram marcados por um encadeamento hilariante e constrangedor de preconceito, lugar-comum, despojamento e autocrítica. A seriedade que impressionantes DRAG-QUEENS e TRAVESTIS davam às suas interpretações contrastava profundamente com a absoluta originalidade e percepção crítica ao gosto popular do que era identificado como moda, pelas caricatas (transformistas que se vestem jocosamente).

Grupos de amigos ocupavam a maior parte do espaço e, pela estimulação do que acontecia no palco, uma profusão de brincadeiras e risos neles se espalhava. Havia um clima de bastante descontração que possibilitava uma ampla participação da platéia nas performances dos artistas. Nesses intervalos de espetáculo, a oportunidade de paquerar, aproximar-se e tentar um contato com

alguém era muito grande, geralmente, quando alguma “balada melosa” era entoada por algum transformista mais afetado.

Nas sessões de “bate-estaca” de dança, a casa mantinha uma linha mais popular dentro deste estilo, dando amplo espaço aos últimos sucessos de Madonna e às cantoras da moda. Nesse momento, uma profusão de performances, de absurdas a requintadas, preenchiavam o espaço, nem tão ocupado como em tempos atrás, mas que refletiam uma alegria sem constrangimentos dos clientes. Os mais tímidos e motivados a uma “caça” eficiente, postavam-se na periferia da pista e dali estabeleciam suas estratégias de ação – o clima de descontração contribuía para o sucesso das investidas. Na parte do fundo da pista, ficava o bar que geralmente era ocupado pelos senhores ou quem estava em processo de conhecimento e/ou bate-papo – ali também a paquera era muito eficiente e exigia menos esforço físico por não ser exigido que se dançasse o tempo todo.

A composição dos clientes variava muito. A boate recebia muitos dos clientes do Burguer and Beer, que queriam dançar e não pretendiam se deslocar para um lugar mais distante. A maior parcela de clientes compunha-se de jovens (às vezes muito jovens) provenientes de bairros da periferia que riam da própria condição às piadas e provocações da “hostess” que, na verdade, tinha um conhecimento vivenciado dessa realidade.

Um dos méritos da casa era sua capacidade de adaptar-se às necessidades e às transformações da noite gay. Nesse processo, até um *darkroom* foi adaptado na parte dos fundos do prédio, com exibição de vídeo e sala de pegação, mas que parecia não funcionar muito bem pela distância da pista de dança. Sua estratégia de marketing parecia funcionar bem, além do privilégio da localização e boa fama nas classes populares. A clientela do Jardins considerava a casa “podre” e nada agradável esteticamente. No final da noite muitos saíam acompanhados ou se aventuravam no *darkroom*.

“Quando bate a hora da chepa, no final da noite, você fica com o que restou... o que importa é ficar com alguém... Vai pro *darkroom*, não importa com quem.”(sic)

American Graffiti

Conhecido também como Bailão ou Baile da Terceira Idade, situada na R. Marquês de Itu, essa casa se tornou um dos lugares mais pitorescos da noite gay, dada à sua profusão de tipos de todas as idades e estilos. A predominância absoluta, e referencial de interesse era de senhores acima de 40 anos (as BICHAS

VELHAS, TIAS, PROFESSORES...) e seus admiradores (que pode abrigar tanto MICHÊS, BOYS, BOFES, quanto senhores de mesma idade). O ambiente era muito pequeno e ocupava o que foi antes uma das boates mais famosas de São Paulo, a “Homo Sapiens”. A circulação era muito difícil. A seleção musical era característica, onde se podia ouvir de tudo, num impressionante espectro cronológico e de variação de estilos, que fazia a festa da maioria e o protesto de alguns. As manifestações mais exacerbadas aconteciam quando boleros e músicas de Frank Sinatra eram tocadas. Mais uma vez, era uma casa na qual grupos de amigos, fechados e numerosos, se reuniam para uma brincadeira. Aliás, esse era o grande tom da casa, que se estendia pelos fundos e parte superior (um mezanino), nos quais muita “pegação” e paquera se desenrolavam, fustigadas pela intensa agitação e compressão do local.

Muitos pares se formavam na evolução da noite, mas muito poucos se estabeleciam por muito tempo. Os *habitués* sempre tomavam os mesmos lugares. Em geral, gostavam de impedir o acesso ao pequeno balcão da pista central – talvez uma maneira de serem notados e conseguirem algum esbarrão mais audacioso.

O local impressiona também pela quantidade de MICHÊS. Aqueles que preferiam pagar a entrada, a ficar do lado de fora, eram conhecidos do dono da casa e eram normalmente controlados pelo grande número de seguranças que ali trabalhavam.

Blue Space

Escondida no bairro da Barra Funda, numa rua de antigas fábricas, essa casa era um antigo cinema que foi reformado. A entrada principal não estimulava muito o ingresso, mas tinha um amplo espaço interno, próprio de um cinema. As instalações pecavam pela falta de conservação e decoração, inapropriados a uma casa noturna gay. A aparência dava um toque decadente ao local, que tentou atualizar-se na moda com um *darkroom* improvisado nos fundos. No dia da visita, celebrava-se a “Noite dos *Bears* e seus admiradores”. Por definição, o *BEAR* era um homem portentoso (no sentido mais amplo do termo) e peludo que, ao contrário, das *BARBIES* não demonstrava preocupações com definição de formas corporais ou afilamento do abdômen, ao contrário. Era visível a variedade na noite gay, com os *BEARS*, *BARBIES*, *CLUBBERS*. Festas eram realizadas e territórios

eram demarcados. De qualquer forma, os *bears* era um desses seguimentos que mais estava sendo evidenciado no momento. Recebia muitas homenagens e noites especiais. O Blue Space promovia bailes, animados por uma competente equipe composta, obviamente, por algumas DRAGS e alguns BEARS já consagrados pelo público da casa.

A dinâmica da casa se desenrolava num clima bastante familiar, pois parecia um grande grupo de amigos que se encontravam para se divertir. Mesmo os admiradores avulsos eram reconhecidos pelos componentes do grupo e sua história completa revelada prontamente. A “pegação” era muito discreta e tudo parecia se resumir ao encontro e celebração de amigos, reservando-se ao privado os acontecimentos mais importantes. A sala escura da casa era muito pouco freqüentada e no banheiro, pouca agitação. A casa era freqüentada por homens de classe média ou média-baixa, sem aquela preocupação estética típica dos bares do Jardins.

Burger and Beer

Esse bar, na R. da Consolação, era uma expansão do antigo Baguete, e abrigava um público variado proveniente, em grande parte, da saída do cine Belas Artes ou do Centro. Esta lanchonete foi aos poucos sendo assumida por uma clientela homossexual que, apesar da notória homofobia de seus proprietários, encontrou ali uma opção interessante, mais barata e de maior circulação, aos bares fechados e boates movidas pelo som “tecno” ou “bate-estaca”.

Na verdade, esse local conquistou grande popularidade, especialmente pela sua visibilidade. O grande afluxo de jovens (BOYS) e senhores de meia-idade (BICHAS VELHA e TIAS) que, pela lotação do local, concentravam-se em grande número do lado de fora do estabelecimento, logo chamou atenção dos transeuntes, particularmente daqueles que se prostravam no ponto de ônibus, tensos, mais pela evolução do que ocorria ali dentro do que pela demora do ônibus. Muitos faziam uma intensa investigação do local, e, invariavelmente, acabavam entrando; o que não deixava de ser um mérito e um fator de sucesso da casa, pois através daquele imenso aquário - característica de sua arquitetura - era possível ver entre alguns impressionantes CLUBBERS, indiscutíveis MICHÊS e fantásticos TRAVESTIS, muita gente comum - nada próxima ao estereótipo “positivo” (o gay super produzido, expansivo, com passagens por Nova Iorque)

ou o “negativo” (o gay afetado, de gesto e verbo agressivo). Graças também a essa visibilidade o local sofreu com os ataques dos que passavam de ônibus ou de carro, tendo havido inclusive uma invasão dos “carecas” (um grupo reacionário, neonazista; naturalmente homofóbico). Alguns problemas com a própria segurança da casa surgiam, até que um acidente grave aconteceu. Um grupo entrou atirando e um cliente foi assassinado. Depois disso “amenizou-se” a forma como ela agia no local.

A dinâmica da casa era impulsionada basicamente por grupos de amigos que se encontravam para um bate-papo, por alguns novatos que pareciam não ter uma rede de amigos formada, meia dúzia de MICHÊS e distribuidores de convites (que insistiam em chamar de *flyers*) geralmente travestidos, para atrair clientela. Muita gente passava por ali, antes de decidir qual era a boate mais interessante para ir. A decisão se baseava na divulgação das boates, festas especiais, o “point do momento” e a oferta de convite VIP, que liberava o pagamento de entrada.

Assim, o fluxo de gente era bastante previsível, com o pico do movimento às 23:30, meia hora antes do final do horário de descontos de entrada das boates locais; à 00:30 baixa e retomada do pico à 01:00. O movimento da boate Nostro Mondo, que ficava na quadra seguinte, colaborava nessa variação do movimento.

Do balcão oval da entrada, era possível controlar todo o fluxo de pessoas que entravam e saíam do bar. Os grupos de amigos ocupavam as mesas laterais, servidas por dois garçons. Os mais tímidos ocupavam o balcão maior, no fundo, onde era difícil reconhecer alguém que estava ali, pela distância da porta e da rua.

A música alta e selecionada pela clientela (*juke box*), a iluminação forte do local e o afluxo desordenado de pessoas, favoreciam um tipo de “paquera de periscópio” ou “comportamento de ventilador” ou “ação metralhadora” como diziam, pelos quais paquera-se várias pessoas ao mesmo tempo - a mais adequada era abordada com um sorriso, uma aproximação sucessiva, divisão de uma cerveja etc. Se isso não dava certo, retomava-se o estágio anterior e reiniciava-se o processo.

A casa, que existia havia seis anos, conheceu grande popularidade em seus três primeiros anos, mas acompanhou a decadência geral observada nessa região. Apesar de nunca ter sido considerado um local de “nível”, por tratar-se de uma simples lanchonete, mantinha sua popularidade.

Bar Eros

Situado na R.Sto.Antonio, era um bar predominantemente feminino, mas alguns grupos de rapazes freqüentavam o local. O bar tinha uma espécie de biombo na entrada, que não permitia o acesso visual de quem estava dentro. Do lado esquerdo havia um balcão em quase toda a extensão do corredor, que se abria em um salão nos fundos onde um grupo tocava música ao vivo e os casais de mulheres ficavam dançando. Os homens estavam mais concentrados na parte inicial do bar, sentados no balcão ou nas mesas ao lado. A paquera acontecia de forma discreta e os casais eram comportados, sem muita “pegação”. As pessoas eram visivelmente de classe média baixa, mas com um poder aquisitivo maior do que os outros bares da região, por exemplo, o Xereta.

Conversamos com dois rapazes que estavam no balcão. S. tinha ficado viúvo recentemente, após um relacionamento de oito anos com um rapaz que morreu de aids. Ele disse que gostava do bar, pois conhecia todos que freqüentavam, que era de fácil acesso por morar na região havia oito anos e que preferia os bares do local, pois na região dos Jardins o pessoal tinha “nariz empinado”(sic). L. era mais jovens e disse que gostava de freqüentar o bar e que paquerava muito, mas que tinha medo que os caras fossem michês.

Boate Túnel do Tempo

Situada na R. dos Ingleses, era uma boate antiga na região, que fazia parte do circuito gay do centro da cidade. A entrada era discreta, em uma parte escura da rua, perto do Teatro Ruth Escobar, e a casa ficava abaixo do nível da rua, de onde se ouvia um pouco da música. Ao descer as escadas, nos deparamos com um bar, que ficava fora do casarão, e algumas mesas. A pista ficava nesse pavimento e descendo uma escada chegava-se ao porão, escuro, úmido e aconchegante, onde tinha outro bar, com mesas, música ambiente e alguns casais namorando. A paquera acontecia mais no pavimento superior, na pista de dança e no bar. A freqüência era heterogênea, com homens e mulheres, mas o público masculino predominava. Os homens aparentavam ser de classe média, jovens, bem arrumados. Não chegavam a ser como o público da região dos Jardins, mais requintados e que faziam “carão”. Havia interação entre os freqüentadores, que não se preocupavam em “fazer a linha fina” ou “bicha chique” ou “barbie”.

Era comum que alguns pedissem gentilmente para você ser mensageiro de um “torpedinho” (bilhete de paquera, tipo correio elegante) para algum rapaz que estava nas imediações. No meio da madrugada aconteciam os shows de DRAG QUEENS. A casa tinha por tradição ter Silvete Montila, Drag Queen famosa da noite gay em São Paulo, como sua Hostess. O show geralmente era bem humorado, no espírito das DRAGS, que convidavam alguns dos frequentadores para ir ao palco. No dia em que a equipe foi ao local havia uma festa. Os amigos do aniversariante fizeram uma surpresa, levando a mãe dele. Ela fez um discurso bastante afetivo, enfatizando a importância da aceitação da homossexualidade do filho por parte da família. As pessoas que subiram ao palco eram de regiões periféricas de São Paulo, como: Guaianazes, Itaquera, etc. A faixa etária era diversificada, de 18 até 50 anos, mas predominando os jovens.

“Na pista a ferveção rola solta. A gente dança, brinca, solta a franga.”(sic)

Alguns que chegavam a tirar a camisa e deixavam o corpo em exposição, tudo num clima extremamente sensual e erótico. Olhares, paqueras e beijos *calientes* eram comuns, com a possível troca de telefones e uma noitada fora da boate.

Red Point

Alocada num grande sobrado da R. Frei Caneca, essa casa oferecia muitos espaços de circulação e misturava serviços de bar, restaurante e boate com razoável competência. Não teve muito sucesso, pois as boates do centro dificilmente recebiam os *habitués* do Jardins, com melhor poder aquisitivo. A casa, no entanto, tornou-se conhecida pelos "shows" que produzia – em destaque o dos leopardos, que impressionavam pela performance de seus corpos de atores. A frequência, na maior parte, era de garotos e garotas de poder aquisitivo médio e moradores do Centro.

A agitação maior acontecia na pista de dança que se localizava numa parte adaptada do fundo do casarão. Havia um grande palco, quase no nível da pista que dividia o espaço no meio. Ali também aconteciam as poucas "pegações" da noite e não havia um espaço que poderia ser caracterizado como *darkroom*. A parte superior, no restaurante, era em geral frequentado por grupos de amigos que eram acompanhados no jantar por música ao vivo e, em geral, eram pessoas de meia-

idade. Ao final dos espetáculos, era possível "cruzar" com alguns dos rapazes que faziam os shows no palco, sempre dispostos a um programa especial.

Bares do Largo do Arouche

Sobreviventes da época de ouro do Lgo. do Arouche, quando toda a movimentação homoerótica acontecia por lá por volta do final dos anos 70, ainda mantinham sua frequência. Por costume ou saudade não abandonaram o local. Um fator que também contribuiu muito nessa persistência era o ambiente agradável e exuberante do pequeno bosque do largo. Dos bares era possível desfrutá-lo completamente e, por isso, a maior frequência ao local se dava aos domingos à tarde.

Todos os bares eram muito estreitos e colados um ao outro. A disposição das mesas em fileira avançava pela calçada e só não se misturavam umas com as outras pelas cores diferenciadas que tinham. Como a maioria das pessoas ficava sentada, o fluxo pelo bar era pequeno, mas o grande interesse era pelas pessoas que passavam pela calçada.

Na época da pesquisa, além dos saudosistas moradores da região, casais heterossexuais e grupos de amigos, a maioria de classe média e baixa, seguraram a pequena frequência que ainda existia no local. Alguns TRAVESTIS e MICHÊS perambulavam por esses bares à noite.

Andrea de Maio

Famosa por controlar uma boate no Centro da cidade, Andréa de Maio, um travesti de quase dois metros de altura e mais de cinquenta anos, arrecadou mais fama que dinheiro. O bar e boate localizado na Av. Amaral Gurgel podia ser considerado como o mais decadente de toda a São Paulo. Quem passava pela avenida, podia avistar o bar que ficava na esquina e, assim, tinha um panorama do que acontecia naquele "complexo" turístico. Muitos TRAVESTIS faziam uma pausa no trabalho que desenvolviam do outro lado da avenida. Em geral, como sempre estavam muito eufóricos, produziam cenas explícitas de confusão e disputavam em altos brados quem possuía o repertório mais vasto de chistes e trejeitos. Não era exatamente um lugar que estava no roteiro gay da cidade. Ninguém o recomendaria, pois, normalmente, eram indicadas diversões e não aventuras. A prostituição e o tráfico de drogas na região era visível.

266 West

Famoso pelo clima aconchegante e romântico, teve seu auge no início dos anos 80, quando toda a R. Marquês de Itu concentrava a atenção da população HSH e dos visitantes (curiosos e candidatos). Esse bar, que poderia ser comparado a um “pub”, passou por muitas transformações, sempre em movimento decadente. A observação do local poderia revelar sua falência completa pela toda falta de circulação de fregueses. No entanto, o que de fato aconteceu foi a transformação do bar em ponto de encontro de MICHÊS. A surpreendente revelação desse fato deu-se numa visita quando uma espécie de recepcionista acomodou os visitantes, ofereceu-lhes bebida e contou-lhes um pouco sobre o sistema da casa. O sistema todo era gerenciado pela casa e não por uma agência ou espontaneamente pelos rapazes. Os encontros podiam ser agendados antes e o lugar serviria apenas como ponto de encontro para o programa. Durante a conversa, os rapazes que estavam no local revelaram que em geral a negociação era iniciada com R\$ 300,00, mas que dependendo do cliente, isso poderia ser reduzido até R\$100,00. A maioria dos clientes eram executivos, de passagem pela cidade, que requisitavam seus serviços. Alguns se tornavam freqüentadores assíduos. Poucas mulheres os requisitavam. Segundo comentário dos freqüentadores do Chopp Escuro, que ficava exatamente ao lado, ali servia também como local de tráfico de droga. Em nenhum momento os rapazes tocaram no assunto.

4.2. Jardins.

Boate Bloom

Situada na R. da Consolação, no Jardins. Esse local foi sede de várias boates: o famoso Malícia, local preferido dos GAYS havia 10 anos atrás; a Shelter; o Latino Club, da Bebete Indart, “figurinha carimbada” da noite *clubber* gay de São Paulo, que teve seu tempo de sucesso mas depois fechou; o Galpão, festas ocasionais promovidas pelo dono do Bar Paparazzi, que ficava ao lado, que faziam muito sucesso entre o povo CLUBBER e GAY; e finalmente o local ressurgiu sob a direção de uma mulher de meia idade, lésbica e conhecedora da noite gay. Não era difícil encontrar *flyers* (pequenos folders com propaganda da

boate, que oferecem descontos) e convites VIP em bares da região. Após as 22 horas, alguns rapazes e moças contratados pelas boates gays saíam pelos bares de São Paulo distribuindo *flyers* para atrair o público para a casa noturna.

A equipe permaneceu cerca de 3 horas no local. A população era composta majoritariamente por homens, por algumas mulheres que estavam em grupos de amigos e quatro casais heterossexuais. Na entrada da boate havia algumas DRAG-QUEENS, que fizeram performances durante a noite, e Go-Go Boys – homens musculosos, atraentes, de sunga, que dançam e chegam a tirar a roupa mas sem expor publicamente os genitais. Em geral as pessoas paravam de dançar, admiravam e vibravam com os shows. Havia um hall após a entrada com sofás, onde algumas pessoas estavam sentadas e um longo corredor, com os banheiros ao lado e logo à frente o bar e pista de dança. Havia uma escada lateral para acessar o andar superior, onde havia outro bar e um espaço para dançar, de onde podia se ver a pista no andar abaixo, e uma parte nos fundos, mais privativa, com mesas e uma tv onde eram passados clips musicais e eróticos.

Os freqüentadores estavam bem vestidos, alguns num estilo *clubber*, outros com camisetas grudadas no corpo, calças da moda e cortes de cabelo modernos. A maioria era jovem, alguns com corpo “malhado”. O consumo de bebidas era grande e nos banheiros era visível a movimentação de alguns rapazes para “retocar a maquiagem”(sic) ou “dar um tiro”(sic) como diziam, ou seja, cheirar cocaína. Na pista a paquera era intensa, a “caça”. A boate não tinha espaço de “pegação”, as *darkrooms*, espaços fechados e escuros onde tudo poderia acontecer. Tudo começava na pista, com música “tecno”, ou “bate estaca” como diziam. Olhares se cruzavam e a “a caça está rolando solta”(sic). A aproximação acontecia e uma dança sensual e provocativa dava continuidade à paquera, até o momento da “malhação”, onde os paqueras se “atracavam”, “amassavam” e depois trocavam telefones ou então davam continuidade ao programa fora da boate.

Pitomba

Surgido após alguns anos do fenômeno Burguer & Beer, essa era uma versão chique que curiosamente também se localizava na R. da Consolação, mas no setor “nobre”, no Jardins. Sua proximidade das boates do Jardins, a agradável e “estilosa” decoração da casa (dois ambientes, bem planejados, a parte de cima

bem apropriada para uma conversa mais íntima), “roubaram” a uma parte da freguesia do Burguer.

Nesse bar, na sua primeira fase, era possível comprar uma cerveja e saboreá-la na calçada ou mesmo sentar-se numa das mesinhas que ali fora ficavam. Aliás, o grande movimento do bar ficava do lado de fora. Antes de seguirem rumo às boates (Disco Fever, Bloom, Massivo etc), as pessoas faziam sua parada no local, especialmente para engrossar a turma e saber qual o “must” da noite e, além disso, dar uma paquerada rápida. Uma das premissas que aos poucos foi incorporando-se à cultura local era a de que pessoas desacompanhadas tinham muito pouca chance de conseguir algum programa ali. A paquera parecia ser facilitada para os participantes daquele grupo. Talvez isso servisse de referência classificatória.

O primeiro fator de decadência do local, após um ano de absoluto sucesso, foi a chegada dos vendedores de cerveja, que vendiam pela metade do preço. Aos poucos, notou-se o progressivo esvaziamento do interior do bar, enquanto a rua ficava absolutamente tomada. Após uma denúncia realizada à vigilância sanitária, que realizou uma vistoria surpresa no meio de uma noite agitada, onde personalidades “globais” (atores famosos) estavam presentes, a casa foi fechada.

Após alguns meses o bar foi reaberto, mas com um funcionamento diferente, onde os clientes deveriam pagar para entrar e um alto preço de consumação era cobrado. O local perdeu toda a sua freguesia para uma casa próxima.

A população que freqüentava é bastante diferenciada do Centro da cidade. Em geral eram homens bem vestidos, com roupas da moda, de classe média e alta.

“Aqueles que não tinham dinheiro em geral não dão a pinta que são durangos”(sic).

“Eles ficam em cima do salto e não descem”(sic)

Alguns freqüentadores mantinham a aparência, vestiam-se bem e freqüentavam esses bares a procura de uma paquera, pois se identificavam com as subculturas vigentes no local.

“O Jardins é freqüentado pelos malhados, ricos, falsos ricos, cheirosos, metidos.”(sic)

Garden

O inesperado fechamento do Pitomba deu vigor repentino a essa casa, com um espaço maior e multifuncional. Nesse bar a pessoa podia beber com os amigos, dançar numa pequena discoteca no piso superior ou mesmo jantar, além de paquerar e conseguir um programa. Tudo isso sem ter que pagar ingresso. Também era possível transitar pela calçada, que foi sendo ocupada aos poucos, tomando imensas proporções, espalhando-se para o outro lado da rua, tomando o posto de gasolina ao lado e complicando ainda mais o trânsito. A maioria dos que passavam de carro por ali estavam procurando exatamente a aglomeração para paquerar.

A frequência do local era bem parecida com todos os outros bares do Jardins: CLUBBERS, DRAG-QUEENS distribuindo *flyers* de boates, algumas “BIBAS” (bicha afeminada) ou “BARBIES” (homens que “malham” em academias em tem corpos esculturais), alguns jovens e mulheres, que eram minoria.

A história desse bar modificou-se depois que, convencidos do absoluto sucesso da casa e a impossibilidade de atender tanta gente, os donos resolveram cobrar entrada. Isso foi sentido como um “golpe” e os clientes reagiram como tal.

A retomada de um espaço desativado, que havia obtido mais interesse do público gay que o próprio Pitomba, proporcionou a migração da clientela. O antigo Flag, sob nova direção, visual e nome (Allegro), recuperou seu público.

Allegro

Bar também situado na R. da Consolação, na região do Jardins. A grande reforma que fizeram no local, tornou-o mais amplo e funcional. Imediatamente atraiu de volta os antigos clientes. Aliado a isso, o fato de ter uma nova direção possibilitou-lhe reconquistar a simpatia dos clientes, que os antigos proprietários insistiam em fazer perder (havia uma política de discriminação e seleção na porta, que proibia a entrada de travestis ou clientes mal vestidos).

Da entrada até o fundo do bar havia um grande corredor, que nas horas de pico ficava quase impossível de se transitar. Porém, o que parecia ser um problema de estrutura, na verdade, funcionava como uma chance de aproximação, de toque e, com alguma sorte, trocar um sorriso e/ou um cumprimento. A escada

lateral que dava acesso ao restaurante tinha um patamar de onde era possível se obter uma visão panorâmica do local.

Sua clientela compunha-se, basicamente, de pessoas da classe média e alta. Era um local famoso por ser freqüentado por homens bonitos, pelas BARBIES e GAYS, uma passarela de desfile de modas. É como se fosse uma vitrine, com todos em exposição. Era comum ver alguns fazendo “carão”.

Tem as BARBIES e as BICHAS RICAS que têm uma atitude esnobe e o nariz empinado. Entram no bar desfilando e não olham para os lados.” (sic)

O bar ficava lotado e a rua fica tomada por grupos de amigos. Até os carros encontravam dificuldade em passar. A paquera era intensa, mas programas eram mais difíceis. Muitos homens afirmavam que era difícil conhecer alguém ali. Uma boa parte das pessoas apenas passava pelo bar para depois se dirigir a uma boate. Uma outra parte resistia até o final da noite e, com algum sacrifício, conseguia alguma paquera.

Os bares do Centro são lotados e sujos, com shows baratos e caricatos. No Jardins os lugares são mais caros, de bom gosto, com pessoas exibindo o corpo malhado. É mais divertido.(sic)

Disco Fever

Durante um curto espaço de tempo, essa casa tornou-se uma das mais freqüentadas de São Paulo. Muito atribuído ao seu “DJ”, Mauro Borges (tipo BARBIE). Era um reduto de CLUBBERS (jovens que seguem à risca as últimas novidades da moda do mundo gay), jovens, adolescentes, BARBIES, BIBAS, GAYS e simpatizantes. Grupos de amigos se reuniam para dançar freneticamente e sem limites, o que denominavam de “ferveção”; havia também muitos homens que preferiam ficar fora da pista de dança, nos arredores ou no pavimento superior. Dali era possível ter uma noção precisa do clima de excitação do local, pois paralelamente à música em altíssimo volume, gritos esparsos de frenesi total espalhavam-se por toda a casa.

No bar a paquera se desenrolava e, conseqüentemente, a pegação ficava por ali mesmo. Ao final, ficava a impressão que muita agitação, mas pouca consecução se desenrolava.

A casa era freqüentada por muitos casais simpatizantes, heterossexuais, ou amigos(as) de grupinhos gays, pela própria ferveção associada com a noite gay. Também observamos a freqüência de bissexuais, que saiam à caça das garotas na

pista. Várias vezes parte da equipe feminina foi assediada pelos transeuntes da boate. Era um clima de “vale tudo”, onde a moda era ser bissexual.

A casa era situada na R.Bela Cintra e roubava grande parcela da clientela gay da região do Jardins. Depois se mudou para a Av. Ibirapuera, quando houve uma grande inauguração. No local havia uma outra boate famosa do público masculino, a Gent’s. Essa boate fechou e depois de alguns meses a Disco Fever se transferiu para esse local, mais amplo e venerado pelos GAYS e BARBIES paulistanos.

No pavimento superior havia alguns sofás onde os casais namoravam e transavam. Pudemos observar “pegações” ardentes entre homens e até um casal hetero em uma transa discreta, entre roupas, no escurinho. Ao lado esquerdo da pista, abaixo do pavimento superior, muitos ficavam parados no escurinho e muita “pegação” acontecia. Do lado esquerdo, antes de chegar à pista havia um espaço ao ar livre, onde grupos se refrescavam do calor estonteante e alguns fumavam maconha. Era comum também ver no banheiro alguns homens cheirando cocaína. Em quase todas as casas noturnas isso acontecia, mas sempre de forma discreta e sem confusão.

Boate Massivo

Situada na Al.Itu, era uma boate heterogênea, freqüentada por CLUBBERS, GAYS, LÉSBICAS, SIMPATIZANTES da noite e muitos BISSEXUAIS. As terças e quintas-feiras eram noites identificadas como gay, mas que era possível ver alguns casais heterossexuais na pista. Nos outros dias existia uma freqüência gay, mas não tão acentuada. A casa era bastante antiga na região e conhecida pela boa música, “dance e tecno”. O ambiente era composto por dois andares, com a pista, bar e *darkroom* no primeiro pavimento. No andar superior havia outro bar e um pavimento que rodeava toda a casa, de onde podia se ver a pista abaixo. Um dos corredores tinha o formato de gaiola, onde alguns dançavam freneticamente, que era interligado com outro *darkroom*.

“A pegação rola solta aqui. Homem fica com homem, mas às vezes pinta uma mulher...”(sic)

Era possível ver vários casais homossexuais e heterossexuais se “amassando” pelos cantos da casa, ou então dentro do *darkroom*, onde tudo podia acontecer. A paquera começava na pista ou no balcão do bar e seguia seu curso

até o *darkroom*, onde tudo terminava. Esse local era bastante escuro, onde não era possível ver claramente o que acontecia lá dentro, mas era possível “sentir” o que acontecia, ver vultos, gemidos e barulhinhos característicos. Não era possível verificar se eram relações sexuais que ofereciam risco. Dentro daquele espaço tudo podia acontecer. Alguns entravam sozinhos e encostavam-se na parede, à espera de algum “corpo” que passasse a sua frente. O *darkroom* era sinônimo de sexo fácil e sem compromisso.

Conversamos com um grupo que estava no bar do piso superior e uma das garotas, que se identificava como bissexual, contou que tinha ido ao local com os amigos despreziosamente e que havia “ficado” com três rapazes naquela noite. Contou que o primeiro conheceu na pista de dança, onde começaram a dançar e se beijar e depois foram ao *darkroom* para “ficarem mais à vontade”, longe da vista de admiradores. Perguntamos se aconteciam relações sexuais lá e ela respondeu que com ela nunca “transava” com penetração, apenas uns amassos ou no máximo masturbação mútua. Disse que ao sair do *darkroom* ficou conversando com seus amigos no bar onde estávamos e que outro cara a abordou. Conversaram, se beijaram e ele queria levá-la ao *darkroom*, mas ela se negou. O rapaz saiu à caça de outra pessoa e acabou a noite com um outro rapaz. O terceiro rapaz ao abordá-la foi mais discreto, a beijou ao ir embora e pediu seu telefone, afirmando que não era bissexual e que estava ali pois trabalhava em uma casa noturna e conhecia os donos do local. Seus amigos gays nos relataram histórias parecidas de “pegação” nesse local, dizendo que:

“Uma noite nessa boate sempre vale algumas boas gozadas” (sic).

Observamos que os freqüentadores da casa eram de classe média e média alta. *Flyers* eram distribuídos em bares da região para atrair o público e DRAG-QUEENS faziam uma festa na porta do local para chamar a atenção dos transeuntes da Al.Itu. Era uma casa da moda, com o valor do ingresso alto, onde os *drinks* e bebidas eram relativamente caros. A boate tinha uma filial na Ilha Porchat (Santos), que era conhecida pela presença de boates gays no litoral sul de São Paulo e atrativo de gays e lésbicas.

Bar do Bocage

Situado na Al.Itu, esquina com a R.da Consolação. Não era um bar exclusivamente de freqüência gay, mas com alta rotatividade de pessoas que iam à boate Massivo ou outros locais das imediações. Fazia parte do “circuito” da região, onde as pessoas transitavam pelos bares. Era um bar estilo “botecão”, com um balcão, mesas no interior e na calçada. A concentração de pessoas começava por volta das 23:00, com a freqüência de GAYS, a maioria homens, e CLUBBERS ou a “moçada alternativa”(sic), vestidos com roupas da moda, *piercing*, e cortes de cabelo extravagantes. A paquera acontecia nas mesas da calçada, de onde era possível ver o movimento local. Após a 24:00 a fila da Boate Massivo virava o quarteirão e o bar era um ótimo ponto de referência para encontro de grupos de amigos e para observar o público que estava entrando na boate. Muitos paravam para tomar uma cerveja no local em virtude do preço baixo, comparado a outros bares e boates da região.

Bar Cartô

Situado na Al.Itu, ficava entre o Massivo e bar do Bocage. Não era um bar de passagem, como o Bocage, mas algumas pessoas se encontravam nesse bar para depois continuarem a noite em outro local da região. Tinha algumas mesas na calçada, dentro e nos fundos do bar, com um balcão no meio, onde os garçons preparavam *drinks* e recebiam os pedidos preparados na cozinha ao lado. O local era aconchegante. Observamos a presença de grupos de amigos que se encontravam para beber, “beliscar” as porções avantajadas servidas no local e bater papo. A paquera era discreta e quase não havia casais namorando. O movimento aumentava após as 23:00, em virtude da chegada de grupos de freqüentadores do Massivo. Era possível ver o movimento local ao se sentar na parte da frente do bar. Nas mesas ao lado de fora se concentrava a “moçada” mais nova, jovens GAYS, entre 16 e 22 anos, CLUBBERS ou “modernosos”, com roupas da moda. Era um bar com preços razoáveis, onde alguns grupos permanecem ali toda a noite sem gastar muito dinheiro. Os freqüentadores pareciam ser de classe média, diferindo dos rapazes dos bares da Consolação, por exemplo, o Allegro ou o Garden.

Bar Drummond

Situado na R. da Consolação, em frente ao Garden, se tornou uma extensão do movimento da rua. Havia mesas na calçada e na parte de dentro, mas que ficavam vazias pois o movimento se concentrava do lado de fora. A frequência era idêntica ao Garden, com muitos homens de classe média e média-alta, alguns CLUBBERS e BARBIES. Fazia parte do circuito da R. da Consolação, por onde grupos de amigos perambulavam à procura de um local mais “interessante”, ou seja, que o público masculino fosse mais atraente e onde a paquera pudesse render uma boa noite. O Drummond ficava mais vazio em seu interior e podemos identificar alguns casais heterossexuais que eram antigos frequentadores do local, que anteriormente não era frequentado pelo público GLS (gays, lésbicas e simpatizantes).

“É bom sentar aqui para beber, comer um lanche e observar a ferveção do outro lado da rua.”(sic)

Na rua, os carros mal podiam passar em virtude do aglomerado de grupos de homens parados e preparados para a “caça”. No bar, eles ficavam sentados à exposição, admirando os transeuntes.

Um dos rapazes sentado ao lado, que afirmou frequentar o local há cerca de um ano, desde quando se tornou ponto de encontro de homens gays. A paquera era intensa, mas nada acontecia no local. O encontro parecia se estender para outros locais, às boates da região, ou se resumia à troca de telefones.

“Os GAYS ficam fazendo tipo ou até esfregando o pau, para atrair os olhares dos observadores”(sic)

Bar Gourmet

Situado na Al.Franca, fazia parte do circuito da R. da Consolação. Era um bar pequeno, com pouca luz em seu interior e vários posters de filmes famosos, poucas mesas dentro e algumas na calçada. Era um dos bares de passagem na região, ponto de encontro de amigos que iam às boates ou permaneciam no bar. A frequência era diferente dos outros bares, pois era composta basicamente por CLUBBERS e jovens GAYS entre 16 e 25 anos. A maioria se vestia informalmente, com roupas da moda no estilo *clubber*, com *piercings*, ou no “modelito gay” (calça básica ou jeans e camiseta colada). Alguns que não tinham dinheiro para frequentar as boates iam para esse bar. A paquera era discreta e não

era comum ver casais namorando. Também era freqüentado por mulheres que estavam ligadas à ala mais moderna do grupo de lésbicas.

“Aqui é uma opção para os jovens, pois os preços são menores e é possível ver gente bonita, modernosa e sem tanta produção e “pose” como as BARBIES e BIBAS, freqüentadores do Allegro.”(sic)

Embaixada Mineira

Situado na Al. Itu , era um bar e restaurante, aberto há cerca de dois anos, do mesmo proprietário do Consulado Mineiro. No local havia um brechó no piso superior. O lugar foi totalmente remodelado e era freqüentado por pessoas bem vestidas, entre 30 e 50 anos, casais gays, grupos de amigos e também heterossexuais simpatizantes da noite gay e da boa comida servida. As pessoas se distribuíam pelas mesas ao longo do bar ou do piso superior. O ambiente tinha uma decoração refinada, à luz de velas e música. Também havia algumas mesas na calçada, que no verão faziam sucesso pois tinham uma vista estratégica do movimento local. Era um bar tranqüilo, onde a paquera era muito discreta e ocasional, pela presença de muitos casais freqüentavam o local. O movimento aumentava após as 22:00. Todas as mesas ficavam ocupadas e algumas pessoas ficavam sentadas nos balcões laterais, bebendo seus *drinks* e conversando.

Cube/Orbit

Situado na R. da Consolação, na altura da Al.Itu, esse bar sofreu algumas reestruturações e posteriormente fechou. O local era pequeno, muito requintado e com uma aparência “*clean*”, todo branco com as mesas em ferro escovado e bem iluminado. Conhecido pelo seu cardápio requintado e *drinks* exóticos, o bar adquiriu popularidade rapidamente entre o público GLS. Era um local freqüentado por CLUBBERS, jovens GAYS, estilistas e atores conhecidos. As pessoas eram “produzidas”, com um visual sofisticado e roupas da moda. Apesar de pequeno, o local ficava abarrotado de pessoas, sentadas nas mesas ou no balcão lateral, ou em pé. A música tecno ou dance agitava aqueles que permaneciam em pé. Às quartas-feiras acontecia a “Noite das Bolachas”, que tinha uma freqüência predominante de mulheres lésbicas, bonitas e femininas (LESBIAN CHIC ou LIPSTICKS, como foram apelidadas), fugindo do estereótipo masculino impregnado em lésbicas de gerações anteriores.

Após as 24:00 o local mudava “de cara”, as mesas eram retiradas, o ambiente ficava escurecido e esfumaçado, e se tornava um bar-danceteria, onde “corpos de trombavam” (sic). Esse espaço foi batizado como “Orbit”, e uma pequena taxa de entrada era cobrada. O local perdia o caráter de “bar” e a paquera acontecia de forma mais intensa. Era mais uma opção para aqueles que não gostavam do anonimato das grandes boates. A frequência era predominantemente masculina, de jovens GAYS e CLUBBERS.

Spot

Situado na Al.Ministro Rocha Azevedo, era um Bar e Restaurante do mesmo proprietário do Ritz. Local requintado, com estrutura em vidro, de onde podia se avistar o chafariz da Caixa Econômica Federal da Av.Paulista. Conhecido pelo seu cardápio variado, pratos saborosos e preços nada agradáveis. O local era frequentado pela classe média-alta e classe alta, por muitos atores e artistas famosos. A frequência era bastante heterogênea. Não era um local reconhecidamente gay, mas era possível identificar a frequência da “elite gay” e do público GLS. A paquera acontecia nos arredores do balcão central, logo na entrada, onde aqueles que esperavam por uma mesa podiam avistar todo o restaurante. O flerte acontecia de forma discreta, quase imperceptível e diluída pela presença de grupos heterossexuais.

“Aqui é um local que personalidades do meio artístico frequentam. Muita gente vem aqui ‘para ser visto’ e aparecer em colunas sociais.”(sic)

Mad Queen

Situado na Al.dos Arapanés, em Moema, era conhecida como a morada da “rainha louca”. Em estilo medieval, pesado e persecutório, essa casa revelava grandes surpresas à medida que avançávamos em seus diversos espaços. A recepção parecia um castelo. As escadas davam acesso ao ritmo pulsante da pista de dança. Nela, o estilo se tornava mais marcante, com arcos à sua volta que formavam um pequeno corredor que tinha funções interessantes, especialmente na paquera e “pegação”. Sua pista era larga e comprida, com um pequeno palco elevado no fundo. O lado oposto dava acesso à parte superior, com um mezanino, de onde era possível ter uma visão completa e vibrante da pista de dança, e o bar. Ao lado da escada havia pequeno *sex shop*. O bar ao lado da pista tinha um patamar, de onde era possível observar o fluxo incessante de pessoas que vinham

da pista ou do andar superior. A parte superior era o lugar "romântico" da casa, com um espaço aberto, sem cobertura, que possibilitava sair do clima "esfumaçado" da boate.

Com tantos atributos arquitetônicos, a casa tinha um porte ostentoso e pesado. Era conhecida como o "paraíso das BARBIES", que se identificavam com o estilo da casa. Apesar da paquera, não era possível ver muitos casais namorando. Havia muito movimento e pouca ação. A trajetória pelos corredores era intensa e a passagem pelo bar da pista de dança era uma aventura. Alguns momentos "amorosos" podiam ser vistos nos poucos lugares escuros e escondidos da casa, especialmente atrás dos arcos. Uma das últimas inovações das casas noturnas, o *darkroom*, não foi incorporada ao espaço. A frequência preponderante de clientes na faixa de 25 a 45 anos, com bom poder aquisitivo, era suficiente para garantir outros espaços de "pegação", em saunas, motéis ou sua própria casa.

“Aqui é reduto das BARBIES, BIBAS e BOFES. BICHA POBRE vem porque é caro e TRAVESTI não entra.”(sic)

Rave

Na época de inauguração, essa boate fez muito sucesso e manteve-se por algum tempo como a melhor casa noturna gay de São Paulo. Acolhia a clientela que agora freqüentava a Mad Queen. Seu declínio, no entanto, aconteceu rápido por ter sido o local da morte de um artista plástico famoso, assassinado por um MICHÊ, o que gerou muita repercussão na imprensa. Como era reduto de BARBIES e BIBAS RICAS, muitos MICHÊS freqüentavam o local. A vida noturna gay era muito instável e itinerante. Não era muito bem definido o que podia ou não "pegar", estabelecer-se como "ponto de agito" ou o "local da moda". Certamente, qualquer acontecimento que expunha o local a uma situação difícil e seus clientes, determinava seu declínio ou pulverização.

Essa casa foi exemplar nesse processo: de lugar dos mais afortunados financeiramente, passou a ser freqüentada por um público mais jovem, de menor poder aquisitivo. Deu lugar a uma outra casa de muito sucesso, a Disco Fever, que se mudou para outro lugar. A Rave retornou no mesmo local. Havia uma tendência das boates se estabelecerem como o "point da moda" não apenas pelo espaço físico, mas pela criação de personagens que as comandavam: os D.J.'s e as Hostess (DRAG-QUEENS famosas na noite paulistana).

Toda essa transformação determinou a maneira como a paquera entre as pessoas acontecia lá. Assim, no tempo das BARBIES, um clima sóbrio e camuflado pairava sobre o ambiente e, em geral, uma parte da clientela, de homens maduros e embebedados, espalhavam-se em volta da pista de dança para admirar a outra parte performática e "bem-resolvida" fisicamente, os "donos-do-pedaço". Na outra fase, um clima mais solto e divertido, de garotos e muitas garotas CLUBBERS, identificados com a agitação e brincadeira, além da "pegação" mais aberta, transformou o mezanino num palco de desafios à intimidade.

A boate tinha uma pista de dança na frente, de onde era possível avistar um pequeno corredor no piso superior, uma espécie de mezanino que dava acesso ao espaço reservado dos DJ's. A escada dava acesso ao piso superior, que tinha um restaurante, cercado por vidros, de onde era possível ver a outra pista de dança, na parte posterior da casa. O pequeno corredor ficava repleto de homens parados, espreitando pela próxima "pegação" que aconteceria. Era uma aventura passar por aquele corredor apertado, que exalava a sensualidade de seus protagonistas.

Pride

Situado na Al.Itu, ao lado do Massivo, era um bar predominantemente lésbico, mas com frequência de homens gays também. O local tinha um mezanino onde, em geral, aconteciam festas de aniversário e outras comemorações. Ao lado da pista, situava-se o bar e no lado oposto o palco, onde conjuntos tocavam músicas nacionais. Nos fundos do bar localizavam-se várias mesas, onde os casais ficavam namorando ou grupos de amigos reuniam-se. O local cobrava uma taxa de entrada e consumação mínima, o que encarecia consideravelmente a permanência.

Os freqüentadores do local eram de faixa etária bastante variada, de 25 a 60 anos, que gostavam de samba, pagode e MPB. Os homens em geral estavam acompanhados de grupos de amigas. A paquera acontecia de forma sutil, em virtude da pouca quantidade de homens no local. Os freqüentadores desse bar em geral não gostavam das boates tradicionais, que só tocavam músicas "tecno" e "dance". Os locais que tinham música ao vivo eram, em geral, locais de sociabilidade de lésbicas. Aparentemente os homens preferiam o estilo "bate estaca" das boates.

Casa da Vila

Situado na R. Girassol, esse bar teve seu apogeu há cerca de quatro anos pois foi o primeiro bar GLS na região da V.Madalena. O local era pequeno e sempre estava cheio. Era difícil conseguir uma mesa para sentar. As pessoas se acomodavam nas poucas mesas, no andar superior, ou nas mesas ao lado do balcão e na calçada. A frequência era mista, de homens e mulheres, a maioria gays e lésbicas. Apesar de ser um local reconhecidamente gay, as proprietárias não permitiam demonstrações de afetos entre seus clientes, o que afugentou alguns que não se sentiam confortáveis com seus parceiros(as). Com a abertura de outros bares na região, o bar se esvaziou. O bar tinha música ao vivo, com um músico que toca violão. Os frequentadores eram, em geral, de classe média, que tinham veículo próprio para chegar ao local, e que procuravam a tranquilidade do bar para conversar com amigos ou parceiros(as).

Farol Madalena

Situado na R. Jericó, ao lado do Fórum de Pinheiros, o bar adquiriu popularidade rapidamente entre o público GLS. O bar era bastante aconchegante, com mesas do lado de fora, onde em geral o público se amontoava. Os que desejavam mais tranquilidade permaneciam dentro do bar. O balcão em geral ficava cheio, com aqueles que queriam ter uma visão de todo o bar e transitar de fora para dentro à procura de uma paquera. A cada noite o bar contava com a presença de músicos diferentes, que atraíam o público que não gostava das boates tecno/dance. Era cobrada uma taxa de couvert artístico e consumação mínima, o que encarecia e selecionava os frequentadores. Era um local conhecido pela bela aparência das mulheres e de grupos de rapazes “interessantes”, GAYS, que fogem dos bares da região do Jardins por causa da ostentação, do caráter de vitrine, onde as BARBIES, com seus corpos malhados de academias desfilavam mostrando suas roupas de grife. Nas noites de verão, em especial, o bar ficava lotado por ser aberto, em uma rua tranquila da Vila Madalena. Era comum que a paquera acontecesse via “torpedinhos” (bilhetes escritos nos guardanapos) enviados através dos garçons ou por algum amigo que se dirigia ao “alvo do torpedo”.

As proprietárias do local, em função do sucesso da casa e da falta de opção para mulheres, decidiram abrir uma boate (Ipsis), na mesma região.

Boate Ipsis

Situado na R. Padre Garcia Melo, em Pinheiros, o local foi inaugurado em grande estilo. A boate tinha um hall de entrada, parecido com as grandes casas de show em São Paulo, chapelaria e um caixa. As portas davam acesso ao salão principal, com o bar ao lado direito, o palco do lado oposto e alguns sofás no fundo, onde grupos de amigos e casais ficavam namorando. No piso superior se localizava um outro bar ao fundo, com pequenas mesas e sofás no estilo camarote, com visão para a pista e palco. Do outro lado se localizava um bar-restaurante, com mesas de jogo para cartas, xadrez, caça-níqueis e uma decoração requintada. O local promovia festas e shows de bandas. Diferente de outras boates em São Paulo, nos finais de semana abria para o almoço, com música ao vivo, para atender à demanda do público feminino e aos casais gays.

Apesar da predominância feminina, a boate era freqüentada por homens e mulheres, na sua maioria de classe média e média-alta. Era cobrada uma taxa de entrada e os preços eram bem “salgados”. Diferente de outros locais, não distribuía *flyers* de descontos ou entradas VIP. Como a opção de locais para mulheres era menor, a freqüência elitizada era quase que garantida, com rapazes bem vestidos e mulheres femininas. A paquera se limitava a olhares, aproximações e beijos, mas não tinha “pegação”, nem *darkrooms*, próprios de boates predominantemente masculinas.

Fran's Café Haddock Lobo

Situado nas imediações dos bares da R. da Consolação, tornou-se ponto de encontro de muitos gays. As mesas se situavam na calçada e dentro do Café, lateralmente. A concentração maior acontecia na calçada e no balcão, de onde era possível ver a movimentação de carros e pessoas na rua. Grupos de amigos se encontravam no Fran's para depois seguirem sua peregrinação pelos bares e boates da região. Observamos também a presença de alguns solitários, que apareciam no local, tomavam um café, permaneciam ali durante algum tempo paquerando outros rapazes e depois iam embora. A paquera sempre era discreta e resumia-se a olhares e, no máximo, uma abordagem rápida com troca de telefones. Por ser um local 24 horas, facilitava o acesso daqueles que iam ou que voltavam das boates e cinemas da região. A freqüência após as 22 horas era

predominantemente masculina, mas com algumas mulheres acompanhadas de grupos de amigos ou então casais heterossexuais que passavam pelo local.

Boate A Louca

Situado na R. Frei Caneca, o local foi uma das primeiras casas em São Paulo a ter um *darkroom*. Após a bilheteria, nos deparamos com uma decoração extravagante, com estilo egípcio, e um telão onde eram exibidos clipes musicais. Lateralmente havia um bar, com o cardápio montado em um disco de vinil. Nos fundos se localizava a pista de dança, toda escura e negra, com o som extremamente alto, tocando músicas de vários estilos: Rock, Tecno, Dance, Heavy Metal. Aos domingos acontecia a noite do Rock, com a presença maciça de jovens roqueiros. No piso superior havia um bar, alguns sofás e uma exposição peças antigas. Chamava a atenção um cinto de castidade, exposto no centro da sala. Logo ao lado se localizava o *darkroom*, que era um pequeno corredor escuro onde os homens ficavam parados esperando por algum “corpo” que se aproximasse, ou pequenos grupos que entravam lá para fumar maconha.

A freqüência no local era diversificada, com casais e grupos heterossexuais, homens gays e algumas lésbicas. A faixa etária era menor que nas outras boates, entre 16 e 25 anos. Pareciam jovens que gostavam do espaço e música alternativos. Alguns aparentavam não ter muito dinheiro para gastar em boates mais caras ou em bares. O local oferecia promoções e entrega *flyers* com entrada VIP ou descontos, o que atraía o público mais jovens e com menos dinheiro. Era um espaço onde tudo podia acontecer. Casais se formavam. A paquera e “pegação” era intensa, com um clima de “vale tudo”. Era comum ver garotas que estavam nos “amassos” com rapazes e que largavam o parceiro para ficar com outra garota, o mesmo ocorrendo com os rapazes. Quando a equipe estava no local, uma garota que estava beijando um rapaz pegou no braço de uma das pesquisadoras e a puxou para o meio dos dois. Mesmo com a recusa, tal garota continuou assediando nossa equipe, seduzindo, para que algum de nós “ficasse junto” com o casal. O termo “ficar” era muito comum entre os jovens, definido pelo ato de beijar, agarrar, dar uns “amassos”, que podia até chegar na relação sexual em si. Observamos também que o consumo de drogas era mais explícito.

Muitos desses jovens estava “chapados”(sic), como eles mesmo diziam, a maioria deles pelo uso de maconha e álcool, segundo um informante do local.

Diesel

Situada na Av.Lorena, perto da R. da Consolação. O espaço não estava preparado para receber um grande público, como foi mostrado no dia da inauguração; tinha falhas severas na refrigeração e/ou circulação do ar, que promovia uma sauna muito mais quente do que o público estava acostumado a frequentar. O volume do som chegava a assustar os mais sensíveis.

Amplios espaços e a exacerbação de estímulos incrementavam a circulação intensa e pouca fixação das pessoas nos lugares, o que prejudicava a paquera. Os encontros que aconteciam podiam ser “resolvidos” numa sala isolada no fundo, uma espécie de sótão, da casa. Não configurava exatamente um *darkroom*, mas parecia se prestar a várias funções. O local tinha duas pistas e bares espalhados pela casa. A circulação era grande entre esses espaços. A frequência era predominantemente masculina, de BIBAS E BARBIES, frequentadores dos bares da região do Jardins. Após pouco tempo a casa foi fechada e foi feita uma fusão com a BASE, uma boate heterossexual, modificando o nome para BASE-Diesel.

Club Z

Situado na Al.Jaú, na altura da Av. Brigadeiro Luis Antonio, era uma boate antiga na região. O local passou por diversas reformas e mantinha a tradição de ser frequentado por homens e mulheres, apesar da predominância feminina. Há alguns anos era uma casa conhecida por ter mulheres bonitas e femininas. Mas como em todo local gay, onde a rotatividade era grande, essa não era a realidade atual. O local tinha um hall de entrada, onde se situavam o caixa e um corredor com um banco lateral em toda sua extensão, onde ficavam sentados aqueles que se cansavam de dançar ou desejam tomar um ar, oriundo da porta da boate, ou ainda paquerar aqueles que transitavam pelos corredores. A pista não era muito grande e nos fundos ficavam algumas mesas, com velas acesas, o que dava à casa um toque romântico-brega. O balcão lateral, perto da pista, era local de intensas paqueras, onde as pessoas sentavam-se e lançavam olhares exaustivos para o alvo de seu interesse. A maioria das pessoas que frequentava o local estava bem vestida e gastavam quantias consideráveis nas bebidas servidas no balcão.

Por volta das 2 horas da manhã acontecia um show de *strippers*, masculinos e femininos, que não chegavam a tirar totalmente a roupa, mas enlouqueciam homens e mulheres. O local também era freqüentado por algumas garotas de programa. Alguns diziam que um dos donos do local também era proprietário do famoso Café Futô, local de prostituição feminina de alto luxo. Algumas das mulheres, femininas e extremamente bonitas e sensuais, costumavam ir ao Z para descansarem, beber algo, ter alguma diversão e até arranjar uma namorada. Soubemos de algumas histórias de garotas que faziam programas com homens e namoravam mulheres. Os homens se diferenciavam do estilo típico das BARBIES do Jardins, sem o tom arrogante e a preocupação exagerada pelo visual.

Glitter

Situado na R. Antonio Leitão, na altura da Teodoro Sampaio em Pinheiros, o bar era freqüentado por CLUBBERS e “modernosos”. Também era freqüentado por artistas ou escritores. Algumas vezes eram realizadas pequenas exposições no local. Era um local badalado, moderno e de vanguarda. Na entrada tinha um globo, que iluminava a fachada do bar. Era cobrada taxa de entrada e consumação mínima, o que encarecia a permanência no local, além dos altos preços cobrados pelas bebidas e lanches. Logo na entrada havia algumas mesas e um balcão lateral longo, que tomava grande extensão do bar, até chegar em uma pequena pista onde os mais desinibidos dançavam. A música tecno, dance e rock não era muito alta, o que tornava possível conversar com as pessoas no balcão do bar. A paquera acontecia com maior intensidade na pista, no balcão e corredor ao lado, por onde alguns transitavam. Tudo acontecia de forma discreta, sem shows cinematográficos, agarrões e amassos. Às vezes algumas DRAG-QUEENS animavam a festa. Os freqüentadores, em geral mais jovens, entre 18 e 25 anos, se identificavam como GAYS, LÉSBICAS ou simpatizantes. Não apenas gays e lésbicas freqüentavam o local. Ao contrário, era um lugar misto.

“Como está na moda ser bissexual, é legal vir aqui, pois é um bar moderno.”(sic)

B.A.S.E.

Situada na Av. Brigadeiro Luis Antonio. Local badalado de São Paulo, por GAYS, BARBIES e BIBAS de classes mais abastadas. Cobrava preços altos como uma forma de selecionar os fregueses. O local era amplo, com vários

ambientes, uma pista muito grande e duas piscinas ao lado, onde alguns se refrescavam após dançarem. Alguns Go-Go Boys e Go-Go Girls dançavam em pequenos palcos, dando ao local um tom de sensualidade. O piso superior era composto por vários ambientes e alguns terminais de Internet onde alguns se aventuravam nos “*chats*” (salas de bate-papo). Outros se aventuravam pelos locais escuros e sofás, fugindo dos olhos dos observadores e buscando tranquilidade para namorar.

Não era um local exclusivamente gay, invadido por jovens que procuravam o “agito” da noite gay. Na entrada ficam duas Drag-Queens acompanhadas de seguranças, que selecionam aqueles que podiam entrar. Só entravam pessoas bem vestidas, de acordo com o estilo burguês *clubber* da casa. Algumas festas eram caracterizadas pelo “Dress to impress”, ou seja, você deveria ir vestido de forma diferente, nada tradicional, senão corria o risco de ser barrado na porta. Travestis de forma alguma eram aceitos. Algumas festas do festival Mix Brasil foram realizadas nesse local, com a distribuição de *Flyers* de desconto e convites VIP. Nessas festas era possível encontrar a “elite” sócio-econômica e cultural gay de São Paulo. Estilistas como Alexandre Hercovitz, ou o proprietário da grife Escola de Divinos, ou artistas que “não saíram do armário” (que não se assumiam, mas freqüentavam locais mistos como forma de camuflarem sua opção sexual).

O clima era de muito erotismo na pista de dança e na piscina, onde alguns aventureiros tiravam parte de suas roupas e se refrescavam. Muitos “amassos e pegações” ocorreriam ali. Os mais arrojados iam para o darkroom, onde pouco se via, mas muito se fazia. Era possível ouvir os “ruídos amorosos” daqueles se aventuravam no sexo oral ou mesmo em práticas sexuais com penetração.

“Aqui rola de tudo. A gente não vê a cara da pessoa. Fica com qualquer um, seja bonito ou feio. O que importa é o sexo. Eu só faço oral, mas tem gente que transa com penetração.”(sic)

SOGO

Boate recém inaugurada no Jardins, tinha como público alvo BARBIES, BIBAS, GAYS sintonizados com os modismos da região. No piso inferior, havia um bar, com diversos sofás ao redor, onde os recém-chegados faziam sua primeira parada. O ambiente tinha uma iluminação fraca, como as paredes vermelhas e decoração requintada, que proporcionavam um clima erótico logo na entrada da boate. Ao lado se localizava a pista de dança, com suas paredes negras e Go-Go-

Boys, com corpos esculturais, dançando em balcões localizados nos cantos. A música Tecno (bate-estaca) e Dance dominavam a pista, mas eventualmente ocorriam show de DRAG-QUEENS, que animavam a festa com suas performances e piadas.

No fundo havia uma escada que dava acesso a um mezanino, onde as pessoas ficavam encostadas nas grades, observando a dança frenética na pista e os shows no palco. Ainda no segundo piso, havia um corredor amplo, com algumas mesas e um bar. Ao lado havia uma porta que dava acesso ao ambiente restrito, onde apenas homens podiam entrar. Um dos componentes da equipe entrou no local. Exigia-se que carteira e documentos fossem deixados no balcão (guarda valores), pois a boate não se responsabilizaria por roubos dentro do *cruising* bar. O ambiente era composto por um corredor, com vários cubículos que se espalhavam por sua extensão. Apesar da pouca luminosidade no local, quem passava pelo corredor podia ver o que acontecia em cada box, ou poderia ver através do imenso espelho no teto. Essa versão modificada do *darkroom* fazia sucesso entre os frequentadores da boate. O movimento era intenso no local, chegando a formar fila na entrada. Diversas práticas sexuais eram realizadas, a dois ou em grupo, incluindo masturbação, sexo oral e penetração. Nem todos homens que estavam na boate frequentavam o *cruising* bar.

5. DIFERENÇAS OBSERVADAS ENTRE OS TERRITÓRIOS DO CENTRO E JARDINS

Durante o mapeamento dos bares e boates foi possível observar diferenças entre os homens do Centro e do Jardins. Cada bar ou boate tinha suas especificidades, mas era visível a semelhança de alguns aspectos que indicaram haver um cenário compartilhado na mesma região (Centro ou Jardins). Os dados obtidos na aplicação dos questionários também indicaram diferenças significativas em resposta às questões relativas aos dados sócio-demográficos, e também sobre práticas sexuais de risco para contrair o HIV, motivos para utilizar o preservativo, percepção de risco, crenças na eficácia do preservativo e adesão a atividades de prevenção ao HIV, indicando que esses diferentes cenários podem estar resultando em cenas sexuais distintas.

Não foram encontradas diferenças significativas entre a região do Jardins e do Centro nas questões sobre o número de parceiros sexuais, tipos de parcerias, percepção de auto-eficácia do comportamento para prevenção de aids, uso de drogas antes ou durante a relação sexual e os canais onde esses HSH obtém informações sobre aids. Em nosso estudo serão descritos apenas os dados que indicaram diferenças significativas entre os bares e boates do Jardins e Centro, através da análise dos questionários, de forma a subsidiar a discussão do mapeamento etnográfico, na descrição do cenário cultural, dos papéis desempenhados por HSH e de suas condutas sexuais, de forma a descrever a corporeificação e territorialização das redes relacionais, buscando discutir a vulnerabilidade de HSH.

5.1. Cenários.

O Centro de São Paulo se caracterizava por uma região de melhor acesso para moradores da periferia. Os bares mais antigos estavam localizados no Centro, onde o primeiro “gueto” homossexual se estabeleceu. Com o movimento homossexual, as batidas policiais e o aumento da criminalidade, novos espaços foram ocupados a partir de 1970. Houve uma expansão dos locais, que ocuparam outras regiões da cidade, particularmente a região perto da Av.Paulista, no Jardins, Pinheiros, Vila Madalena e Moema.

Conforme descrito anteriormente, os bares do Centro eram menos requintados, alguns no estilo “boteco” com balcão e mesas de ferro, paredes azulejadas e em geral com pouca iluminação. Alguns deles eram tradicionais na região. Uma das características que percebemos na observação direta durante o mapeamento era a frequência de homens mais velhos, confirmada pelos resultados dos questionários aplicados.

No mapeamento etnográfico, os bares e boates da região Jardins foram descritos como mais sofisticados, luxuosos e extravagantes, com decorações cuidadosamente planejadas. O investimento financeiro nesses locais era visivelmente maior se comparado ao Centro. Alguns deles eram localizados na região nobre do Jardins, adequados ao padrão da região. A variedade do cardápio, com pratos requintados e *drinks* exóticos impressionava à primeira vista. Os preços cobrados eram condizentes com a qualidade e luxo de alguns desses locais. A maioria das boates cobrava entrada e altos preços no bar. Uma estratégia para chamar clientes era a distribuição de *flyers* e convites VIP. Alguns bares ofereciam uma decoração refinada, à luz de velas e música ambiente, ou até música ao vivo, para aqueles que não gostavam dos ritmos modernos (tecno/dance).

A maioria dos bares e boates dos Jardins foi inaugurada mais recentemente. A rotatividade de casas noturnas era muito grande, em virtude da característica de seus frequentadores, que buscavam os “locais da moda”. As casas que foram abertas adquiriram rapidamente esse status, desde que existisse o investimento no espaço físico e na programação, com shows, D.J.'s famosos e as Hostess (DRAG-QUEENS famosas na noite gay paulistana). Gontijo (2004a) interpreta as DRAGS cariocas como transformistas caricatas, que animam as festas em bares, boates ou mesmo no carnaval. Algumas dessas boates apresentavam clipes musicais e eróticos, ao som de música “tecno” (ou “bate estaca”).

“As boates aqui do Jardins são mais extravagantes em sua concepção ou estilo. Contratam Go-Go Boys para chamar a clientela e tocam músicas agitadas, mas sempre na tendência da moda. São mais caras também e com isso restringem um pouco o acesso, elitizando o lugar.” (sic, diário de campo)

“Os bares e boates do Jardins são mais alegres, divertidos, bonitos, cor, luz...” (sic, diário de campo)

Alguns locais do Jardins, especializados numa clientela mais diversificada, tinham um cardápio musical variado, com Rock, Tecno, Dance, Heavy Metal.

Tais locais em geral eram freqüentados por jovens gays, lésbicas ou simpatizantes. Muitos locais gays se tornaram “locais da moda”, onde não apenas homossexuais ou bissexuais freqüentavam, mas também alguns jovens heterossexuais que se autodenominaram simpatizantes. A moda CLUBBER proporcionava também uma espécie de modismo gay, onde era legal ser amigo de gay ou até ser bissexual.

5.2. Tipos e papéis.

Em novembro de 1999 foram aplicados 500 questionários em homens entre 17 e 57 anos, que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões de São Paulo. De acordo com a tabela 1, verificamos que a média de idade obtida foi de 30 anos, mas a faixa etária era menor no Jardins, com 33% de jovens adultos até 25 anos, sendo no Centro 17% nessa mesma faixa etária. Apesar da variada faixa etária no Centro, observamos uma maior concentração de homens mais velhos, pois 41% tinham entre 31 e 40 anos, sendo que nos Jardins 30% tinham essa mesma faixa etária. Historicamente, o gueto gay de São Paulo surgiu no Centro. Alguns bares tinham mais de 30 anos de existência, sendo um dos pontos de encontro provavelmente tradicional na vida de homens com mais de 50 anos de idade.

Observamos, no mapeamento etnográfico, que mais jovens freqüentavam bares do Jardins. Alguns bares eram ponto de encontro da “moçada alternativa”, vestidos com roupas da moda, *piercing* e cortes de cabelo extravagantes. Muitos se autodenominavam bissexuais. A cultura gay ou o modo de vida gay ganhou espaço social e simpatizantes, segundo Gontijo (2004a). O autor cita um artigo de da revista ENT&, dirigida ao público gay, que dizia “A nova onda gay é flagrante: estamos na moda, sim – no mundo e também no Brasil.”(GONTIJO, 2004a, P.57). Um bar e duas boates da região assumiram essa característica de local de encontro de modernos, bissexuais, CLUBBERS, jovens que estavam “antenados na moda”. Esses locais eram denominados GLS (para GAYS, LÉSBICAS e SIMPATIZANTES). Em uma dessas boates era comum ver homens que saíam à caça das garotas na pista de dança e depois de algum tempo estavam nos “amassos” com outro homem no DARKROOM.

Tabela 1. Diferenças no perfil demográfico de homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo.

Variável	Jardins (n=251)	Centro (n=247)	Total (498)
Idade média	29.3	30.6	30.0
Faixa etária*			
Até 21 anos	10%	09%	09%
22 – 25	23%	17%	20%
26 – 30	29%	25%	27%
31 – 40	30%	41%	36%
Mais de 41	08%	08%	08%
Escolaridade**			
1º Grau	03%	11%	06%
2º Grau	15%	40%	28%
Universitário	62%	39%	51%
Pós-graduação	20%	10%	15%
Cor**			
Branca	85%	58%	72%
Negra	01%	06%	03%
Mulata	11%	34%	22%
Outras	03%	02%	03%
Trabalha			
Sim	91%	87%	89%
Não	09%	13%	11%
Média salarial*	R\$ 2992	R\$ 1565	R\$ 2318
Salário Mensal**			
< 4 salários mínimos	22%	34%	28%
De 4 < 8 salários mínimos	26%	38%	32%
De 8 < 12 salários mínimos	10%	11%	10%
>= 12 salários mínimos	42%	17%	30%
Região nascimento**			
Sul	04%	06%	05%
Sudeste	87%	70%	79%
Centro-oeste	01%	01%	01%
Nordeste	06%	21%	14%
Norte	02%	02%	02%

** P < .05, Qui-Quadrado Pearson, grupo do Jardins *versus* Centro.

Durante o mapeamento observamos que na região central, era mais expressiva a presença de pessoas da periferia e migrantes de outras regiões do país, conforme relatos obtidos. Também era nítida uma concentração maior de negros e mulatos. Esses dados foram confirmados com a aplicação dos questionários.

Nos questionários aplicados verificou-se que 72% se consideraram de cor branca, 03% negra, 22% mulata, sendo que na região do Centro observamos uma maior concentração de mulatos e negros (40%) do que no Jardins (12%), que tinha uma maior concentração de homens brancos (85%).

A maioria dos entrevistados nasceu na região sudeste do país (79%), mas no Centro observamos um maior número de homens nascidos na região nordeste do país (21%), se comparados aos homens do Jardins (06%).

Durante a observação de campo verificou-se que os freqüentadores do Jardins em geral eram de classe média e alta, com renda superior aos do Centro. Por outro lado, foi observado que alguns não tinham tanto poder aquisitivo quanto aparentavam, mas existia uma preocupação em estar de acordo com a moda e por dentro dos eventos culturais da cidade. Pareciam ter uma preocupação maior com o visual, o corpo, a roupa, o perfume, o carro, etc. Ao contrário do Centro, os homens estavam bem vestidos, com roupas da moda, alguns num estilo *clubber*, outros com camisetas grudadas no corpo, calças da moda e cortes de cabelo modernos, corpo “malhado”

“O pessoal daqui do Jardins em geral é mais novo, com um nível cultural mais elevado. Normalmente cultuam o corpo e preocupam-se se estão no estilo.” (sic, anotada no diário de campo)

“As pessoas daqui são bonitas, alegres, desencanadas. No Centro são mais preconceituosas, retrógradas e estereotipadas.” (sic, anotada no diário de campo)

“O pessoal no Jardins faz carão, parece um desfile de moda. Não gosto de ir lá pois parece uma vitrine de shopping. Aqui no Centro encontro amigos de verdade.”(sic, anotada no diário de campo)

A partir dos questionários verificou-se que 89% de nossa amostra trabalhavam, sendo a média salarial de R\$2.318,00. A média salarial era maior na região do Jardins, sendo que 42% da amostra ganhavam mais de doze salários mínimos.

Durante a aplicação dos questionários observou-se que mesmo os homens do Jardins que não tinham uma renda alta (22% ganhavam menos de quatro salários), mantinham uma preocupação com o padrão local, referente ao vestuário. Quando o participante da pesquisa entregava o questionário, era realizada uma rápida checagem dos dados para verificar se todas as questões tinham sido respondidas. Muitas vezes a disparidade no salário e o modo de se vestir chamou a atenção de nossa equipe. Os rapazes de nossa equipe participavam do Centro Acadêmico de estudos Homoeróticos da USP. Alguns deles moravam na periferia da cidade e se surpreenderam com os dados. Um deles comentou:

“Apliquei questionários em várias BIBAS e BARBIES FINAS. Todas elas montadas com roupas da moda, perfume exuberante e cabelos modernos. Quando ia ver, ganhavam uma miséria. Devem ter gasto todo o salário só pra fazer ‘carão’ no Jardins.” (sic, diário de campo)

O nível socioeconômico dos homens do Centro no mapeamento etnográfico parecia ser menor, em função dos relatos obtidos e das observações do vestuário e aparência física dos frequentadores, o que foi confirmado nos dados obtidos nos questionários. No Centro, as faixas salariais eram menores quando comparadas aos homens do Jardins, sendo que 34% ganhavam menos de quatro salários mínimos e 38% de quatro a oito salários mínimos. O Centro proporcionava uma melhor facilidade de acesso, com transporte público durante a noite toda. Os “madrugueiros” e “corujões” possibilitavam o acesso para aqueles que moravam na periferia e não tinham carro. Os preços também eram mais acessíveis, comparados aos bares e boates da região dos Jardins. As boates do Centro cobravam entrada, o que dificultava o acesso para alguns, que se restringiam a ficar nas calçadas do Centro “caçando” (paquerando).

“As boates do Centro, embora fiquem mais lotadas e sejam mais baratas, não possuem um tipo certo de frequentadores, ou seja, CLUBBERS, mauricinhos ou até curiosos. Nestas boates, as pessoas não se importam muito com o estilo ou o modelito do outro. Nas boates do Jardins, acredita-se que o importante é estar na moda, ter um corpinho sarado, ter um namorado e um amante sarado também! Enfim, a diferença está no público em si, uns mais preocupados em aparecer e outros não.”(sic, anotadas no diário de campo).

“O Centro é mais sombrio, melancólico...” (sic, anotadas no diário de campo).

Mas apenas a facilidade de acesso e preços mais baixos não explicaria a escolha do Centro por homens que possuíam uma renda maior. Observou-se que a escolha dos locais de frequência se dava também pela rede relacional e pela identificação com as subculturas sexuais vigentes. Alguns frequentadores afirmaram durante o mapeamento etnográfico que preferiam o Centro em função das pessoas que encontravam. Portanto, tanto a fala dos entrevistados, como a observação de campo e os questionários indicaram redes sociométricas distintas.

Os bares do Centro possuíam uma característica peculiar, compondo um ambiente quase “familiar”, sendo ponto de encontro de velhos amigos e para fazer novos amigos com base na identificação com essas subculturas. Apesar da violência mais presente no cotidiano dessa região, alguns locais tinham um esquema de “segurança”, proporcionada até para novos frequentadores, desde que não fossem identificados com figuras indesejadas.

Muitos homossexuais moravam na região central, por ser a sede mais antiga de bares e boates gays. Mais recentemente, a partir de 1990, a região em torno do eixo Paulista - V. Madalena também vinha sendo habitada por gays. Jovens que adquiriam sua independência econômica e saíam da casa de seus pais procuravam regiões mais próximas de seus locais de sociabilidade. As pessoas com menor poder aquisitivo se concentravam no centro da cidade, pela facilidade de acesso a outras regiões, concentração de transporte público e aluguéis mais baixos. Mas essa concentração populacional não pode ser caracterizada da mesma forma como grandes cidades como Nova York ou São Francisco, onde os bairros residenciais se caracterizavam como espaços de resistência (Bell & Valentine, 1995). Através da observação local não foi encontrada essa delimitação clara de bairros residenciais gays. Devemos lembrar, entretanto, que a região do Centro da cidade, no início da epidemia da aids, tinha o maior número de casos, atribuída à grande concentração de homossexuais, população mais atingida no início da epidemia. A presença da população gay morando perto dos seus locais de sociabilidade na região central da cidade era visível.

De acordo com conversas realizadas durante o mapeamento etnográfico verificou-se que os homens que freqüentavam o Jardins pareciam ter mais interesse por eventos sociais, artísticos e culturais. A escolaridade aparentemente era mais alta, o que foi confirmada na aplicação dos questionários. Na região Central 49% dos homens declararam nível superior ou pós-graduação e na região dos Jardins 82%. Observamos que 66% da amostra total foram compostas por homens com nível superior, um índice alto se comparado ao da população em geral.

A sensação, ao transitar pelos bares e boates e conversar com os homens que ali se encontravam era que estávamos freqüentando uma elite cultural paulistana. No decorrer do projeto a equipe encontrou inúmeras vezes com figurões, socialites, estilistas famosos, artistas plásticos, atores de teatro e tv, personalidades das colunas sociais de São Paulo.

“O Centro é pobreza, baixaria. O Jardins é o auge, porque tem gente bonita, bem vestida, que tem carro, tem mais cultura... aparentam que tem dinheiro.”(sic, anotação no diário de campo).

As diferenças encontradas no mapeamento etnográfico, confirmadas pelos dados obtidos através dos questionários, referente à renda, escolaridade, idade,

cor, local de nascimento e região em que reside, podem compor características importantes das diferentes redes sociométricas que se configuraram nessas duas regiões. Essas diferenças indicaram que as redes relacionais se desenvolveram e ocuparam espaços dentro da cidade, territórios onde diferentes pessoas e subculturas se encontravam, interagiam, se socializavam. A escolha de um determinado território se dava em função das pessoas que ali freqüentavam e do estilo dos locais de sociabilidade. Segundo a tradição de inspiração psicodramática, a formação dessas redes não é casual, sendo a identificação com as pessoas e com as subculturas vigentes determinantes na escolha. A formação de redes sociométricas, segundo Moreno (1997), ocorre a partir da escolha das pessoas com as quais a pessoa se relaciona. Nessa escolha está implícita o fator *tele*, que mantém o grupo e faz surgir a coesão. “...Tele atua desde o primeiro encontro entre os membros de um grupo e que desde o início determina uma coesão entre os membros...”(MORENO, 1999, p.65)

Com relação aos locais de sociabilidade, observamos na tabela 2 que 46% dos entrevistados freqüentavam bares e boates dos Jardins, 41% do Centro e 13% nas duas regiões. É interessante notar que mais homens do Centro freqüentavam a região do Jardins. Durante a observação de campo e conversas com freqüentadores desses bares e boates dos Jardins, alguns afirmavam que não gostavam de freqüentar o Centro pois os bares eram mais simples, a região era mais perigosa por causa dos assaltos e a proximidade com a “Cracolândia”, que era uma região perto da Estação da Luz com grande concentração de usuários de Crack e outras drogas, e porque todas “bichas pobres” se concentravam lá. Nessas conversas, observamos preconceito de classe, raça e forte discriminação contra comportamentos afeminados entre os homens do Jardins. Também notamos que alguns freqüentadores dos bares e boates do Centro afirmavam que não gostavam de ir aos bares do Jardins pois parecia uma vitrine, onde todos desfilavam com suas roupas de marca, perfumes caros e faziam “carão”(ar de superioridade, esnobe, de quem tem cultura e dinheiro).

Com relação aos tipos de locais de sociabilidade mais citados observamos que 59% dos participantes freqüentavam bares e boates, 35% citaram somente bares e 6% citaram somente boates. Um maior número de homens que foram abordados no Centro freqüentava somente bares e os homens do Jardins freqüentavam mais bares e boates.

Tabela 2. Diferenças nos tipos de locais freqüentados por HSH em duas regiões da cidade de São Paulo.

Variável	Jardins (n=251)	Centro (n=247)	Total (498)
Tipo do local de frequência*			
Bar	26%	45%	35%
Boate	06%	06%	06%
Bar e boate	68%	49%	59%
Região dos locais de frequência			
Jardins	91%	-	46%
Centro	-	83%	41%
Jardins e Centro	09%	17%	13%

** P < .05, Qui-Quadrado Pearson, grupo do Jardins *versus* Centro.

Muitos homens relataram durante a fase de mapeamento etnográfico que não gostavam de freqüentar bares do Jardins, por não se identificarem com o clima de “ostentação”, de “aparências”. Alguns diziam que não se sentiam à vontade nesses locais, talvez em função da diferença sócio-econômica. A discriminação vivida por homossexuais está presente não apenas fora do gueto.

Alguns relatavam que suas famílias, amigos e/ou colegas de trabalho não tinham conhecimento de sua opção sexual. Segundo Pecheny (2004), a sociabilidade de pessoas homossexuais se estrutura a partir do segredo de sua identidade sexual, em função do estigma vivido. A discriminação social acaba fazendo com que muitos homossexuais tenham uma “vida dupla”, ocultando suas escolhas amorosas e sexuais. Esse segredo divide sua rede relacional entre aqueles que não conhecem seu segredo, aqueles que conhecem e os pares homossexuais, sendo que tais fronteiras são flexíveis. Essa situação proporcionaria a criação de redes relacionais, códigos e subculturas. “Este modo de organización social (espacial y temporal) de las prácticas homosexuales repercute además en las modalidades mismas de la interacción homosexual, en cuanto a la seducción, a la vida en pareja y a la actividad sexual.”(PECHENY, 2004, p.22).

Os bares e boates eram locais de sociabilidade onde a expressão afetiva e sexual se tornava possível. Os guetos homossexuais proporcionavam essa sociabilidade, onde homens se encontravam com amigos, para paquerar, namorar e/ou transar. Códigos e diferentes papéis eram assumidos. Valores e normas referentes à moda, consumo, conhecimento cultural e reprodução de papéis de gênero se diferenciavam entre a região do Jardins e Centro. . Essa subculturas eram produto da interação social entre os atores, suas redes sociométricas e os locais de sociabilidade.

Dentro desses territórios, observamos diferentes papéis vivenciados, tipificações habituais (BERGER & LUCKMANN, 1985) descritas pelos freqüentadores dos bares e boates do Centro, onde verificamos a presença de TRAVESTIS, MICHÊS, BICHA VELHA ou TIAS, EXECUTIVOS e BOYS.

A grande concentração de casas de prostituição e boates de sexo explícito fazia do Centro de São Paulo um reduto de prostitutas. A região em torno da Pç. Roosevelt e R. Augusta era um reduto de inúmeros “inferninhos”, assim denominados pelos freqüentadores da Vieira de Carvalho. A convivência de homossexuais, prostitutas, michês, travestis e moradores de rua em geral se mostrou pacífica, com exceção dos furtos realizados por trombadinhas ou garotos de rua. As minorias conviviam pacificamente, uma característica já descrita por Perlongher (1987).

Também era possível observar comportamentos mais desinibidos, exagerados ou afetados, de travestis ou de homens mais afeminados. A reprodução de papéis afeminados era mais visível nos homens de Centro, que em geral buscavam parceiros masculinizados, BOFES, que complementassem seu papel.

As boates do Centro, não muito diferente do Jardins, também tinham shows que animavam a noite dos freqüentadores. Em geral as DRAG-QUEENS, faziam suas performances, de absurdas a requintadas. A diferença entre os TRAVESTIS e as DRAGS era justamente o tom jocoso e divertido. Mas vale ressaltar que os TRAVESTIS tinham seu espaço garantido no Centro, diferente dos Jardins. Algumas boates e bares no Jardins não permitem a entrada de TRAVESTIS. Muitos faziam ponto no centro da cidade, onde podiam conseguir clientes e se prostituir, especialmente com os EXECUTIVOS que freqüentavam bares da região ou homens que passavam de carro pela R. Augusta. Era comum ouvir histórias de homens casados que saíam com as TRAVESTIS, em geral para terem sexo anal passivo.

“Sempre saio com BOFES casados. E quando chega na hora, eles querem dar pra mim.”(sic, anotação no diário de campo).

As boates no Centro, assim como os bares, também sofriam pelo pouco investimento, falta de conservação e decoração inapropriada, com um toque

decadente. Em uma dessas boates era possível encontrar os BEARS, que eram o anti-protótipo gay, se comparados às BARBIES do Jardins.

Homens bonitos, com corpo malhado, bem vestidos, inteligentes e com um nível educacional acima da média populacional, freqüentadores assíduos de teatros, cinemas, mostras internacionais e exposições de arte - todas essas características, adicionadas ao ar esnobe, “nariz empinado”, daquele que desfila dentro dos bares e boates, definem o fazer “carão” no Jardins.

A predominância desse “clima cultural”, de estar por dentro da moda, de freqüentar locais de sociabilidade da elite GAY, onde as BICHAS RICAS e bem sucedidas iam, proporcionava uma sensação de imersão social e aceitabilidade, como se nesses espaços o preconceito não existisse, que não fosse um problema ser gay e ter relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo. Os locais de sociabilidade no Jardins pareciam formar uma ilha de tolerância dentro da cidade, característica também descrita por Perlongher (1987). Estudar e obter sucesso profissional certamente seria uma forma de minimizar o preconceito e discriminação social vivenciados por homossexuais.

No Jardins, observaram-se diferentes papéis vivenciados descritos pelos freqüentadores dos bares e boates, onde verificou-se a presença de CLUBBERS, BARBIES, GOGO-BOYS, BIBAS, GAYS e DRAG-QUEENS. Afinal, o Jardins era reduto das BARBIES – homens musculosos, corpo escultural produzido nas academias de musculação, masculino, bem vestido – e dos GOGO-BOYS – dançarinos de bares e boates, vestidos com sunga, musculosos e sensuais. Também era possível encontrar as BIBAS - bichas afeminadas, mas que têm o requinte da região, se diferenciando da BICHA POBRE do Centro. O “modelito gay” clássico era calça básica ou jeans e camiseta colada no corpo. O GAY não tinha trejeitos afeminados, em geral se relacionava com homens nesse mesmo estilo, não reproduzindo atitudes tradicionais, e até práticas sexuais, da divisão de papéis de gênero, onde um era o macho (ativo) e outro a fêmea (passiva).

Em geral essa divisão de papéis era satirizada pelos próprios homens. Era comum ouvir piadas e comentários sobre as “passivas” ou “passivonas”.

Uma outra característica que chamou atenção foi a presença de mulheres homossexuais nos bares e boates do Jardins. No Centro apenas um bar e duas boates tinham um público misto, mas as mulheres eram mais masculinizadas (CAMINHONEIRAS) ou reproduziam o padrão do casal heterossexual (macho e

a fêmea). No Jardins, as mulheres eram femininas, denominadas pela fala dos freqüentadores como LESBIAN CHIC ou LIPSTICKS. Em geral essas mulheres estavam acompanhadas por homens gays, freqüentadores típicos da região.

Segundo observação feita no mapeamento etnográfico, os freqüentadores do Jardins vinham de diversas regiões de São Paulo. Grande parte tinha carro ou estava acompanhado por amigos que tinham. A “noitada” em geral não se resumia apenas a ir a um bar, mas também às boates. Os bares dessa região eram pontos de encontro de grupos de amigos, que depois seguia seu rumo à “noitada” nas boates até o dia raiar.

As boates do Jardins chegavam ao extremo do requinte e luxo, com telões exibindo cliques musicais e eróticos, decoração e iluminação moderna. Essas boates cobravam preços altos nas bebidas e na entrada. Algumas até se davam ao luxo de escolher os clientes, barrando na porta aqueles que não estavam vestidos adequadamente, ou de acordo com o estilo da noite “Dress to impress” (com roupas da moda ou até extravagantes, no estilo CLUBBER. Os TRAVESTIS também não eram bem vindos em alguns desses locais.

5.3. Cenas de sexo e violência nos diferentes territórios.

A música tecno/dance (bate-estaca), a iluminação e os shows davam um tom erótico e um clima de “ferveção”, conforme afirmações dos freqüentadores, durante as observações de campo. Além dos shows com GOGO-BOYS, no meio da madrugada eram apresentados shows de *strippers*.

Durante o mapeamento etnográfico observou-se que apenas em uma boate do Centro tinha um DARKROOM. As boates em geral proporcionavam um ambiente mais propício para cenas sexuais acontecerem, e as praças e ruas escuras do Centro tinham a vantagem de permitirem as cenas sexuais se realizarem. As paqueras em geral aconteciam nas imediações dos bares, mas algumas delas iam parar na Praça. Os mais aventureiros mantinham relações sexuais atrás de árvores, arbustos ou muros. Apesar da região ter muitos hotéis baratos, vulgarmente chamados de “pulgueros”, muitos preferiam o escurinho da praça, por opção ou por falta de dinheiro. Os *darkrooms* das boates cumpriam também essa sua função.

“Quando chega a hora da chepa, tudo pode acontecer. Quando dá umas 4 da manhã, e você não arranhou ninguém pra ficar, vai pro darkroom pra aliviar o têsão.”(sic, anotação no diário de campo)...

A maioria das boates do Jardins tinha *DARKROOM*. Uma dessas boates tinha um “cruising bar”. Ambos tinham a mesma função: era um espaço para “caçar”, transar e de “pegações”. O *DARKROOM* era sinônimo de sexo fácil e sem compromisso. Alguns deles não tinham iluminação alguma. Ao entrar, apenas era possível ouvir a respiração, os gemidos, os ruídos de relações sexuais acontecendo... Ao mesmo tempo que havia a privação de um dos sentidos – a visão – havia a exaltação de outros sentidos – a audição, o tato, o olfato. À medida que a pessoa entrava, sentia corpos se aproximando, mãos perambulando seu corpo... Segundo o relato de um rapaz, não havia espaço para a razão, apenas para o desejo. Não era possível ver cenas sexuais acontecendo, mas era possível ouvir, sentir, cheirar. Em alguns outros locais havia uma variação dos *DARKROOMS*, com uma iluminação branda e pequenos cubículos onde os casais entravam. Nesses locais era possível ver o que estava acontecendo, desde cenas de sexo oral até sexo anal (com ou sem preservativo).

A presença de MICHÊS em algumas boates era bastante sutil. Em geral eles se misturavam e quase não era possível identificá-los. A região do Jardins não era um reduto de garotos de programa, com exceção de uma boate que, após o assassinato de um frequentador que tinha saído com um MICHÊ, foi fechada pois ficou marcada como um local “perigoso” para se paquerar.

A violência não era tão explícita no Jardins. Manifestava-se de forma mais velada, por exemplo, no “boa noite cinderela”. Uma pessoa sozinha num bar ou boate poderia ser vítima dos assaltantes, que colocavam alguma droga (em geral benzodiazepínicos) em sua bebida para fazer um “seqüestro relâmpago”. Durante o projeto, um de nossos auxiliares de pesquisa estava em um bar e foi abordado por rapazes que queriam informações sobre os bares de São Paulo, pois diziam que eram de Minas Gerais. Nesse dia, o rapaz não estava trabalhando no projeto e estava sozinho. Ele se interessou pela conversa para investigar o fluxo do “turismo gay” nos bares e boates. Mas isso lhe rendeu alguns dias de recuperação em um hospital, após ser uma das vítimas do “boa noite cinderela”. O rapaz tomou um *drink* com os rapazes, onde provavelmente foi drogado. Os rapazes percorreram os caixas eletrônicos da cidade, sacando dinheiro de suas contas

bancárias. Ele foi encontrado em um bairro nas imediações da Av. Paulista e foi levado para um hospital, sem documentos e totalmente dopado. Após dois dias de desaparecimento, a família o localizou em um hospital da capital.

“Aqui no Jardins é comum a gente ouvir essas histórias. Se o gay é boa pinta e está sozinho, é presa fácil. Fica sozinho num bar ou boate pra caçar.”(sic, anotação no diário de campo).

Durante o decorrer do projeto, tivemos algumas experiências de violência vivenciadas ou presenciadas pelos rapazes do grupo de pesquisadores. Prostituição, violência e drogas eram mais explícitas no Centro. A região da Av. Vieira de Carvalho era muito próxima da Cracolândia, local perto da Estação da Luz conhecida pelo tráfico de drogas. Muitos garotos de rua perambulavam entre os freqüentadores dos bares e boates e realizavam pequenos furtos, correndo para as ruas periféricas sentido Cracolândia. Provavelmente, o objetivo era trocar as “mercadorias” roubadas por drogas. Nossa equipe foi assaltada duas vezes no decorrer das intervenções. Um dos rapazes foi abordado por meninos de rua, que roubaram seu relógio e celular. Outro rapaz de nossa equipe teve sua carteira roubada dentro de uma boate. Todas as noites a equipe presenciava cenas de furtos.

“Eles assaltam a gente pois acham que as bichas não vão reagir. Um dia desses mexeram com um boy (garoto de programa), novo na área, que desceu porrada no moleque.”(sic, anotação no diário de campo).

“A polícia anda por aí, mas não faz nada. A gente não se sente protegido.” (sic, anotação no diário de campo).

Não podemos esquecer que o Centro foi cenário da morte de um rapaz, vítima de uma gang de skinheads. Edson Néris da Silva, morava no Centro, era adestrador de cães, e estava passando pela Praça da República juntamente com seu parceiro quando foi abordado pela gang. Ele foi assassinado no dia 06 de fevereiro de 2000 de forma extremamente violenta, socos, pontapés e pauladas.

“Dados coletados pelo dossiê do Grupo Gay da Bahia, Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis e Grupo Lésbico da Bahia, apontam que, a cada 3 dias, um homossexual é assassinado no Brasil pelo fato de ser homossexual. Na década de 90, registrou-se um aumento da ordem de 120% de crimes dessa natureza em nosso país. As vítimas das agressões de conteúdo homofóbico, não obstante, quando sobrevivem, dificilmente se dirigem à polícia para registrar a ocorrência pois temem a própria reação dos policiais. Frequentemente, a vítima do ataque homofóbico é vista como responsável pela agressão que sofreu.” (ROLIM, 2000).

A exposição à violência e possibilidade de assaltos não eram motivos que impediam a sociabilidade em tais locais. Segundo alguns homens abordados durante o mapeamento dos bares do Centro, existiam vários motivos para frequentar tais locais: encontro com amigos que ali se reuniam, paquera, identificação com o tipo de frequentador e local, preços acessíveis e facilidade de acesso.

5.4. Práticas sexuais.

Com relação aos dados sobre práticas sexuais, coletados através dos questionários, não foram verificadas diferenças significativas entre o Jardins e Centro no número de parceiros fixos e casuais. Observou-se que 26% tiveram parceiros fixos nos últimos seis meses, 41% parceiros casuais e 33% parceiros fixos e casuais. Com parceiros fixos foram encontradas diferenças significativas apenas na prática de sexo oral. Maior número de homens participantes dos Jardins (82%) fizeram uso inconsistente do preservativo no sexo oral do que no Centro (72%). Maior proporção de homens no Centro (16%) afirmaram que engoliam esperma “sempre” ou “na maioria das vezes” do que no Jardins (10%).

Analisando separadamente as questões sobre uso de preservativo no sexo anal e vaginal, com parceiros fixos (homens e mulheres), na tabela 3 observa-se que 52% dos participantes tiveram algum tipo de prática de risco nos últimos seis meses. Para essa análise não foram consideradas as questões sobre sexo oral, pois o risco é menor e é mais difícil determinar se o tipo de sexo oral realizado realmente ofereceu risco.

Analisando as questões sobre uso de preservativo no sexo anal e sexo vaginal, com parceiros casuais (homens e mulheres), observamos que 43% dos participantes tiveram algum tipo de prática de risco nos últimos seis meses, proporção menor quando comparados aos homens que tiveram práticas de risco com parceiros fixos (52%). Para essa análise, também não foram consideradas as questões sobre sexo oral. Comparando-se os dados por região observamos uma diferença significativa, pois 50% dos homens do Centro e 36% dos Jardins tiveram algum tipo de prática sexual de risco com parceiros casuais.

Pode-se observar, portanto, que o grupo dos homens frequentadores do Centro relatou proporcionalmente mais práticas desprotegidas que frequentadores do Jardins entrevistados nesse estudo. Analisando conjuntamente as questões

sobre uso de preservativo no sexo penetrativo com parceiros fixos e casuais, observamos que 50% de nossa amostra declararam algum tipo de prática sexual de risco nos últimos seis meses, sendo maior o número de homens freqüentadores do Centro que declararam práticas de risco (54% Centro X 45% Jardins), conforme a tabela 3.

Tabela 3. Práticas sexuais de risco nos últimos 6 meses, de homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo.

Variável	Jardins (n=224)	Centro (n=209)	Total (n=433)
Sexo penetrativo parceiros fixos			
Sempre usou preservativo	46%	49%	48%
Uso inconsistente	54%	51%	52%
Sexo penetrativo parceiros casuais**			
Sempre usou preservativo	64%	50%	57%
Uso inconsistente	36%	50%	43%
Sexo penetrativo parceiros fixos e casuais**			
Sempre usou preservativo	55%	46%	50%
Uso inconsistente	45%	54%	50%

** P < .05, Qui-Quadrado Pearson, grupo do Jardins *versus* Centro.

Com relação ao sexo anal desprotegido, observou-se que o uso de preservativo era menor nas práticas passivas (49%) do que ativas (60%) com parceiros fixos. Com parceiros casuais observamos o mesmo, sendo que 56% usaram preservativo nas relações anais passivas e 65% nas relações anais ativas.

Além da maior porcentagem de práticas de risco no Centro, observou-se que esses homens do Centro tinham uma menor percepção do risco de contrair o HIV, quando comparados com os homens que freqüentavam o Jardins. A confiança no preservativo como um meio eficaz de prevenção também era menor no Centro e mais homens discordaram da afirmação que “camisinhas são seguras e não estouram com facilidade”.

Tabela 4. Percepção de risco e crença na eficácia do preservativo, de homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo.

Afirmações	Jardins (n=251)	Centro (n=247)	Total (498)
Acho que pessoas como eu pegam o vírus da aids.**			
Concordo totalmente	50%	46%	48%
Concordo mais ou menos	21%	11%	16%
Discordo mais ou menos	18%	26%	22%
Discordo totalmente	11%	17%	14%
Camisinhas são seguras pois não estouram com facilidade.**			
Concordo totalmente	13%	18%	15%
Concordo mais ou menos	42%	23%	33%
Discordo mais ou menos	32%	35%	33%
Discordo totalmente	13%	24%	19%

** P < .05, Qui-Quadrado Pearson, grupo do Jardins *versus* Centro.

Na questão sobre o teste HIV, 71% dos participantes afirmaram que fizeram o teste, sendo 5% declararam-se soropositivos. Não encontramos diferenças significativas entre as respostas obtidas no Centro e no Jardins. Observamos também que o uso inconsistente é maior entre os que não realizaram o teste, na região do Centro, entre os que praticam sexo anal com mulheres e sexo anal passivo com parceiros casuais.

Tabela 5. Teste HIV x Uso de preservativo nos últimos 6 meses, de homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo.

Variável	Jardins		Centro	
	Fez teste Sim	HIV Não	Fez teste Sim	HIV Não
Uso de preservativo sexo anal com parceira fixa mulher.				
Não teve essa prática	69%	73%	71%	58%
Sempre usou	12%	05%	18%	07%
Uso inconsistente	19%	22%	11%	35%*
Uso de preservativo sexo anal passivo com parceiro casual				
Não teve essa prática	16%	24%	18%	26%
Sempre usou	60%	60%	66%	38%
Uso inconsistente	24%	16%	16%	36%*

P < .05, Qui-Quadrado Pearson, grupo do Jardins *versus* Centro.

No momento da aplicação dos questionários, apenas 50% dos participantes relataram que estavam carregando preservativo, não havendo diferença entre Centro e Jardins. A questão (aberta) sobre os motivos relatados para não ter um preservativo naquele momento foram categorizadas. A principal categoria de respostas obtida nas perguntas abertas do questionário foi a de que os participantes não pretendiam transar (47%).

“Porque saí sem o instinto de ficar com nenhuma pessoa” (sic, questionário Centro).

“Ao sair de casa para diversão, não saio com intuito de transar com ninguém. Se acaso conhecer, nunca transaria com esta pessoa por dois motivos: não transo com desconhecidos, não transaria por estar desprevenido.” (sic, questionário Centro).

“Vim aqui para encontrar os amigos e não pretendo transar.” (sic, questionário Jardins).

“Estou com meu parceiro e não vou transar.” (sic, questionário Jardins).

Alguns participantes afirmaram que não levavam preservativo pois tinham parceiro fixo (20%). Outros afirmaram que esqueceram de trazer (10%) ou que acabou (8%). Alguns afirmaram que iriam transar em casa onde há camisinha (5%) ou que se precisassem, poderiam comprar na farmácia (5%). Apenas 2% afirmou que não tinha preservativo pois não utilizava ou o parceiro deveria usar.

“O parceiro tem que usar camisinha já que ele é ativo.” (sic, questionário Centro).

Encontramos o relato de um homem do Centro que afirmou que não pretendia utilizar o preservativo e que era soropositivo.

“Não levo camisinha comigo pois eu só uso quando o parceiro pede e então ele, já que quer usar, que tenha!” (sic, questionário Centro).

5.5. Cenas sexuais de maior vulnerabilidade ao HIV.

Durante uma cena sexual, muitos são os fatores que levam às práticas sexuais desprotegidas ou de maior risco. Onde, quando, como, o que aconteceu e com quem, são algumas das perguntas que devem ser respondidas para entendermos cada cena sexual e sua relação com um cenário sexual.

COM QUEM: na tabela 6 verificou-se que alguns dos principais fatores para a **não utilização** do preservativo foram “conhecer o parceiro” (66%) e o “parceiro parecia saudável” (53%). O julgamento, baseado no conhecimento do parceiro, na aparência e na paixão (42%) era preponderante, se comparado com o resultado do teste HIV negativo (38%) e com a negociação do preservativo, onde apenas 18% afirmaram que não conseguiam convencer o parceiro.

COMO: lidar com o desejo não é sempre fruto de uma opção onde se pensa segundo a lógica da prevenção. Decisões impulsivas, ou que seguem outra lógica que não a da prevenção, muitas vezes podem tornar vulneráveis os atores envolvidos na cena. Estar com muito tesão (57%) e não pretender ter penetração (36%) estavam associados à impulsividade do ato sexual, que muitas vezes supera

a decisão racional pela prevenção, a própria percepção de risco, ou mesmo é confundida pelo consumo de drogas ou álcool (21%). O não uso de preservativo também continua associado ao desconforto, sendo que 10% afirmaram que camisinha apertada dá alergia e 19% afirmaram que tira o tesão.

Alguns motivos estão associados a situações e cenários em que parece mais difícil usar o preservativo, tais como o cenário no *darkroom* (17%) e em lugares onde não se tem preservativo disponível (35%).

INFORMAÇÃO: alguns motivos alegados para não usar o preservativo demonstram desinformação, pois 41% afirmaram que não usaram pois tiveram pouca penetração e gozaram fora, e 29% afirmaram que não usaram pois existiam medicamentos para a aids. A falta de informação sobre as práticas de risco e a crença de que os medicamentos seriam a solução para a epidemia da aids são fatores de vulnerabilidade. Observamos também que 41% afirmaram que não usaram o preservativo pois só fizeram sexo oral que, apesar de ser uma prática de baixo risco, pode ser uma forma de infecção pelo HIV e também por outras DST's.

Analisando as diferenças entre os grupos, observamos que mais homens da região do Jardins afirmaram que não usaram preservativo pois só fizeram sexo oral (57%). É interessante notar que no Jardins a prática de sexo oral sem preservativo foi maior. Esses dados podem estar relacionados com a maior presença dos *darkrooms* nas boates dessa região, que proporcionariam esse tipo de prática sexual, como foi observado no mapeamento etnográfico.

“Quando estou no darkroom, rola sexo oral. Nem vejo com quem transei. Mas às vezes a coisa esquenta, dá vontade de dar ou comer e não tem camisinha. Então rola penetração sem gozar dentro. Mas tem gente que não tá nem aí, transa e faz de tudo lá dentro.” (sic Jardins, anotação no diário de campo).

Na região do Centro mais homens afirmaram que não usaram porque não tinham preservativo (49%), porque existiam medicamentos para aids (46%) e porque não conseguiram convencer o parceiro(25%).

Tabela 6. Porcentagem dos motivos para a não utilização do preservativo, de homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo.

Não usei camisinha pois	Concordância		
	Jardins (n=56)	Centro (n=69)	Total (125)
Conhecia/confiava no parceiro.	69%	62%	66%
Estava com muito tesão.	53%	60%	57%
O parceiro parecia saudável	49%	57%	53%
Estava apaixonado.	40%	43%	42%
Só fizemos sexo oral.**	57%	29%	41%
Teve pouca penetração e gozou fora.	40%	42%	41%
Parceiro tinha teste HIV negativo.	39%	38%	38%
Não pretendia ter penetração.	32%	39%	36%
Não tinha camisinha disponível. *	17%	49%	35%
Já existem medicamentos para aids.*	09%	46%	29%
Estava chapado(álcool/drogas).	17%	23%	21%
Camisinha tira o tesão.	13%	24%	19%
Não consegui convencer o parceiro.*	07%	25%	18%
Transei no dark-room.	10%	22%	17%
Camisinha aperta/dá alergia/coça/etc.	07%	14%	10%

* P < .05, Fisher's Exact Test, grupo de homens Jardins *versus* Centro.

ONDE: o nível de dificuldade em usar o preservativo variou de acordo com o local em que a relação sexual acontece. Entre aqueles que mantiveram relações sexuais em tais locais, 26% afirmaram que tinham algum grau de dificuldade em usar preservativo quando transavam em banheiros públicos, 24% no *darkroom*, 24% no parque, 24% na rua, 17% na cachoeira/praias/campo, 13% no carro, 10% na sauna, 8% na casa do parceiro, 8% na casa familiares, 7% no motel e 5% na própria casa. Os dados evidenciaram que locais mais reservados, privativos, onde o indivíduo tinha mais intimidade, ofereciam menor dificuldade para o uso de preservativo.

COM QUEM: com relação ao uso freqüente de preservativo observamos que 25% dos entrevistados interromperam o uso de preservativo com seus parceiros sexuais após algum tempo de relacionamento. As causas mais relatadas para a interrupção foram a confiança no parceiro (39%) e a realização do teste

HIV (33%). Observamos que os homens do Centro (52%) tenderam mais a parar de usar o preservativo porque confiaram no parceiro, quando comparados aos homens do Jardins (28%). Observamos também que no Jardins (37%) tenderam a parar de usar após a realização do teste HIV, se comparados aos do Centro (29%).

“A partir do momento que eu o conheço e descubro que eu posso confiar nele e sei com quem ele anda, conheço seus passos e sabendo que nós fizemos o teste, é uma questão de confiança, é lógico que é uma pessoa séria e que me ame e corresponde o amor que um sente pelo outro, e seja uma relação aberta. Quando eu souber ou ele me falar que saiu com outra pessoa e não usou camisinha e previno antes de ter qualquer relação novamente.” (sic - questionário no Centro)

“Pelo motivo que se estiver comigo vai ter que ser comigo e fazer exames regularmente.” (sic – questionário no Centro)

“Quando eu atinjo um grau de relacionamento como o que tenho hoje. Sincero, honesto e sem traições.” (sic – questionário no Centro)

5.6. Intervenções para prevenção de aids:

Após o mapeamento etnográfico e aplicação dos questionários foram realizadas intervenções nos locais de sociabilidade de homens que fazem sexo com homens. Durante os finais de semana, a equipe composta por sete agentes multiplicadores, abordava homens em bares e boates, entregando folhetos educativos, preservativos e gel lubrificante, tirando dúvidas e fornecendo informações sobre prevenção de DST's e aids. Foram confeccionadas camisetas do Projeto Sexualidades, com uma foto chamativa (na contra-capta dessa tese) e os nomes das entidades colaboradoras, como forma de chamar a atenção dos frequentadores de tais locais e identificar os agentes multiplicadores.

Inicialmente pode-se observar uma grande diferença entre a região do Jardins e Centro. A receptividade das atividades no Centro era muito grande, especialmente da distribuição de preservativos. Não houve recusas, especialmente no centro da cidade, onde o poder aquisitivo de HSH era menor. Em alguns casos a insistência foi grande para que déssemos mais de um preservativo. Em todas as intervenções o gel lubrificante teve uma alta aceitabilidade. Ao encontrar os multiplicadores em outras ocasiões, os rapazes pediam para ganhar mais. O gel se mostrou um ótimo atrativo para a realização de pesquisas em locais de frequência de HSH. Os agentes multiplicadores alegaram que o “cuspe” e “saliva” se tornavam os lubrificantes, na falta do gel à base de água, nesses locais de pegação.

Nos Jardins encontramos mais resistências ao trabalho. Muitos homens não paravam para conversar com a equipe, não tiravam dúvidas ou não demonstravam interesse pelo projeto. Alguns faziam “carão”, não davam atenção ou mal olhavam para os agentes multiplicadores. Alguns homens não pegavam o preservativo e alegavam que já tinham ou que sempre pegavam no COAS, que mantinha distribuição sistemática. O menor interesse talvez estivesse associado ao maior nível educacional e econômico desses homens, que julgavam que não “precisavam” de informações ou de preservativos. Deve ser levado em consideração que esses homens estavam em bares e boates para se divertir, encontrar amigos, socializar, paquerar ou até transar, sendo que muitos não estavam dispostos a pensar em aids. A estratégia utilizada foi “entrar no clima de ferveção” desses locais, incorporando a prevenção ao “agito” dos bares e boates. Um dos membros da equipe começou a se vestir de DRAGQUEEN, que foi batizada de *Lolita Pegeout*. Ao chegar nos locais, junto com outro agente multiplicador que vestia também a camiseta do projeto, distribuía folhetos e preservativos, fazia piadas e brincava com os freqüentadores. Essa abordagem, com o “estilo da noite gay do Jardins” chamou a atenção dos homens e quebrou as resistências. Os rapazes que faziam parte da equipe também incluíram alguns adereços no “uniforme” do projeto, com orelhas de coelhinhos, cenouras de plástico, chifres de diabinhos, dando um tom jocoso às intervenções. Observou-se que essa forma de abordagem quebrou as resistências e aproximou os homens do Jardins, que passaram a fazer perguntas sobre o projeto e prevenção de DST’s e aids.

No Jardins verificou-se que a dúvida mais recorrente era sobre a transmissão através do sexo oral e no sexo grupal. No Centro, os homens faziam mais perguntas relacionadas à falta de informação sobre os meios de transmissão, sobre o sexo oral e saliva como possível transmissor, teste HIV e o tempo após o risco para fazer o teste, tempo de sobrevivência com aids e tratamento. Durante as intervenções observou-se que os homens do Centro tinham mais dúvidas e falta de informação que no Jardins.

As atividades realizadas nos bares e boates foram avaliadas positivamente pelos homens das duas regiões. No Jardins, muitos homens elogiaram o trabalho e pediam informações sobre os estudos realizados na área.

“É um trabalho muito bom. Estávamos precisando de apoio pois às vezes não temos aqui no babado.” (sic - diário de campo).

“É bom porque a gente sempre está lembrando as pessoas da doença e isso faz pensar melhor na hora do rala e rola.” (sic - diário de campo).

“O preservativo chegou em boa hora porque eu não tinha aqui comigo.” (sic - diário de campo).

Os homens do Centro também avaliaram de forma positiva, elogiando a atuação do grupo e afirmando que mais trabalhos desse tipo deveriam ser realizados para conscientizar as pessoas sobre a aids e sanar as dúvidas sobre a transmissão do HIV. Alguns afirmavam que receber o preservativo era importante, pois às vezes não tinham dinheiro para comprar e acabariam transando sem camisinha.

“O projeto é legal pois a gente não tem camisinha e acaba transando sem. Na hora nem pensa que a aids existe, mas depois fica encanado.” (sic - diário de campo).

“A gente tá aqui na rua e nem pensa na camisinha. Acaba indo pra praça ou nos becos e nem dá tempo pra pensar...”(sic- diário de campo).

Além das atividades nos bares e boates, foram realizadas algumas palestras e workshops, nos quais os frequentadores de ambas as regiões foram convidados a participar. No início houve dificuldade na realização dessas atividades, pois a adesão foi muito pequena. No final do projeto, em meados de novembro, foram realizadas três atividades em que se obteve uma participação maior, mas com a presença apenas de homens que frequentavam os bares e boates do Centro. Essas atividades eram marcadas em dias da semana ou finais de semana, na sede do CAEHUSP no Centro, e na Faculdade de Saúde Pública nas imediações do Jardins. Os horários, datas e locais foram alternados para obter maior adesão aos workshops, mas não se obteve sucesso. A alternativa pensada foi marcar tais atividades dentro dos bares e boates, mas em virtude da finalização do projeto, não puderam ser realizadas.

Observou-se que a aceitação das atividades de intervenção e a participação em workshops foi maior no Centro do que no Jardins. Na aplicação dos questionários, comparando os participantes dos dois bairros observamos uma maior adesão dos homens do Centro nas palestras/debates e no Projeto

Bela Vista. Esse dado confirma as observações de campo, durante as intervenções nos bares e boates, onde os homens do Centro se mostraram mais disponíveis para conversar com os pesquisadores, pedindo preservativos e informações.

Tabela 7. Participação em trabalhos de prevenção de aids, entre homens que freqüentavam bares e boates gays de duas regiões da cidade de São Paulo.

Afirmções	Jardins (n=251)	Centro (n=247)	Total (498)
Palestras/debates**			
Sim	33%	43%	37%
Não	67%	57%	63%
Projeto Bela Vista**			
Sim	4%	9%	6%
Não	96%	91%	94%

** P < .05, Qui-Quadrado Pearson, grupo do Jardins *versus* Centro.

6. CENÁRIOS, PAPÉIS E PRÁTICAS HOMOERÓTICAS

6.1. Os cenários homossexuais.

Nos capítulos anteriores descrevemos como historicamente locais de sociabilidade homoerótica se configuraram como espaços de resistência, conferindo visibilidade e proteção, ao mesmo tempo se tornaram foco e alvo de ataques homofóbicos. Durante o projeto observamos um circuito social e erótico, com a ocupação de determinadas regiões da cidade, e algumas cenas de preconceito e discriminação. Era comum ver passageiros de carros, passando pelos bares e boates, xingando e fazendo piadas dos frequentadores. Nos últimos anos, os locais de sociabilidade em São Paulo também foram palco para a morte de dois homossexuais, vítimas de gangues de *skinheads*. Um deles foi morto por uma arma de fogo, em um bar no Centro, na Rua da Consolação. Outro caso, amplamente divulgado na mídia, foi a morte por espancamento de Edson Néris, na Praça da República. Os dois casos ocorreram na região do Centro.

No plano da sociabilidade, Parker (2002) também descreveu que, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, criaram-se subculturas sexuais diversas que ocuparam espaços dentro das cidades, como forma de proteção à violência e opressão vivida por homossexuais, produzindo uma geografia sexual. No próximo capítulo discutiremos como a análise dessa geografia sexual da sociabilidade homossexual pode indicar a experiência sexual realizando-se em subculturas distintas, com diversos papéis e imagens identitárias, e portanto produzir cenas e práticas sexuais diferentes. Ao mesmo tempo, o contraste com a experiência sexual homoerótica em outras metrópoles indica a composição de múltiplos territórios de vulnerabilidade ao HIV e à aids. As implicações para a promoção da saúde sexual será tema que aprofundaremos no próximo capítulo.

Alguns autores (PERLONGHER, 1997; PARKER, 2002) descreveram os locais de sociabilidade de homens que fazem sexo com homens em São Paulo, Rio e Fortaleza com características semelhantes aos das comunidades gays no cenário internacional. Parker (2002) afirmou que São Paulo e Rio, por serem cidades mais industrializadas, são grandes centros mais influenciados pela moda, novas idéias e inovações. Também é possível se observar aspectos similares às grandes metrópoles de outros países, que têm grandes comunidades homossexuais.

Gontijo (2004b) também descreveu maior visibilidade de homossexuais nos centros urbanos brasileiros e os pontos de encontro ocupados no Rio de Janeiro nos anos 70/80 marcados pela imagem do “entendido” a partir da difusão do modelo gay norte-americano. Além de bares, boates, saunas e cinemas, pontos de encontro incluíam “a praia de Copacabana no Rio e seu trecho gay - a Bolsa - os bailes carnavalescos Gala Gay, a Banda de Ipanema e a invasão das escolas de samba de carnavalescos como Joãozinho Trinta.” (GONTIJO, 2004b, p. 4) Nos anos 90, com a re-tradução tropicalizada do *queer movement* americano e o aparecimento das barbies e drags, criaram-se novos espaços de sociabilidade carioca.

“...o eixo Teixeira de Melo/Farme de Amoedo, em Ipanema, as rave-parties realizadas em locais insólitos e onde se escuta música eletrônica (como X-Demente, BITCH e outras, as festividades ditas off e “alternativas” do carnaval, as bandas Carmen Miranda e Simpatia É Quase Amor, as escolas de samba São Clemente e Mangueira, ou onde estiverem Milton Cunha e Rubinho Barroso.”(GONTIJO, 2004b, p.4)

Buttler (2001) afirma que os homossexuais, que têm o desejo que foge à norma do imperativo heteronormativo, são seres abjetos - que não são sujeitos e estão à margem. A exclusão e a abjeção constituem essas pessoas. As teorias *queer* questionam essas normas regulatórias da sexualidade, que definem o padrão macho-fêmea como o modelo ideal de desempenho da sexualidade. Assim, a noção de identidade gay penetrou nossa cultura, acompanhada por um novo sistema de valores que também se contrapunha a essa divisão de papéis. O termo “entendido” surgiu para definir aqueles que têm relações sexuais com pessoas do mesmo sexo e que não adotam comportamentos e trejeitos do sexo oposto. A noção de entendido foi substituída pelo termo gay. Essas novas idéias, em São Paulo, foram trazidas principalmente por homossexuais da classe média intelectualizada, que nos anos 70 migraram para espaços de sociabilidade na região do Jardins, semelhantes ao que se descreveu no cenário carioca.

Em nosso estudo, como também notou Tertto Jr. (1997), os locais de sociabilidade de São Paulo não chegaram a configurar um gueto, no mesmo sentido que as comunidades gays norte-americanas e européias, pois os homossexuais não fixaram residência em bairros específicos. Observamos que os locais dessas interações homoeróticas podem ser bares, boates, saunas, cinemas, *darkrooms*, praças, parques, ou até mesmo locais não identificados como estritamente gays, como banheiros públicos em shoppings ou em pontos

estratégicos da cidade. Em qualquer lugar pode ocorrer a paquera ou a “pegação”, onde o desejo pode ser expresso, como também descreveu Parker (2002) em seu estudo no Rio de Janeiro e Fortaleza.

Na região do Centro de São Paulo pode-se observar a presença de michês, prostitutas e travestis, além de bares, boates e hotéis, como também descreveu Perlongher (1987). Parker (2002) descreveu o centro da cidade do Rio de Janeiro como o espaço onde se estabeleceram locais de sociabilidade gay no início do Séc.XX. Segundo Perlongher (1987), o Centro era uma região com maior mobilidade moral e a menor adesão aos tabus e às regras sociais, sendo habitada por todos os tipos de marginalia. No nosso estudo, o Centro de São Paulo era ainda a sede dos bares mais antigos da cidade, que atendiam a um público mais pobre e com menor escolaridade quando comparado ao Jardins. Os bares e boates eram mais simples e com menor investimento, mais pobres se comparados aos do Jardins, onde a sofisticação e o luxo eram marcas que os diferenciavam. Confirmamos as modificações desse cenário e do aumento de criminalidade no Centro já indicado por Perlongher (1987). A expansão dos locais de sociabilidade para a região do Jardins continua marcada por uma divisão de classe e pela introdução de novas idéias comparáveis aos dos movimentos homossexuais no cenário homossexual nacional e internacional. Diferentes protagonistas ocupavam diferentes espaços, povoados por diferentes tipos de homens e de diferentes classes sociais.

6.2. Tipos de protagonistas e papéis.

Segundo o Psicodrama, o papel é a menor unidade inter-relacional de conduta entre duas pessoas. Para Moreno (1997), a identidade é um conjunto de papéis internalizados ao longo de nossa vida. Dessa forma, a identidade não é fixa, estando num constante fluxo de transformação. Desempenhamos papéis na relação com o outro e somos protagonistas de nossas cenas.

As práticas e os papéis desempenhados por homens que fazem sexo com homens na atividade sexual ocorrem nesse contexto social e cenário cultural descritos nos capítulos anteriores, que permitem imaginar como suas cenas se realizam.

Alguns autores falam sobre a identidade sexual ou subculturas sexuais, mas preferimos adotar a noção de imagens identitárias (GONTIJO, 2004a), que se

referem às aparências que identificam. Em nosso estudo verificamos a presença de tipos de protagonistas, de acordo com papéis homoeróticos desempenhados ou “performances” (BUTTLER, 2001), marcados pela idade, classe social, escolaridade e papel de gênero. Essas aparências que identificam também foram descritas no estudo de Perlongher (1987), que as definiu como categorias registradas no discurso dos territórios homossexuais paulistanos.

Segundo Perlongher (1987), no Centro os padrões mais tradicionais de gênero marcavam as relações sexuais, de forma que a subcultura bicha/bofe predominava, reproduzindo a norma heterossexual para a conduta sexual. A bicha desempenharia, segundo esse padrão heteronormativo, papéis feminilizados e seria passivo na relação sexual (PERLONGHER, 1987; TERTO JR., 1997; GREEN, 2000; PARKER, 2002; SEFFNER, 2003).

Vimos também que no mapeamento etnográfico foram observadas diferenças significativas na aparência, aderência às tendências da moda, na arquitetura e decoração dos bares e boates. Os homens do Centro tinham menor renda e escolaridade que os homens do Jardins, o que confirma o estudo de Perlongher (1987).

A classificação por gênero definida por Perlongher (1987) foi confirmada em nosso estudo, que observou essa classificação especialmente presente na linguagem cotidiana em que os homens mais masculinos eram denominados como bofe e os mais afeminados eram identificados como a bicha. Os comportamentos mais afetados e feminilizados eram visivelmente criticados por outros homens, principalmente na região do Jardins. Segundo SEFFNER (2003) a ambigüidade é condenada, pois ser passivo é ultrajante. Ser ativo recupera a masculinidade perdida. No Centro a reprodução desses papéis sexuais do sistema bofe/bicha era mais presente. Alguns autores apontaram para a reprodução mais freqüente desse modelo em classes populares ou grupos mais afastados das grandes metrópoles (TERTO JR, 1997; PARKER, 2002; NUNAN, 2003). De acordo com Gontijo (2004a), essas imagens identitárias são típicas dos anos 70, mas também permanecem vivas no cenário homossexual carioca.

Na subcultura gay, definida no capítulo anterior, não existe essa reprodução dos papéis de gênero, e rompe-se com o estereótipo feminilizante a partir da crítica ao modelo heteronormativo. Especialmente na região do Jardins, onde esse rompimento foi mais visível, as barbies (homens musculosos e atléticos)

predominavam. Ser homossexual passou a ter outro significado, o questionamento dos papéis feminilizados pode constituir uma nova identidade compartilhada onde se propõem relações afetivas e sexuais mais igualitárias (FRY & MACRAE, 1991). Para alguns, romper com esse padrão parecia também ser uma forma de resistir, uma forma de lidar com o preconceito e permanecer no anonimato. Durante o mapeamento etnográfico alguns homens afirmavam que não gostavam de andar com “bichinhas”, pois davam “bandeira”. Ter um círculo de amigos que não desempenhassem papéis afeminados era uma forma de ocultar da família sua opção sexual. O novo cenário da homossexualidade, com a superação desses padrões de gênero, proporcionou o surgimento de uma imagem identitária mais masculinizada, com a valorização da virilidade, produzindo uma nova geração de gays e jovens gays, o que podem ser uma alternativa para lidar com o preconceito e ganhar relações mais igualitárias.

A classificação por idade descrita por Perlongher (1987), que define tipos de protagonistas mais jovens ou mais velhos, parece também permanecer relevante. Os jovens são denominados como boy (masculino), bichinha jovem ou bicha-baby (afeminados), os mais velhos como coroa, tio ou tia, maricona ou bicha velha (de acordo como o papel de gênero desempenhado). No Jardins, as imagens identitárias pareciam estar relacionadas ao mundo da moda, ao culto ao corpo, da beleza e da juventude, como também discutiu Ferreira (2004). Observamos que no Jardins a vanguarda era uma valor mais presente e ser velho parecia algo démodé, decadente. A sensualidade parecia estar associada ao corpo jovem, esbelto, viril. O Centro da cidade foi região onde o gueto homossexual surgiu, alguns dos bares mapeados tinham mais de 30 anos de existência e provavelmente os homens mais velhos já freqüentavam tais locais, tendo suas redes sociométricas estabelecidas nesses espaços. A presença de tias, coroas e mariconas no Centro estava também ligada ao fato dessa região ter dois bares exclusivamente de freqüência de homens mais velhos e com a presença de michês.

Rios (2004) observou em seu estudo, no Rio de Janeiro, que ao perder os atributos da juventude, os homens mais velhos que conseguiram estabilidade financeira e um determinado status, podem buscar parceiros mais jovens. É comum homens gays pagarem para ter relações sexuais após os cinquenta anos. Em nosso estudo etnográfico observamos que alguns homens acima de 50 anos mantinham relações afetivas e/ou sexuais com jovens. Aqueles que dependiam

economicamente de seus parceiros mais velhos, eram denominados “C.A.” (carteira assinada). Não eram michês, pois não mantinham múltiplos parceiros sexuais em troca de dinheiro, mas eram “bancados” por seus parceiros mais velhos.

Na região do Centro da cidade verificamos a convivência mais explícita de homossexuais com travestis, prostitutas e michês. No Jardins a frequência de michês era mais discreta em algumas boates. Segundo Parker (2002) é comum a topografia das interações homoeróticas coincidirem com a da prostituição masculina e feminina. Fatores tais como nível sócio-econômico e idade influenciam a prostituição nessa região. O “mercado homossexual”, como se refere Perlongher (1987), onde homens que fazem sexo com homens estão procurando parceiros para ter relações sexuais ocasionais, está mais presente nessa região. No Ibirapuera e Trianon encontrou michês de classe média e no Centro a prostituição viril era de jovens de classe baixa, o que se pode observar ainda hoje.

Em nosso estudo observamos a frequência de michês e travestis sobretudo na região do Centro, pois não são “bem vindos” em alguns bares e boates do Jardins. Segundo Peres (2004) a violência simbólica ou física sofrida por travestis ocorre em vários contextos com a exclusão escolar, familiar, cultural, econômica, racial, sexual e religiosa, que ele chama de “rede de exclusão”. As práticas de exclusão podem ser mais sutis ou mais transparentes, e também existem no meio homossexual. Por outro lado, as drag-queens fazem parte do cenário do Jardins, animando bares e boates com seu tom jocoso e debochado ou entregando folhetos de boates da região. Gontijo (2004a) também descreveu a presença de drags em ambientes cariocas freqüentados pelas barbies (como nos Jardins) e travestis em locais freqüentados por bichinhas quaquaquá, boys e mariconas (como no Centro).

O nosso estudo etnográfico encontrou as diferenças de renda e nível educacional entre Jardins e Centro, confirmadas pela aplicação dos questionários. Como vimos, a classificação por extrato social descrita por Perlongher (1987) é relevante porque define tipos de homossexuais de acordo com sua renda.

Segundo Terto Jr.(1997), a crescente comercialização da homossexualidade e a criação de uma “cultura de consumo” e “consumo de cultura”, deu distinção a gays da classe média intelectualizada, que se diferenciaram e se distanciaram das zonas centrais da cidade, buscando regiões de maior status social e maior

aceitação na sociedade. “Perde-se o espírito de solidariedade e convivência, inicialmente articulada com os outros grupos e populações marginalizadas e oprimidas, inclusive daqueles mais pobres. Muitos encontram no consumo uma forma de dar vazão ao afã de distinção.” (TERTO JR., 1997, p.40).

A escolaridade alta observada em nosso estudo também pode ser um indício de uma busca de distinção profissional, que mantém a capacidade de consumo e a integração nesses espaços, e, talvez, com apontou Parker (2002), maior aceitação. No total, Centro e Jardins, 66% dos homens que freqüentavam os locais de sociabilidade gay tinham nível superior ou pós-graduação. Essa média é extremamente alta para um país como o Brasil, que tem problemas de evasão escolar e uma restrita oferta de ensino superior em universidades públicas. Ainda assim, uma proporção maior de homens do Jardins tem nível superior, além de maior renda, o que certamente marca essa rede relacional, o cenário e as subculturas locais vigentes.

O estilo cor-de-rosa ou *gay way of life*, portanto, ganhou legitimidade entre homossexuais, com a abertura de estabelecimentos comerciais, serviços especializados (agências de turismo, hotéis, restaurantes e pousadas gays, profissionais liberais prestando serviços), festivais de cinema gay e lésbico, peças de teatro, feiras de moda, etc (TERTO JR., 1997; PARKER, 2002; NUNAN, 2003; PEREIRA, 2004). Juntamente com esse modismo, vemos o surgimento de uma subcultura GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), pois esse estilo de vida e de consumo (de bens materiais, da moda e da cultura) começou a ser valorizado principalmente por jovens, identificados com esses valores. Segundo Pereira (2004), as Festas Clubber e Raves viraram moda, um *must cul*”, que atraiu simpatizantes. Parker (2002) assinala que o apelo *cult* desse modo de vida gay que foi absorvido pela indústria do entretenimento no Brasil, similar aos países anglo-europeus, custa dinheiro, o que acabou ampliando também no cenário homossexual as diferenças sociais, separando a “elite gay” das classes mais baixas.

O que se pode observar é que a adesão a esse estilo gay de vida, não está necessariamente ligado à renda, conforme observamos em nosso estudo. Muitos homens do Jardins (22% ganhavam menos de quatro salários mínimos) não tinham uma renda alta mas se vestiam e estabeleciam-se em performances de acordo com os padrões do local, assumindo a imagem identitária gay

predominante. Observamos uma grande preocupação com o visual, o corpo, a roupa, se encaixando no modelo “gay bem sucedido” e que está por dentro de todos eventos artístico-culturais da cidade. Por outro lado, no Centro observamos que muitos homens com maior renda (17% ganhavam acima de doze salários mínimos) não se identificavam visivelmente com essa subcultura gay de consumo, e socializavam sem a preocupação com a aparência e o visual de “vitrine” do Jardins. “Particularmente para os setores mais pobres da sociedade brasileira, a participação nesse mundo comercial passou a ser uma das fontes mais importantes de status - e com frequência - um mecanismo de mobilidade social...” (PARKER, 2002, P.173).

A escolha desses locais de sociabilidade se baseava na rede relacional estabelecida e na identificação com outras subculturas sexuais vigentes. As escolhas sociométricas dependem de outros fatores além da renda ou escolaridade.

Além da diferença de renda, observamos que o Centro era mais freqüentado por negros e mulatos do que o Jardins. Segundo Pinho (2004), a brancura é uma norma estética típica da identidade gay, que foi sendo construída pelas comunidades homossexuais de classe média. Produzem práticas discursivas que oprimem, estigmatizam e produzem sujeitos subalternos, mas ao mesmo tempo criam subculturas de resistência. Ser negro, pobre e homossexual é o mesmo que falar da minoria das minorias. Segundo Terto Jr. (1997), o movimento homossexual também sofria as conseqüências do racismo e de classe, o que tem estimulado a discussão sobre a discriminação de negros na comunidade homoerótica e a discriminação de homossexuais na cultura afro-brasileira. As dimensões de raça, classe e gênero não podem ser desconsideradas. Ser gay negro ou mulato pode aumentar a discriminação vivida. Segundo Pinho (2004), as subculturas homoeróticas são “mundos homossexuais de raça, de classe e desigualdade, e de como nesses mundos homossexuais a gente pode flagrar a constituição de performances, estratégias de resistência.”(PINHO, 2004, p.127).

Durante o mapeamento etnográfico observamos que alguns homens afirmavam que freqüentavam o Centro da cidade pois gostavam de ter relações sexuais com negros, em virtude de seus “dotes” físicos. Ao mesmo tempo em que convivem com práticas e discursos de exclusão, também observamos um discurso erotizante da negritude, que está associada ao corpo e sensualidade. “A maneira como se representa o Brasil passa necessariamente para relação de raça e gênero

(...) o corpo negro é seccionado, fetichizado, o homem negro e o corpo da mulher negra também.” (PINHO, 2004, p.129). Mas nem todos tinham esse discurso erotizante. Observamos durante o mapeamento que alguns homens afirmavam que não gostavam de ter relações sexuais com homens negros e que a discriminação vivida por homossexuais negros também acontecia nesses espaços de sociabilidade. Perlongher (1987) também descreveu brevemente o preconceito vivido por negros na região do Centro, onde michês se negavam a ter relações sexuais com eles.

Para Parker (2002), as questões de classe social são mais determinantes na organização da homossexualidade, do que as questões de raça e idade. O autor descreve a região central do Rio de Janeiro, sinalizando a presença de diversas subculturas homoeróticas, onde a diversidade de raça e classe era mais acentuada. Ser negro e gay faz parte dessa diversidade, compondo uma subcultura, o que também foi observado em São Paulo.

Em nosso estudo verificamos que 21% dos homens nasceram em outras regiões do país, sendo que no Centro essa porcentagem era maior do que no Jardins. Não investigamos quais os motivos que levaram esses homens migrantes a estar vivendo em São Paulo, o que seria interessante em pesquisas futuras. Parker (2002) descreveu como a imigração, fruto do processo de industrialização e urbanização do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, questionou valores tradicionais familiares e enfatizou a vida pessoal autônoma. Essas mudanças no contexto social, político e econômico abriu espaço para novas performances sexuais. O movimento homossexual se iniciou de forma mais expressiva nesses dois centros urbanos que são atrativos, pois são locais de liberdade e oportunidade, diferentes de cidades menores. O anonimato das grandes cidades, a maior tolerância às diferenças, as oportunidades de ascensão social e a ampliação de espaços de sociabilidade homoerótica atraíram homossexuais de outras regiões possibilitando uma vida nova.

A heteronormatividade e a tradição familiar impõem a monogamia e a composição familiar (pai, mãe e filhos) como modelo ideal de relacionamento, que o movimento homossexual questionou historicamente. Os homossexuais buscaram fugir à norma tradicional, rompendo esses padrões familiares (CASTELLS, 2002). Mas estamos vivendo um momento de mudanças rápidas na sexualidade com a globalização (PARKER, 2002). O movimento pela aprovação

da lei de parceria civil tem tido força mobilizadora na luta dos movimentos homossexuais no Brasil, entre outras lutas.

Além do famoso caso de Cássia Eller, vemos os casais homossexuais compondo família e adotando crianças, até na atual novela da Globo (“Senhora do Destino”). Em 1996 assisti à parada gay de São Francisco, onde filhos de casais homossexuais desfilavam, dando visibilidade para essas novas configurações familiares do mundo moderno. Conheço casais de homossexuais no Brasil, de gays ou lésbicas, em que um dos parceiros adotou uma criança. Apesar de não serem legalizados, o casamento entre parceiros do mesmo sexo e a adoção de crianças ocorre, mesmo que de maneira informal. A conjugalidade faz parte do cenário homossexual, referida de várias maneiras aos padrões familiares tradicionais da heteronormatividade, mesmo em cidades do interior, como Ribeirão Preto (MOSCHETA, 2004). A possibilidade de co-habitar abertamente com parceiros sexuais, que o jargão dos estudos demográficos e no campo da sexualidade/aids, tem qualificado como “parceiros fixos”, se amplia para cônjuges/parceiros do mesmo sexo. O tipo de vínculo, entre outros elementos presentes no contexto intersubjetivo e na cena sexual (PAIVA, 1996, 1998, 2000), vai ser importante para definir papéis e práticas marcados por esse cenário homossexual.

6.3. Práticas e cenas sexuais

Segundo Laumann et al. (1994), a conduta sexual (as práticas carregadas de sentido) é relacional, produto do cenário cultural, *scripts* interpessoais e intrapsíquicos. Paiva (1996) acrescenta que se realizam em cenas únicas que estão referidas a uma esfera identificável do sujeito (o sujeito sexual) e a uma esfera identificável do cenário cultural (o cenário sexual). Um dos elementos mais constantes para qualificar como as cenas e a conduta sexual se realizam, é o tipo de vínculo com o parceiro em cada experiência (e cena) sexual (PAIVA, 1996, 1998, 2000).

Com relação ao estabelecimento de parcerias, observamos durante o mapeamento etnográfico que o cenário homoerótico era extremamente sensualizado, com a valorização do sexo e do prazer. A dificuldade em estabelecer um namoro ou casamento entre homens era uma reclamação recorrente nas conversas observadas. Muitos homens relataram que não era difícil ter relações

sexuais, bastava ir aos locais de “caça” para arranjar um ou mais parceiros. Discurso e prática às vezes se contradiziam, pois para alguns a noite sempre terminava numa transa, *one night stand*, sem compromisso.

“O homem foi criado para caçar, ‘quanto mais melhor’, na situação invertida de caça e caçador e com sexo fácil e abundante. Então é mais fácil encontrar sexo, e mais difícil encontrar o relacionamento na noite.” (sic – diário de campo).

Ouvi também muitos amigos, colegas e até pacientes no consultório, com a eterna queixa dessa “falta”, o vazio que perdurava após a relação sexual. A paquera, a “pegação” e a busca de prazer eram valores visíveis na fala desses homens, mas a busca de um relacionamento estável também, apesar de menos aparente nos ambientes dos bares e boates.

Observamos em nosso estudo que apenas 26% dos homens tiveram apenas parceiros fixos nos últimos seis meses, enquanto 41% tiveram somente parceiros casuais e outros 33% parceiros fixos e casuais. Dados similares foram obtidos no estudo de coorte do Bela Vista, onde 28% dos homens tiveram apenas parceiros fixos e 72 % parceiros ocasionais nos últimos seis meses; no estudo Horizonte 80% tiveram parceiros ocasionais (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000).

Muitos casais homossexuais masculinos relataram que deixaram de frequentar os locais de sociabilidade porque não gostavam do agito, da ferveção e da “pegação”. Alguns homens afirmavam que paravam de frequentar tais locais quando namoravam pois tinham medo de que a relação fosse atrapalhada por algum aventureiro, que poderia assediar um dos parceiros. Outros por medo de serem vistos por alguém conhecido que não soubesse de sua opção sexual.

Em nosso estudo os homens relataram proporcionalmente mais sexo penetrativo sem camisinha com parceiros fixos do que com parceiros casuais, com diferenças entre o grupo do Centro e o dos Jardins. Como discutiremos a seguir, o tipo de parceria sexual é um fator importante que facilita ou dificulta o uso de preservativo em parcerias homo ou heteroeróticas em povos de todo mundo (HEARST & CHEN, 2003). Também uma pesquisa recente realizada pelo IBOPE/MS numa amostra representativa da população brasileira, observou-se que 78% das pessoas entrevistadas (homens e mulheres) não fizeram uso do preservativo com parceiros fixos, embora apenas 18% declararam que não usaram camisinha com parceiros casuais nos últimos seis meses (PAIVA et al., 2005). A taxa de sexo sem proteção nos dois territórios estudados é, portanto, menor que na

população brasileira, mas a tendência de maior uso com parceiros casuais aqui se reproduz.

Nos relacionamentos com parceiros fixos, uma pesquisa realizada com HSH no Rio de Janeiro (PARKER et al., 1998), demonstrou que os casais rapidamente interromperam o uso de preservativo para simbolizar a confiança e o envolvimento emocional com o parceiro fixo, o que também parece ser parte do cenário cultural para outros grupos, como ,por exemplo, jovens escolares. Em pesquisas anteriores realizadas pelo NEPAIDS, com adolescentes e jovens adultos, verificamos que a paixão e o relacionamento estável dificultavam a negociação do preservativo (PAIVA, 1996 e 2000; ANTUNES, 1999).

Vários estudos com HSH demonstraram diferentes taxas de uso de preservativo de acordo com o tipo de parceria, sendo menor com os parceiros fixos do que com parceiros casuais. No estudo de Martin et al. (1992) na Inglaterra, 30% dos homens não usaram preservativo com parceiros casuais e 62% com parceiros fixos. Na Tailândia, maiores taxas de sexo desprotegido foram encontradas, sendo que 80% não usaram preservativo com parceiros casuais e 85% com parceiros fixos (SITTITRAI et al., 1993). No estudo de Hays et al. (1997) realizado nos EUA, 51% dos homens tiveram sexo desprotegido com parceiros fixos e 21% com parceiros casuais. Um estudo com latinos nos EUA demonstrou que 67% dos HSH não usaram preservativo com parceiros fixos e 44% com parceiros casuais (DIAZ et al., 1996).

Em São Paulo, o estudo Bela Vista encontrou que 36% dos homens tiveram sexo anal desprotegido com parceiros fixos e 15% com parceiros casuais no primeiro contato e entrevista no projeto (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000). Nesse estudo uma porcentagem menor não utilizou o preservativo, provavelmente porque a amostra do estudo foi composta por homens que procuraram serviços de saúde para realizar o teste HIV, que concordaram em participar do estudo e que eram soronegativos, diferente de outras amostras de HSH. Ainda assim a tendência de maior uso de preservativo em cenas entre parceiros casuais se mantém.

Muitas pesquisas demonstraram que é difícil manter os comportamentos seguros ao longo do tempo (STALL et al, 1990 e 2000; EKSTRAND & COATES, 1990; ADIB et al., 1991; KELLY et al.,1991; DE WIT et al., 1993) e um estudo longitudinal realizado em São Francisco, demonstrou que as taxas de

sexo anal desprotegido cresceram de 37% para 50%, entre 1993 e 1997 (EKSTRAND et al., 1999).

Ao analisar os dados de parceiros fixos e casuais conjuntamente, 50% do total de nossa amostra fizeram uso inconsistente do preservativo no sexo penetrativo nos últimos seis meses. Na pesquisa nacional do IBOPE/MS, o uso inconsistente de preservativo (ocorrência de sexo sem camisinha com parceiros fixos e casuais) foi de 85% (PAIVA et al., 2005). É interessante e importante notar que se compararmos esses dados, no geral a proporção de HSH que fizeram uso inconsistente do preservativo em nosso estudo é bem menor que na população em geral.

Com relação ao sexo oral, observamos que uso de preservativo foi menor que nas práticas penetrativas, sendo a maioria (74%) nunca usou preservativo em sexo oral com parceiro fixo e/ou com parceiros casuais (69%). Outros estudos também detectaram altas taxas de sexo oral desprotegido. Parker et al.(1998) descreveram um estudo realizado no Rio de Janeiro, em que 83% dos HSH fizeram sexo oral sem camisinha. Outro estudo realizado em São Paulo (FRANCO et al., 1998) demonstrou que 77% dos homens entrevistados fizeram sexo oral sem preservativo. Um estudo realizado em Porto Alegre demonstrou que 85% dos homens fizeram sexo oral de risco (FREITAS, 1998). No estudo de Koblin et al. (2000), 84% dos homens tiveram práticas de sexo oral desprotegido. No estudo Bela Vista, 72% dos homens tiveram práticas de sexo oral desprotegido com parceiros fixos e 56% com parceiros casuais (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000).

O cenário homossexual desses espaços de sociabilidade, numa cidade que foi epicentro da epidemia no Brasil e marcada pelas perdas no início da epidemia, parece aceitar melhor o uso do preservativo, em taxas comparáveis com países mais desenvolvidos. Mas não de forma homogênea.

Em nosso estudo observamos que os homens do Centro declararam proporcionalmente mais práticas de sexo com penetração sem uso de preservativo com parceiros casuais que os do Jardins. Ao analisar os dados de parceiros fixos e casuais conjuntamente, no Centro também foram relatadas mais práticas de risco. Apesar das práticas de sexo oral sem preservativo no Jardins serem mais frequentes, no Centro os homens declararam em maior proporção que tiveram

contato com o esperma quando não usaram camisinha. Esses dados demonstraram que os homens do Centro estão mais expostos ao HIV.

Stall et al. (2000), em uma revisão de literatura sobre estudos realizados nos anos 90, também demonstraram que o risco de infecção pelo HIV não estava igualmente distribuído entre a população de HSH. Indicaram que aspectos econômicos e culturais, tais como pertencer a grupos de minorias étnicas e raciais, baixa escolaridade e renda, estavam relacionados às práticas de risco, tornando esses indivíduos mais suscetíveis ao HIV.

Em nosso estudo, além das diferenças de renda, classe e escolaridade, observamos que os homens do Centro tinham uma menor percepção de risco e menor confiança no preservativo como um método eficaz na prevenção do HIV. Devemos, portanto, imaginar que essas crenças marcam os papéis desempenhados nas diferentes cenas, referidas a diferentes redes relacionais que se socializam em diferentes territórios.

No início da epidemia, a noção de grupos de risco, onde se incluíam os HSH, contribuiu especialmente para o preconceito e estigmatização de homossexuais e se mostrou ineficaz, sendo substituída pela noção de comportamento de risco (PAIVA, 1996; AYRES et.al., 2003). Mas essa abordagem individualista limitou o entendimento de todo esse conjunto de fatores que influenciavam a sexualidade e a prevenção da aids.

“a mudança para um comportamento protetor na prevenção da aids não é resultante necessariamente de ‘informação + vontade’, mas passa por coerções e recursos de natureza cultural, econômica, política, jurídica e até policial desigualmente distribuídos entre os gêneros, países, segmentos sociais, grupos étnicos e faixas etárias.” (AYRES et al., 2003, p.120).

A noção de vulnerabilidade considera os aspectos individuais e coletivos para avaliar a susceptibilidade à epidemia. Implica necessariamente em reconhecer fatores políticos, culturais e sociais. Homossexuais estão vulneráveis ao HIV não apenas por manterem práticas sexuais de risco, mas também por causa da discriminação e preconceito por terem uma opção homoerótica, da violência física e simbólica vivenciadas historicamente, dos fatores educacionais e econômicos, do preconceito racial. Veremos que também o preconceito com relação às próprias subculturas homoeróticas, que discriminam as “passivas”, as bichas pobres e os negros, pode afetar o que acontece na cena sexual.

Segundo Paiva, “as parcerias sexuais não se dão ao acaso (a probabilidade de fazer sexo com qualquer outro não é igual para todos) ou que a conduta sexual não é necessariamente racional, onde se calcula sempre ‘custo/benefício’.” (1996, p.235). As práticas sexuais são frutos do cenário cultural, das subculturas vigentes, dos papéis, dos *scripts* desempenhados, de acordo com fatores interpessoais e intrapsíquicos, todos presentes na cena sexual (Paiva, 2000). Diferentes cenários conseqüentemente produzem diferentes cenas sexuais.

Para investigar a cena, as abordagens Psicodramáticas em grupo ou individuais (usadas no psicodrama pedagógicos ou com objetivos clínicos) iniciam sempre por definir o onde, quando, como, com quem, por que e para quê (CUKIER, 1992). No encontro de duas pessoas, temos diferentes papéis sendo desempenhados (MORENO, 1997). Os papéis são internalizados ao longo de nossa vida. A noção de papel pressupõe a relação com o outro.

Inspirada no Psicodrama, Paiva (1996, 2000, 2002) desenvolveu o conceito de cena sexual, que deve ser investigada começando pela descrição densa de atores (e seu perfil sócio-demográfico), dos *scripts* sexuais, dos poderes envolvidos, das normas coletivas (em especial de gênero e sexo), das trocas envolvidas, da percepção das conseqüências, do vínculo emocional, do cenário, dos recursos sociais e pessoais disponíveis, do sentido atribuído à cena e ao sexo, do ritmo, do lugar e horário, das práticas realizadas.

Paiva (1996, 2000) afirma que o local onde ocorre a cena sexual é fundamental, pensado não apenas como cenário teatral mas como um cenário simbólico carregado do contexto social e cenário cultural (pobre, rico, motel, casa, rua). Diferentes cenários sexuais (que a autora define como do cenário cultural o que se refere mais diretamente à sexualidade) podem facilitar ou dificultar o uso de preservativo (PAIVA, 2002). Os fatores presentes numa cena sexual que ocorre em um quarto de motel certamente serão diferentes daquela cena que ocorre em um *darkroom* ou na rua.

Quando ocorre a cena também é importante, portanto, considerar o tempo e o momento em que ocorre na vida dos protagonistas. Segundo Diaz (1999), estados emocionais, tais como solidão, insegurança, ansiedade, se sentir pouco atrativo ou estar desapontado, estão relacionados com práticas de risco. Esses estados emocionais podem ser momentâneos, causados por situações que precederam a cena sexual.

Segundo Paiva (1996), a cena sexual depende do tipo de vínculo afetivo, recursos e características pessoais. Quem estava na cena sexual, desempenhando papéis complementares, é um fator importante: o tipo de vínculo afetivo com a pessoa (namoro, caso, apenas uma transa eventual), tipos de papéis desempenhados (ativo ou passivo), características pessoais (tais como, idade, sexo, escolaridade, renda, raça, religião, valores morais) e os “recursos pessoais (aparência, capacidade de comunicação e fluência numa conversa sobre sexo, identidade sexual atribuída ou auto-referida, auto-estima, experiência sexual, apoio da família e de amigos).” (PAIVA, 1996, p. 245). O que ocorreu durante a cena, como foi o desenrolar dos fatos, dos papéis desempenhados também é um fator importante. Os recursos sociais influenciam o que ocorre na cena, “(tempo, dinheiro, contraceptivos, camisinha, informações, quantidade de parceiros disponíveis no “mercado”, etc.)”(PAIVA, 1996, p.245).

Os motivos da relação sexual e os objetivos a serem atingidos são fatores importantes na cena sexual, ou seja, por que (por tesão, por falta de dinheiro, por necessidade de se sentir atrativo ou desejado, por carência, por ter sido forçado) e para que a relação sexual ocorreu (obter prazer, criar um vínculo afetivo, “prender” o parceiro, exercício de poder, mudança de status, dinheiro). Pensar nas conseqüências também implica em avaliar os seus subprodutos indesejáveis, segundo Paiva (1996), tais como o risco de contrair o HIV.

Sentidos e significados diferentes podem ser atribuídos à cada cena sexual de acordo com o contexto (PAIVA, 1996). Todos os fatores acima mencionados estão presentes na cena sexual, que materializa as redes sociométricas e as subculturas sexuais. “As mudanças culturais, sociais e políticas também aparecem na dinâmica da cena sexual.” (PAIVA, 1996, p.237).

Em nosso estudo não pesquisamos o significados das cenas sexuais, que são únicas. O estudo ficou limitado à observação de algumas cenas sexuais que ocorreram nos locais de sociabilidade homoerótica, aos motivos relatados para não usar preservativo, numa percepção das cenas ocorridas nos últimos 6 meses, e na dificuldade de adotar práticas preventivas em cenários específicos. Analisar os motivos de não usar o preservativo necessariamente nos remete a imaginar os elementos da cena: o cenário (onde), com quem, como, para que e aos recursos pessoais de cada homem que respondeu ao questionário.

De acordo com os *scripts* intrapsíquicos e interpessoais, a pessoa reage com papéis diferentes em diferentes cenários. Por exemplo: usar preservativo quando se está num contexto intersubjetivo de sexo casual e negociar o uso é mais fácil do que com o parceiro fixo. Quando maior a intimidade do casal, mais difícil a permanência do uso do preservativo, conforme descrevemos anteriormente (PAIVA, 1996; ANTUNES, 1999; STALL et al., 2000). Negociar o uso do preservativo em relações estáveis pode simbolizar a desconfiança de traição, simbolizar a ameaça de doença, de morte. Nesse cenário sexual, a camisinha pode quebrar o tesão e por em “xeque” o vínculo do casal. (PAIVA, 1996; ANTUNES, 1999; PAIVA et al., 2005).

Balanços de poder estão implícitos na negociação do preservativo e participam da cena. A reprodução de papéis de gênero nas subculturas homoeróticas, com a noção de ativo e passivo, também será um dos componentes da cena sexual influenciando o uso de preservativo. Observamos que o uso do preservativo foi em torno de 10% menor nas relações passivas (com o parceiro ativo, aquele que penetra, que coloca a camisinha), do que nas relações ativas (onde exerceu um papel ativo, aquele penetra, que coloca a camisinha). Alguns estudos obtiveram resultados similares, com menor uso de preservativo entre aqueles que declararam sexo anal receptivo (FRANCO et al., 1998; SIMON et al., 1999; KOBLIN et al., 2000). Os estudos com adolescentes, por exemplo, mostraram que a mulher (que é penetrada) tem mais dificuldade em negociar o uso da camisinha em proporções semelhantes (PAIVA, 1996; ANTUNES, 1999).

Na cena sexual, o uso do preservativo pode assumir diferentes significados de acordo com o cenário, com quem se transa, como ocorre e por quê. Entre aqueles que não usaram preservativo em todas as relações sexuais nos últimos seis meses, verificou-se que com quem se transa é um dos motivos mais relatados para a não adoção de práticas sexuais seguras. O uso da camisinha com parceiros fixos, como vimos anteriormente, foi menor baseado no fato de conhecê-lo ou na aparência saudável, que foram os motivos mais relatos. Outros estudos indicaram que HSH não adotaram medidas preventivas em função da confiança no parceiro ou baseado na aparência (GOLD & SKINNER, 1992; PARKER et al, 1998). No estudo Bela Vista, 36% dos homens afirmaram que não usaram preservativo pois confiavam no parceiro (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000). Independente da opção sexual, verificamos que esses motivos também são

relatados entre jovens. No estudo de Antunes (1999), 81% afirmaram que não usaram preservativo pois conheciam o parceiro e 54% porque o parceiro parecia ser saudável. A pesquisa recente do IBOPE revelou que 53% das pessoas entrevistadas (homens e mulheres) não usaram preservativo com base no tipo de relação estabelecida com parceiro (fixo) e na confiança (PAIVA et al., 2005).

Em nosso estudo observamos que 25% dos homens pararam de usar o preservativo com seus parceiros após algum tempo de relacionamento, por causa da confiança (39%) ou pela realização do teste HIV (52%). A paixão (42%) foi um dos motivos relatados para não usar camisinha. Segundo Parker et al. (1998) a camisinha inibe a intimidade sexual e emocional. O preservativo pode simbolizar não apenas uma barreira para o HIV, mas também para a intimidade, a entrega, a confiança no parceiro. “O amor e a paixão apagam os riscos, já que imaginar que o parceiro é HIV positivo é xingá-lo de algo muito indesejável e significa desconfiar de alguém para quem se quer entregar alma e corpo.” (PAIVA, 1996, p. 112). Segundo Lear (1995) as informações sobre a vida dos parceiros servem para minimizar a percepção de risco de contrair o HIV e as práticas preventivas são deixadas de lado em função do desejo. Dois estudos no Brasil encontraram resultados similares. Em uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro (PARKER et al., 1998), 51% dos homens afirmaram que era mais difícil fazer sexo mais seguro quando estava apaixonado e 21% dos homens no estudo de coorte do Bela Vista (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000). Os significados do amor e da paixão, os tipos de relacionamentos e a confiança no parceiro são fatores que fazem parte do *script* sexual e dos papéis desempenhados (PAIVA, 1996, VILLELA & BARBOSA, 1996; ANTUNES; 1999).

A realização do teste HIV entre parceiros fixos tem sido uma alternativa ao uso de preservativo. Baseados no status sorológico, depois de ambos realizarem o exame, não adotam o uso do preservativo e negociam que serão monogâmicos ou que somente terão relações sexuais seguras com outros parceiros (KIPPAX et al, 1997 ; DAVIDOVICH et al., 2000; PAIVA, et al., 2005).

A negociação do uso do preservativo parece ser ainda um problema recorrente na cena sexual de HSH. Observamos que 18% dos homens afirmaram que não usaram preservativo por dificuldade em pedir para o parceiro. Número maior ou comparável ao encontrado entre jovens quase uma década antes. No estudo de Paiva (1996), realizado em 1992, 23% das mulheres e 9% dos homens

não usaram preservativo por dificuldade na negociação. No estudo de Antunes (1999), realizado em 1995, 30% das mulheres e 14% dos homens afirmaram que foi difícil convencer o parceiro. No estudo Bela Vista (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000), HSH afirmavam que tinham mais dificuldade em negociar com parceiros fixos (11%) do que com parceiros casuais (3%). Outros estudos indicaram que a capacidade de negociação estava associada com práticas de risco (HAYS et al., 1990; GOLD & SKINNER, 1992; HAYS et al, 1997).

Como a cena ocorre, a velocidade dos acontecimentos, o que ocorre e em que contexto podem ser barreiras para a prevenção. Observamos que o desejo e o tesão dificultam a adoção de medidas preventivas para 57% dos homens. A impulsividade associada ao ato sexual e a busca de prazer, característica da sexualidade masculina socialmente construída (PAIVA, 1996), interfere no ato de usar o preservativo. No estudo Bela Vista, 21% dos homens não usaram preservativo por causa do tesão (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000). No estudo de Pontes et al (1998), 58% dos homens que faziam sexo com homens afirmaram que era difícil fazer sexo seguro no auge da excitação.

Em nosso estudo, alguns homens afirmaram que não pretendiam ter relação sexual com penetração (36%) e acabaram fazendo sexo desprotegido. O preservativo também estava associado à quebra do tesão (19%), que era “chupar bala com papel”, que interrompia o fluxo natural da relação sexual, apertava ou dava alergia (10%). No estudo de Parker et al. (1998), 48% achavam o sexo anal sem camisinha muito mais excitante. Vários estudos obtiveram resultados similares, onde o excesso de tesão e o prazer proporcionado no sexo sem camisinha estavam relacionados com práticas de risco. (HAYS et al., 1990; MYERS et al., 1992; HAYS et al. 1997; VAN DE VEN et al., 1998; PARKER et al., 1998; KERR-PONTES et al., 1999).

Além dos fatores acima mencionados, o local onde a cena sexual ocorre é importante. Alguns homens (17%) afirmaram que não usaram preservativo porque estavam no *darkroom*. Verificamos através dos dados dos questionários que o nível de dificuldade para realizar o sexo mais seguro variou de acordo com o lugar. Quanto menos reservado, mais público, suscetível a interrupções pela chegada de terceiros, mais vulnerável se tornava o ambiente, expondo o indivíduo a situações de risco. Manter relações sexuais na sauna, no motel ou em casa pode proporcionar mais tranquilidade e intimidade. O preservativo pode estar

disponível com mais facilidade. Nas cenas ocorridas em banheiros públicos, parques, ruas, praia, cachoeira ou campo os homens afirmavam que tinham mais dificuldade em usar camisinha. Sabemos que nesses locais nem sempre o preservativo está disponível se o homem não tiver no bolso. A imprevisibilidade da relação sexual, o inesperado, pode ser excitante (ANTUNES, 1999; FLOWERS et al, 2000). Flowers et al. (2000) também conclui que a dinâmica das interações interpessoais varia de acordo com os locais onde HSH se encontram para ter sexo, em seu estudo realizado na Escócia. As relações sexuais ocorridas em *darkrooms*, praças e ruas, podem ter uma característica de serem impessoais, sem envolvimento (FLOWERS et al, 2000). O perigo e a excitação aumentam e são características desses cenários locais. As práticas sexuais são atribuídas mais às situações logísticas e situacionais, do que à vontade individual ou tomada de decisão (FLOWERS et al. 2000). Segundo Parker (2002), espaços públicos se tornaram cada vez mais erotizados, sendo cenários mais impessoais de interação sexual que simbolizam a transgressão. A ocupação desses espaços é uma forma de resistência à opressão sexual e caracterizam subculturas sexuais de HSH. Ao mesmo tempo em que diferentes protagonistas procuram por tais locais, esses espaços produzem determinado tipo de interação sexual, diferente de outros ambientes. Diferentes locais produzem então diferentes cenas sexuais. Alguns trabalhos têm indicado que os locais podem dificultar a adoção do preservativo nas práticas sexuais (MACINTYRE et al., 1993; PAIVA, 1996; JOFFE, 1997; FLOWERS & HART, 1998; ANTUNES, 1999; FLOWERS et al., 2000).

Os *darkrooms* também implicam em relações sexuais impessoais. Nas cenas presenciadas durante o mapeamento etnográfico, observou-se que os homens entravam no *darkroom*, sozinhos ou acompanhados. Eram relações sexuais anônimas, sem compromisso e, ao mesmo tempo, democráticas pois dentro do *darkroom* não era possível verificar classe, raça ou gênero. Segundo Parker (2002), ao mesmo tempo em que esses ambientes proporcionam segurança, se comparados ao espaço da rua, criam um cenário onde o uso de preservativo fica prejudicado em virtude da excitação e da imprevisibilidade dessas relações sexuais.

“Esses ambientes reproduzem os prazeres relativamente polimórficos e frequentemente orgiásticos das ruas homoeróticas, eles ao mesmo tempo transformam-nos, criando um mundo que está, em grande parte, livre dos perigos que constantemente rondam as aventuras homoeróticas no espaço público.” (PARKER, 2002, p.125)

É mais difícil incluir o uso da camisinha num ambiente com um apelo erótico tão grande, com as infinitas possibilidades de obtenção de prazer com um ou mais parceiros, com a privação da visão (total ou parcialmente) e a exacerbação de outros sentidos. Eu diria que é uma guerra difícil entre a segurança e o prazer.

Alguns estudos demonstraram que HSH gostam mais do sexo anal desprotegido do que com camisinha (HAYS et al., 1990; MYERS et al., 1992; HAYS et al. 1997; VAN DE VEN et al., 1998; KELLY & KALICHMAN, 1998; PARKER et al., 1998; KERR-PONTES et al., 1999). Ainda assim, alguns homens optam por manterem relações de menor risco, praticando apenas sexo oral ou masturbação mútua: 41% dos homens afirmaram que não usaram preservativo porque só fizeram sexo oral. Certamente esse número seria diferente antes do advento da aids. Na pesquisa do projeto Bela Vista 8% dos homens afirmaram que só fizeram sexo oral (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000). Mas muitos acabam se rendendo aos prazeres da penetração, optam pela redução de risco, e observamos que 41% afirmaram que não usaram camisinha pois tiveram pouca penetração e gozaram fora.

Em apenas dois locais mapeados, que não eram propriamente *darkrooms* pois tinham uma iluminação branda (denominados “cruising bares”), observamos que preservativos eram oferecidos aos frequentadores. Observamos que 50% dos homens entrevistados não tinham preservativo no momento da entrevista e não foram encontradas diferenças significativas entre o Jardins e o Centro. Não ter camisinha foi um dos motivos relatados para não usá-la entre 35% dos homens. No projeto Bela Vista, 14% afirmaram que fizeram sexo desprotegido pois não tinham preservativo (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000). Estudos com jovens indicaram que não ter o preservativo era um fator importante na cena sexual. Antunes (1999) indicou que 61% dos jovens não usaram preservativo por esse motivo e 44% no estudo de Patullo (1994).

Os locais de sociabilidade homoerótica proporcionam a possibilidade de encontrar parceiros sexuais, de ter relações sexuais descompromissadas e imprevisíveis. Observamos que 36% não usaram camisinha pois não pretendiam ter penetração. No estudo Bela Vista observamos uma proporção menor (4%) de

homens que não usaram preservativo por esse motivo (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000).

Finalmente, e relevante para as ações de prevenção, nosso estudo observou que 29% dos homens afirmaram que não usaram o preservativo pois existiam medicamentos para a aids, sendo que mais homens do Centro relataram que esse era um motivo para não usar. Portanto, os medicamentos antiretrovirais tiveram um impacto negativo no campo da prevenção, criando uma crença de proteção, de cura, como se não fosse mais necessário se proteger do HIV. Outros estudos encontraram resultados semelhantes. Em um estudo realizado com HSH em São Paulo, Silva et al. (2004) observaram que 25% dos homens afirmaram não usar camisinha por causa dos novos tratamentos para aids. No estudo de Dilley et al. (1997), 26% dos HSH afirmaram que não estavam tão preocupados em se prevenir da aids por causa dos tratamentos antiretrovirais e 15% mantinham práticas de risco por esse motivo. Outros estudos demonstraram que práticas de risco entre HSH estavam fortemente associadas à existência dos tratamentos antiretrovirais (CHESNEY et al., 1997; VAN DE VEN et al., 1998; STALL et al., 2000; WALDO et al., 2000).

7. TERRITÓRIOS DE VULNERABILIDADE AO HIV

Os resultados dessa pesquisa demonstraram diferenças entre a região do Jardins e do Centro, configurando diferentes territórios de sociabilidade homoerótica. Perlongher (1987) define os territórios como pólos relacionais, onde se manifestam diferentes categorias através dos papéis desempenhados, da aparência gestual e discursiva. Outros estudos têm descrito a ocupação espacial de diferentes subculturas sexuais homoeróticas, criando territórios culturais, políticos e sociais (PERLONGHER, 1987; BELL & VALENTINE, 1995; PARKER, 2002). Observamos que as diferentes performances (Butler, 2001) nas subculturas sexuais de homens que fazem sexo com homens que se expressam nos locais de sociabilidade homoerótica também ocupam territórios. Ao mesmo tempo, esses territórios são procurados por homens que fazem sexo com homens (HSH) que em algum nível se identificam com as subculturas que ocuparam esses espaços, subculturas que ali se materializaram.

Delimitar territórios homoeróticos, que, em nossa definição, são marcados pelo desejo e que têm como pano de fundo o cenário cultural compartilhado historicamente onde todos são socializados, implica delimitar: os espaços físicos de sociabilidade ocupados, os tipos de protagonistas (e suas imagens identitárias), as redes sociométricas que se cruzam, as subculturas sexuais e os papéis desempenhados. As diferenças encontradas entre a região do Centro e do Jardins, em vários desses aspectos, configuram-nos como distintos territórios homoeróticos. Como já descreveram Bell & Vallentine (1995), os espaços da cidade são sexualizados, ocupados de acordo com as performances da identidade sexual, que se materializam e são inscritos no corpo e nos territórios.

O território do Centro de São Paulo, no momento dessa pesquisa (1999), tinha como cenário bares e boates mais antigos, menos luxuosos e requintados e que cobravam preços mais baixos. Os homens que freqüentavam o Centro não tinham uma identificação tão marcante com a cultura de consumo e o consumo de cultura, próprio da subcultura gay, ou comércio *pink* como descreveram alguns autores, e que foi mais identificado no Jardins (TERTO JR., 1997; PARKER, 2002; NUNAN, 2003; PEREIRA, 2004). A convivência com a prostituição, michês e travestis e a violência urbana era mais presente. No Centro os homens proporcionalmente tinham menor renda, menos escolaridade, proporcionalmente

declaravam-se mais negros e mais velhos. Observamos, ao mesmo tempo, mais performances de gênero da subcultura bicha/bofe.

Diferentes imagens identitárias, que identificavam diferentes protagonistas no cenário homossexual, podiam ser encontradas nas duas regiões da cidade de São Paulo. Observamos também as imagens identitárias polarizadas segundo uma hierarquia de poder em que o homem que faz sexo com homem masculinizado é melhor que o feminilizado, o rico é melhor que o pobre, o jovem é melhor que o velho e o branco é melhor que o negro, com também observou Rios (2004).

A predominância de imagens identitárias associadas com as performances de gênero, classe social, raça ou idade presentes no Centro - bichas, bofes, maricona ou tia, bicha velha, boy, executivos, bicha pobre – atuavam de forma distinta no Jardins. Essa diferenciação na ocupação de territórios pode estar materializando redes sociométricas distintas de homens que fazem sexo com homens. Nosso estudo não pesquisou a identidade auto-referida desses homens, em uma vertente pessoal, com os sentidos e significados atribuídos, a internalização e elaboração singular da identidade sexual. Nosso estudo abordou a vertente psicossocial, com a descrição do cenário cultural, locais de sociabilidade, das performances de papéis, de forma a descrever essas imagens identitárias que compartilham significados dentro de cada território.

Segundo Moreno (1997), o átomo social de um indivíduo e sua rede sociométrica é formada através das escolhas que fazemos. Segundo Moreno (1997), estabelecemos relações a partir da tele. O fator tele é uma empatia recíproca e opera em todas as dimensões relacionais e de comunicação, sendo “o núcleo dos padrões de atração-repulsão e das emoções especializadas – por outras palavras, das forças sociais que cercam o indivíduo ulteriormente.” (MORENO, 1997, P.119). A rede sociométrica de homens que ocupam esses territórios, como todas as outras, é composta por pessoas que escolhem de acordo com a tele e, como outros autores descreveram, a identificação também fazia parte desse processo de formação dessa rede. A frequência aos diferentes espaços de sociabilidade está relacionada com a identificação com essas subculturas, que se materializam nos territórios. Homens que fazem sexo com homens se relacionavam com pessoas com quem tinham afinidades, freqüentavam locais onde se sentiam confortáveis e se identificavam com o cenário cultural local, compartilhando experiências e valores. Se o indivíduo se identifica com uma

determinada subcultura, em geral procura pessoas com características semelhantes para se relacionar. As subculturas sexuais de HSH compõem redes sociométricas pois, segundo Parker (2002), são mundos sociais múltiplos organizados em torno de diferentes práticas sexuais. Observamos no mapeamento etnográfico que a escolha de frequentar determinados territórios se baseou na identificação com o cenário e seus protagonistas e com as subculturas sexuais vigentes em cada território.

A formação de redes pode ter diferentes objetivos: de amizade, de paquera e busca de parceiros sexuais, de trabalho, etc. O território, segundo nossa percepção, é composto por múltiplas redes relacionais, que interagem entre si e se sobrepõem. As redes são mais amplas que os territórios estudados, pois cada indivíduo se relaciona com muitas outras pessoas que podem não frequentar os territórios. Dessa forma, planejar intervenções de prevenção de aids a partir de territórios pode implicar em alcançar HSH que não frequentam os espaços de sociabilidade homoerótica.

Nas redes relacionais de HSH é que os papéis são desempenhados, provavelmente realizando performances de acordo com as subculturas homoeróticas do cenário cultural que compartilham. Como todos os papéis são complementares e são construídos na relação com o Outro, como vimos (MORENO, 1997), os papéis desempenhados, ou performances, são construídos nessa dinâmica entre cenários e suas normas culturais (LAUMANN et al., 1994) e protagonistas. Os papéis e protagonistas de uma rede vão, por sua vez, fornecer a tonalidade emergente do colorido do conjunto de práticas sexuais e da sexualidade iniciadas muitas vezes nesses territórios homoeróticos.

Com relação às práticas sexuais relatadas no questionário, no Centro observou-se uma maior frequência de práticas de risco para contrair o HIV. Os homens do Centro tinham uma menor percepção de risco de contrair o HIV e menor confiança no preservativo como um meio de prevenção para a aids. Com relação aos motivos para não utilizarem preservativo, esses homens afirmavam, mais do que no Jardins, que não tinham o preservativo disponível no momento da transa, que não conseguiam convencer o parceiro (menos poder) e que já existiam medicamentos para aids (indicando menos conhecimento sobre o HIV e aids), fatores esses que os tornavam mais vulneráveis ao HIV do que os homens do Jardins. O território do Centro incluía uma proporção maior de cenas mais

desprotegidas, como vimos pelas respostas de seus frequentadores ao questionário, e as suas praças, parques e ruas eram mais utilizados como espaços para manter relações sexuais, como observamos diretamente. As cenas de violência também eram mais visíveis nessa região em virtude do Centro da cidade estar menos protegido e mais exposto a assaltos.

O território do Jardins tinha como cenário bares e boates, que além de terem sido inaugurados mais recentemente, eram mais sofisticados e luxuosos, localizados em uma região nobre da cidade e cobravam preços mais altos. A violência urbana não era tão visível, apesar dos roubos de carros e os ataques a HSH com outros tipos de ação, como o “boa noite Cinderela”. Parker (2002) também descreveu que esse tipo de violência tem aumentado mais recentemente nos locais de sociabilidade homoerótica.

Os bares e boates do Jardins adquiriram um status *cult*, sendo considerados “locais associados ao mundo da moda”, com seus ambientes requintados e movidos pela subcultura *clubber* e música tecno/eletrônica. Os homens que responderam ao questionário eram mais escolarizados, brancos, jovens, com maior renda. Diferentes protagonistas ocupavam esse território, mas observamos a predominância de imagens identitárias distintas do Centro, classificadas por Perlongher (1987) de acordo com as performances de renda, escolaridade e idade: gays, barbies, bibas, bichas ricas, drag-queens, clubbers, gogo-boys, bicha-baby ou bichinha jovem.

Os homens que frequentavam o território do Jardins aparentavam uma maior identificação com a subcultura chamada gay, caracterizada pela quebra da reprodução dos padrões de gênero, com a valorização da aparência física, da masculinidade, da cultura e do consumo. Observou-se também o interesse mais explícito por eventos sociais, artísticos e culturais, inclusive pelo tipo de intervenção preventiva que foi possível realizar. O Jardins foi caracterizado pelos homens como uma “vitrine”, com seu clima de ostentação e aparências. Alguns homens não demonstravam sua real situação econômica, identificados com essa cultura de consumo onde a aparência, o corpo malhado, as roupas da moda e o “consumo de cultura” eram super valorizados. Fazer parte dessa subcultura seria uma forma de se distinguir, proporcionando uma maior mobilidade social como também descreveu Parker (2002).

Observamos no território do Jardins, comparado ao Centro, que os homens declaravam menor proporção de práticas de risco para contrair o HIV, além de uma maior percepção da sua vulnerabilidade ao HIV e uma crença mais forte na eficácia do preservativo. É interessante notar que a prática de sexo oral foi um dos motivos mais relatado para o não uso do preservativo, indicando que esses homens optaram pela redução de risco e valorizaram o sexo oral. Laumann et al. (1994) descrevem, em seu estudo nos EUA, que pessoas com nível de escolaridade maior praticam mais sexo oral. Soma-se a isso, a presença maciça de *darkrooms* nas boates do Jardins, configurando espaços mais protegidos da violência, para se ter relações sexuais, do que os espaços públicos (ruas, praças e parques). Esses locais e ambientes, por outro lado, ao mesmo tempo em que protegiam da violência urbana, criavam um ambiente extremamente erotizado e orgiástico onde “tudo pode acontecer”, onde racionalizar o uso do preservativo ficava prejudicado pelo apelo erótico e a busca de prazer.

Construir uma rede significa se “identificar”, buscar similaridades entre os indivíduos de forma padronizada, como descreveu Seffner (2003). Observamos a materialização dessas subculturas homoeróticas na ocupação de territórios quando mapeamos os tipos de protagonistas (imagens identitárias), os papéis desempenhados e suas redes relacionais. Outros autores têm explorado a importância das redes relacionais, no que resultou na “Network Theory”. Estudos desse campo teórico têm encontrado regularidades importantes em diversas redes sociais. Como a atividade sexual é um caso especial de relacionamento social, Laumann et al. (1994) propõem que as regularidades encontradas em redes sociais também podem ser observadas em parcerias sexuais. As redes podem esclarecer como as parcerias se formam e se mantêm, e porque eventualmente se dissolvem. Portanto, as parcerias sexuais, os papéis e as performances experimentados ou negociados, estão imersos numa rede social mais ampla, marcados pela rede sociométrica à qual pertencem. Nos estudos de redes sociais as regularidades mais observadas são: contatos com pessoas de mesmo status social, com grupos segregados no mesmo território geográfico (que aumenta ou reduz a chance de contato) e o fato de as pessoas preferirem contato com os outros que reforçam sua auto-percepção de identidade pessoal (LAUMANN et al., 1994).

Esses aspectos foram observados em nossa pesquisa e reforçam a noção de territórios de vulnerabilidade como unidade de análise e para a intervenção

preventiva. Por outro lado, esses mesmos autores indicam que certos tipos de relacionamento sexual mais provavelmente ocorrerão entre pessoas muito diferentes. Citam o caso de pessoas interessadas em manter relacionamentos extra-conjugais e intencionalmente procurarem pessoas muito diferentes, fora de sua rede relacional, para minimizarem a probabilidade de serem descobertas. Poderíamos pensar que, diante da estigmatização e do preconceito que envolvem as relações homoeróticas, homens que fazem sexo com homens procuram parceiros fora de suas redes sociométricas familiares e de trabalho, buscando nos locais de sociabilidade HSH. O estudo de Laumann et al. (1994) demonstra que as parcerias sexuais não ocorrem ao acaso e que a organização da sexualidade nos Estados Unidos indica que os “tipos” de pessoas (que nesse estudo chamamos de imagens identitárias), os tipos de vínculos, as trocas e poderes envolvidos são importantes para a explicação da conduta sexual, como analisamos em nosso estudo. “A contribuição fundamental da abordagem é mostrar como as redes sociais nas quais as pessoas estão inseridas afetam se duas pessoas irão ficar juntas para formar um relacionamento sexual e, se eles o fizerem, qual compreensão cultural e motivação econômica eles irão trazer para a relação.” (LAUMANN et al., 1994)

O cenário cultural, as subculturas homoeróticas, os papéis desempenhados e as redes sociométricas de cada espaço configuram os territórios, onde a vulnerabilidade se materializa. Qual a implicação disso para as práticas sexuais e vulnerabilidade para o HIV? Ao ocupar espaços dentro da cidade, territorializando-se, as subculturas homoeróticas configuram territórios mais ou menos vulneráveis freqüentados por redes sociométricas e merecem iniciativas de promoção da saúde sexual, ou de direitos sexuais com abordagens ligeiramente distintas.

A vulnerabilidade está ligada a componentes individuais, componentes sociais e componentes programáticos (AYRES, et al., 2003). Através da observação etnográfica, da realização de intervenções nos locais de sociabilidade homoerótica e da análise dos questionários observamos que vários componentes individuais (e nessa perspectiva entende-se que serão marcados pelo cenário cultural, contexto social e programático) tornam HSH vulneráveis ao HIV:

- a) a dificuldade em negociar o preservativo com parceiros fixos e/ou quando se assume o papel sexual passivo (de quem é penetrado);

- b) não ser capaz de controlar o tesão no momento da relação sexual;
- c) a paixão, o simbolismo do preservativo na cena sexual e o significado em deixar de usá-lo;
- d) a dificuldade em usar o preservativo (tira o tesão, aperta, “chupar bala com papel”, alergia);
- e) a percepção de eficácia do preservativo para prevenir o HIV (estoura com facilidade, não previne);
- f) a percepção de risco em contrair o HIV;
- g) a dificuldade em interpretar as informações sobre os meios de transmissão do HIV, em especial com relação ao sexo oral, na penetração anal sem ejaculação e quando a aparência saudável do parceiro é relatada como um fator para não usar camisinha.

Todos esses fatores também têm sido observados na população em geral. É importante lembrar que materiais educativos específicos para HSH, com informações sobre DST's e aids, e prevenção nas práticas sexuais entre homens, não eram priorizadas até julho de 2000 pelo Programa Estadual de DST/AIDS de São Paulo e tivemos que usar material para a população em geral nesse projeto. O único material educativo específico disponível era do projeto desenvolvido pela ABIA e Pela Vidda, em anos anteriores. A demanda de material educativo por parte dos grupos homossexuais em São Paulo, integrantes do Fórum HSH, da Parada Gay e de nosso projeto, agilizou a produção de folhetos educativos para HSH.

Em nosso estudo observamos que vários componentes sociais tornam HSH vulneráveis ao HIV, além dos aspectos do cenário cultural que marcam os aspectos individuais:

- a) o preconceito e a discriminação vivenciados por aqueles que têm práticas sexuais homoeróticas e o preconceito existente entre os próprios HSH com relação aos homossexuais mais pobres, feminilizados, velhos e ou negros. Além de esses fatores afetarem aspectos individuais não investigados (a auto-estima, ser sujeito de sua própria sexualidade, se sentir sujeito portador de direitos, o estigma sentido), podem criar barreiras para o acesso à informação e criar dificuldades para HSH buscarem serviços de saúde;

- b) os diferentes níveis de acesso às informações específicas para práticas homoeróticas, ao preservativo e à testagem para o HIV tornam esses indivíduos mais vulneráveis;
- c) na cena sexual, a imprevisibilidade do ato sexual e os fatores estruturais dificultam o uso do preservativo nas cenas ocorridas no *darkroom*, na rua, na praça, no parque ou no banheiro público. Nesses locais o preservativo quase nunca está disponível, a não ser que a pessoa esteja carregando-o consigo;
- d) ambientes extremamente eróticos, como o *darkroom*, onde a capacidade de discernimento e autocontrole (componentes individuais) ficam prejudicados porque não são significados como espaços onde a prevenção é possível;
- e) participar de um território, com diferentes subculturas sexuais e redes sociométricas, reforça abrir mão ou não incorporar o preservativo.
- f) a pobreza, a escolaridade e a baixa percepção de risco podem estar relacionadas com a dificuldade em obter informações e metabolizá-las, de forma a HSH incorporarem mudanças em suas práticas sexuais;

O planejamento para intervir nos componentes sociais que afetam especificamente HSH pode se beneficiar da noção de redes e do seu potencial de disseminação de informações. A Teoria da Difusão, por exemplo, afirma que “...qualquer tipo de inovação é comunicada através de certos canais ao longo do tempo entre os membros de um sistema social.” (DEARING et al., 1994, p.80). Esta teoria afirma que o fato das idéias serem ou não inovadoras para os indivíduos, os canais de comunicação por onde as mensagens são trocadas, o tempo ou processo, e a estrutura do sistema social e o sistema de relações entre os indivíduos do grupo alvo são elementos centrais para garantir a difusão da informação. Fazer parte de uma rede sociométrica que tem menos informação e onde as práticas sexuais seguras são menos incorporadas, certamente tem influência nas performances individuais de papéis preventivos.

Refletir sobre os aspectos sociais que tornam os indivíduos mais vulneráveis é pensar em todos esses fatores (cenário cultural, contexto estrutural e na cena sexual) que dificultam o acesso à informação e à incorporação de práticas sexuais mais seguras. *Algum material educativo para HSH já citou esses fatores?* Nossa observação, até o final desse projeto em 2001, indica que não.

Em nossa experiência em desenvolver programas de prevenção e em nosso estudo observamos que o componente programático também torna HSH mais vulneráveis:

- a) nenhum programa sistemático voltado para HSH estava sendo realizado em 1999 e 2000 em São Paulo. Os dados do questionário demonstraram que uma proporção muito pequena de HSH tinha participado do projeto Bela Vista (6%) e de palestras (37%). O projeto HSH, do Grupo Pela Vidda, finalizado no início de 1999, desenvolvia algumas intervenções nos locais de sociabilidade, mas não de forma sistemática e com financiamento governamental. Apenas em 2001 obtiveram financiamento do Programa Estadual de DST/AIDS, com verbas do Ministério da Saúde (AIDS 2 – financiamento do Banco Mundial).
- b) no momento em que iniciamos a intervenção, observamos a escassez de material educativo específico para HSH. Conforme já foi dito anteriormente, havia pouco material, produzido pelo Projeto HSH da ABIA e Pela Vidda, mas não suficiente. Em meados de junho de 2000 o Programa Estadual de DST/AIDS produziu material direcionado. A produção desse folheto foi um dos primeiros resultados da mobilização política dos ativistas do Fórum HSH em São Paulo, do qual também participamos;
- c) falta de programas específicos para HSH negros, mais velhos, de periferia ou mais pobres;
- d) falta de programas para diminuir o impacto da violência e discriminação contra HSH, particularmente no Centro da cidade.

A negligência e a ausência de políticas de prevenção para HSH, até meados de 2001, marcou o cenário da aids no Brasil. O governo não priorizava essa população em virtude da estabilização da epidemia por transmissão homo/bissexual e o aumento de casos entre heterossexuais e usuários de drogas intravenosas. Poucos projetos de prevenção tiveram apoio governamental até 2001 e a reivindicação dos grupos homossexuais, perante aos órgãos governamentais, ajudou a romper com a negligência. Em especial, vemos a formação do Fórum HSH em São Paulo fortaleceu essa reivindicação. No cenário nacional, o financiamento do projeto SOMOS, da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas,

Bissexuais e Transgêneros (ABGLT), só em 1999 começou a proporcionar o treinamento para desenvolver projeto de prevenção entre HSH e também o fortalecimento de grupos homossexuais em alguns estados do Brasil. Não temos conhecimento da avaliação sistemática da realidade e impacto desses programas.

Observamos também que os serviços de saúde existentes eram pouco divulgados. Muitos homens, durante o mapeamento etnográfico e as intervenções realizadas, não sabiam sequer onde se localizavam esses serviços, dado que se confirma quando observamos que 29% dos homens que responderam ao questionário nunca tinham feito o teste HIV. O acesso aos serviços de saúde também pode ser prejudicado em função de componentes individuais (estigma internalizado, menor acesso às informações) e de componentes sociais (menor escolaridade, menor renda, preconceito e discriminação). Terto JR. et al (1998), enfatizaram que a homofobia existente nos serviços públicos de saúde também tem prejudicado o acesso às informações. Muitos profissionais de saúde estigmatizaram homossexuais que procuravam esses serviços, especialmente no início da epidemia, prejudicando a atenção primária à saúde e o desenvolvimento de programas de prevenção mais adequados.

A falta de serviços especializados para a saúde sexual de HSH é um componente programático importante na vulnerabilidade às DST's e aids. O Projeto Bela Vista, um projeto de pesquisa para medir a incidência de HIV em HSH visando o teste de vacinas, era uma exceção em São Paulo. Além do componente de pesquisa, o projeto oferecia aconselhamento, oficinas de prevenção, testagem para HIV e acompanhamento médico para HSH. A boa notícia é que após sua finalização em 1998, o projeto foi incorporado ao Programa Estadual de DST/AIDS (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000).

Todo esse quadro é surpreendente se pensarmos que em São Paulo observamos que as respostas comunitárias à epidemia da aids foram iniciadas pelo movimento gay e pelas ONG's aids, onde muitos HSH eram lideranças importantes. Parker et al. (1998) afirmaram que a falta de estrutura comunitária prejudicou a adoção de medidas preventivas por parte de HSH. O já citado projeto HSH do grupo Pela Vidda-SP, por exemplo, foi desenvolvido de 1993 a 1997, com a produção de material educativo, oficinas de sexo seguro e de teatro, intervenções em bares, boates, saunas e parques (TERTO JR. et al., 1998). Segundo relatos de alguns participantes desse projeto durante um encontro

realizado pelo *Family Health International* (FHI), a experiência das intervenções descreveram que as oficinas de sexo seguro tiveram pouca adesão no início do projeto. Com a mudança de estratégia nas intervenções nos bares e boates, a adesão foi aumentando ao longo do trabalho. As intervenções nos locais de sociabilidade incluíram a participação de drag-queens e algumas oficinas de sexo seguro foram realizadas dentro de bares e boates. Foram realizadas atividades de sensibilização nos postos de saúde pública sobre homofobia e a saúde como um direito de HSH. A população de HSH da periferia e pobre aderiu mais ao projeto, indicando a opressão social e sexual como um componente importante para a implantação de projetos de prevenção entre HSH (TERTO JR. et al., 1998). Esse projeto demonstrou resultados positivos, foi reformulado (“projeto Gays”) e obteve um financiamento do Ministério da Saúde em 2001. O projeto abordou 17 bares e 9 boates em São Paulo, que ainda é um número restrito em função da amplitude do universo homoerótico na cidade.

Nosso projeto mapeou 58 bares e boates somente na região do Centro e Jardins, em 1999. Segundo sua página na internet, o Pela Vidda pretende ampliar sua capacidade de intervenção, em virtude da falta de iniciativas governamentais (fonte: http://www.aids.gov.br/serviços_projetos.asp, acessado em 21/01/2005). Verificamos, portanto, que a vulnerabilidade programática continua marcando presença no cenário homoerótico.

As altas taxas de práticas sexuais de risco e a vulnerabilidade ao HIV entre homens que fazem sexo com homens são resultados de todos esses fatores presentes nos componentes individuais, sociais e programáticos. A vulnerabilidade ao HIV está presente nas duas regiões estudadas e os locais de sociabilidade homoerótica, configurando o que chamarei de diferentes territórios de vulnerabilidade à aids.

A noção de territórios de vulnerabilidade nos ajuda a planejar estratégias de prevenção que têm como horizonte a emancipação psicossocial além do incremento do uso de camisinha (PAIVA, 2000, 2002). Permite pensar nas pessoas e indivíduos vivendo suas experiências sexuais em redes sociométricas, que ocupam territórios dentro da cidade, criando territórios de atualização/realização de desejos e vulnerabilidade. As ações de prevenção e promoção de saúde, ao contrário do que costumam fazer os modelos focalizados no indivíduo (pensado como objeto de manipulação da clínica) ou que pensam a

sexualidade e as intervenções para promoção de saúde no plano da moralidade (como os modelos da era Bush), devem levar em conta essas diferenças nas subculturas de HSH para dialogarem de fato com os projetos e vida cotidiana dos seus frequentadores, e portanto, se tornarem mais eficazes. Uma das formas de atingir populações de difícil acesso seria então abordar os territórios de vulnerabilidade, buscando entender as redes relacionais ali presentes e dialogar com as subculturas vigentes.

Os territórios de vulnerabilidade ao HIV integram, portanto, aspectos do cenário cultural, diferentes subculturas sexuais, redes sociométricas povoadas por imagens identitárias e papéis sexuais. Como unidade de intervenção, permite planejar ações para a promoção da saúde sexual a partir do que é mais emergente e saliente para os frequentadores desses espaços de sociabilidade. Compartilhamos das referências da literatura que pensa que as estratégias de promoção de saúde não devem focar apenas o indivíduo. “A Carta de Ottawa definiu a promoção de saúde como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde.” (SPERANDIO et al., 2004, p.644). Atuar nos territórios permite reforçar a ação comunitária, divulgando as informações através das redes relacionais, disseminando papéis preventivos consonantes com as especificidades das subculturas homoeróticas, traçar políticas públicas específicas para cada subcultura compartilhada por HSH, estimular a criação de novos serviços públicos nas imediações desses territórios (adequados ao contexto local), melhorar a qualidade e divulgar os serviços já existentes.

8. CONCLUSÃO

Nosso estudo descreveu como diferentes subculturas sexuais de HSH, redes sociométricas, imagens identitárias e performances de papéis ocupam diferentes espaços na cidade de São Paulo, configurando territórios diferentes de vulnerabilidade ao HIV.

Vale ressaltar que nosso estudo representou apenas uma parcela da população de homens que fazem sexo com homens em São Paulo: aqueles que freqüentavam os bares e boates. Certamente subculturas diferentes poderiam ser identificadas nos estudos em saunas, cinemas, através de rede de amigos ou mesmo nos subúrbios da cidade. Novos estudos devem ser realizados de forma a descreverem diferentes territórios de vulnerabilidade ao HIV.

O conceito de territórios de vulnerabilidade enfatiza a importância de intervenções para prevenção da aids com foco comunitário, atuando nos componentes individuais, sociais e programáticos. Os estudos indicam que as abordagens baseadas no indivíduo deixam a desejar e mesmo autores que, no passado usavam estratégias de abordagem exclusivamente pautadas no indivíduo, reconhecem hoje a importância de estratégias de promoção de saúde comunitárias. Autores que no início da epidemia produziam teorias e modelos focalizados no indivíduo, de grande impacto no cenário internacional, hoje observam que “...um movimento comum em direção à menor confiança nas abordagens baseadas no indivíduo e o grande uso de teorias que consideram as influências sociais e culturais.” (KEGLER, CROSBY e DICLEMENTE, 2002, p.386). Intervir nos territórios de vulnerabilidade implica desenhar intervenções adequadas às subculturas sexuais e imagens identitárias vigentes, disseminando informações e uma cultura de prevenção (estimulando a internalização de papéis preventivos) através das redes relacionais, além dos limites espaciais dos territórios, para aqueles que não freqüentam os espaços de sociabilidade homoerótica mas que porventura fazem parte da rede sociométrica desses HSH.

Nossa pesquisa apontou para diversos componentes que tornam HSH vulneráveis ao HIV. De acordo com os resultados descritos anteriormente e com base no conceito de territórios de vulnerabilidade ao HIV sugerimos finalmente:

- 1) Os programas de prevenção para HSH devem incorporar a discussão sobre os sentidos e significados da paixão e dos relacionamentos estáveis para

prevenção HIV, que tornam o uso do preservativo mais difícil nos relacionamentos estáveis. As intervenções devem focalizar os elementos presentes na cena sexual, que dificultam HSH usarem preservativos. O uso do Psicodrama identifica esses elementos presentes na cena, conforme Paiva (1996, 2000, 2004) já descreveu, e o sociodrama e *playback theatre* (MORENO, 1997) podem ser técnicas interessantes para intervenções em bares e boates.

2) O desenvolvimento de materiais educativos direcionados para diferentes subculturas de HSH, enfatizando os componentes sociais (escolaridade, pobreza, raça, cenário cultural, contexto estrutural e elementos da cena sexual) que tornam HSH mais vulneráveis ao HIV.

3) O desenvolvimento de projetos para a opinião pública em geral, para discutir o preconceito e discriminação social de HSH, combinados com projetos mais específicos nos diferentes territórios homoeróticos para discutir o preconceito entre HSH.

4) Aumentar a divulgação dos serviços públicos de saúde já existentes, onde HSH possam buscar atendimento médico e ambulatorial para o tratamento de DST's e realização de exames.

5) Capacitação de profissionais de saúde para trabalhar com HSH e discutir a homofobia nos serviços públicos, de forma a diminuir a discriminação e melhorar o atendimento específico para HSH.

6) Criação de serviços públicos de saúde direcionados para HSH dentro dos territórios de vulnerabilidade, de forma a incrementar a prevenção primária e secundária de DST's/aids e promover a saúde sexual de HSH.

7) Criar estratégias de marketing social do preservativo especiais para HSH, disponibilizando a venda de preservativos em todos os bares e as boates, com máquinas nos banheiros e porta dos *darkrooms*. Incrementar a distribuição gratuita de preservativos e gel lubrificante nos locais de sociabilidade homoerótica, especialmente nos territórios onde o componente social torna HSH mais vulneráveis.

8) Apoiar a mobilização política dos grupos do movimento homossexual e ONG's aids para pressionar o governo brasileiro a criar um projeto de lei obrigando bares e boates - os territórios onde a vulnerabilidade se materializa - a venderem preservativos a preços subsidiados, semelhante ao projeto de lei que obriga motéis e hotéis distribuírem gratuitamente preservativo.

9) Elaborar e implementar projetos de intervenção direcionados para HSH de camadas populares, na periferia, para negros e menos escolarizados.

10) Priorizar HSH na agenda da aids, aumentar o apoio governamental para projetos com HSH nos territórios de vulnerabilidade à aids e ampliar os projetos já existentes.

11) Estabelecer programas para diminuir o impacto da violência e da discriminação contra HSH nos seus territórios.

12) Apoiar o treinamento sistemático do corpo policial para sensibilizar com relação à homofobia, de forma a diminuir a discriminação de HSH.

13) Planejar e realizar intervenções nos territórios de vulnerabilidade, procurando aprofundar o conhecimento sobre as redes sociométricas de HSH, de forma a resignificar as práticas sexuais de HSH para a internalização e performance de papéis preventivos. Intervir nos territórios pode ser uma estratégia para ampliar as intervenções dentro das redes sociométricas de HSH, de forma a alcançar aqueles que não frequentam os locais de sociabilidade.

14) Realizar estudos longitudinais para avaliar a efetividade dos programas de prevenção entre HSH, com a mobilização do setor público e privado (comércio *pink*) para financiar esses estudos. A falta de estudos de coorte dificultou o desenvolvimento de estratégias de prevenção mais efetivas.

Muitas dessas sugestões já foram indicadas em congressos, encontros e manifestos! Esperamos com esse estudo termos divulgados dados para sustentá-las também academicamente.

A escassez de estudos sobre as subculturas homoeróticas e redes sociométricas tem dificultado o desenvolvimento de estratégias para prevenção da epidemia da aids e com esse estudo tentamos diminuir essa lacuna. Observamos que durante muito tempo a discriminação e o preconceito com relação à temática da homossexualidade estavam presentes da academia, resultando nessa carência de estudos mais detalhados sobre os sentidos e significados atribuídos à vivência homoerótica, seus relacionamentos conjugais e as subculturas sexuais. Outros estudos qualitativos podem contribuir para ampliar o conhecimento desses aspectos e do cenário cultural da homossexualidade.

Estamos vivendo em um momento de rápidas mudanças sociais, efeito da globalização, da sociedade em rede (CASTELLS, 2002), da Internet, dos movimentos sociais, da mídia, entre outros. Vemos o movimento homossexual no

Brasil em plena ascensão, com o fortalecimento e criação de novos grupos, organizados em torno da reivindicação da cidadania e luta contra o preconceito. A visibilidade homossexual aumentou consideravelmente. Estamos num cenário cultural em transformação onde vemos, por exemplo, a emissora de TV Globo - que na época da ditadura apoiou os militares - exibindo novelas que têm casais homossexuais como personagens na trama das histórias, participantes do Big Brother - um *reality show* - discutindo abertamente, como nunca se viu antes em horário nobre da TV Globo, a vivência homoerótica de um dos integrantes do programa. O questionamento do preconceito e da discriminação está presente no cenário cultural brasileiro. A Parada do Orgulho Gay explodiu como um evento político e social em São Paulo, que já faz parte do calendário da Prefeitura Municipal. Em 1998 a Parada teve a participação de sete mil pessoas e em 2004 quase dois milhões de pessoas participaram da marcha em plena Av.Paulista (um dos símbolos da cidade de São Paulo). Certamente essas mudanças no cenário cultural afetam as vidas de homens que fazem sexo com homens.

Nosso estudo descreveu que diferentes territórios de vulnerabilidade ao HIV são compostos por diferentes redes sociométricas, diferentes subculturas sexuais e imagens identitárias de homens que fazem sexo com homens, o que implica em reconhecer a multiplicidade e não a unidade de uma identidade homossexual. Sou da opinião que ter uma política de identidade única continua a perpetuar o preconceito e as relações de poder! Faço minhas as palavras de Richard Parker...

“Talvez a principal questão seja a de saber se seremos capazes de construir a política de identidade de modo a transformá-la em uma política de solidariedade – uma política capaz de dar atenção não só à nossa dor e ao nosso sofrimento, mas também à dor e ao sofrimento dos outros, sujeitos às múltiplas formas de opressão, exploração e injustiça que foram geradas pelo sistema mundial contemporâneo.” (PARKER, 2002, P.305)

BIBLIOGRAFIA:

ADIB, S.M. et al Predictors of relapse in sexual practices among homosexual men. **AIDS Education Prevent**, 3, 293-304, 1991.

ANTUNES, M.C. et al. Evaluating an aids sexual risk reduction program for young adults in public night schools in São Paulo, Brazil. **AIDS**, 11, suppl 1, september 1997.

ANTUNES, M.C. **Influências das Normas de Gênero na prevenção de AIDS: Avaliando um Modelo Educativo para Jovens**. São Paulo: Dissertação de Mestrado Universidade de São Paulo, 1999.

ANTUNES, M.C. et al. Diferenças na prevenção da aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. **Revista de Saúde Pública**, 36, 4, suppl., agosto 2002.

AYRES, J.R. et al. Conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D. & FREITAS, C.M. **Promoção da Saúde. Conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

BANDURA, A. **Social Learning Theory**. Englewood, NJ: Prentice-Hall, 1977.

BECKER, M.H. & JOSEPH, J.K. (1988) AIDS and behavioral change to reduce risk: A review. **American Journal of Public Health**, 78, 394-410.

BELL, D. & VALENTINE, G. **Mapping desire: geographies of sexualities**. London and New York: Routledge, 1995.

BERGER, P.I. & LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Bela Vista e Horizonte: estudos comportamentais e epidemiológicos entre homens que fazem sexo com homens**. Brasília: MS, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório** da Reunião Técnica sobre pesquisas e intervenções entre Homossexuais. Brasília: Programa Nacional DST/AIDS, 10 e 11/3/97 (mimeo).

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Aids**. Ano XIII, no. 1, dez. 1998 à fev 1999. Brasília: MS, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Aids**. Ano XVII, no. 1, jan. a dez 2003. Brasília: MS, 2003.

BRASIL. Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. **Boletim Epidemiológico. CRT-DST/AIDS**. Ano XII, no.1, outubro de 2003. São Paulo: CVE, 2003.

BRASIL. Secretaria de Saúde do Município de São Paulo. **Boletim Epidemiológico de Aids do Município de São Paulo**. Ano VII, no.7, dezembro de 2003. São Paulo: DST/AIDS Cidade de São Paulo, 2003.

BUSTOS, D.M. **O teste sociométrico: fundamentos, técnica e aplicações**. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1979.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G.L.(org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CÁCERES, C.F. Salud Sexual en una Ciudad Joven: un programa comunitario em salud sexual com y para los jóvenes. Peru: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 1998.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CATANIA, J., KEGELES, S.M.; COATES, T.J. Towards an Understanding of Risk Behavior: an AIDS risk reduction model (ARRM). **Health Education Quaterly**, 17, 53-72, 1990.

CHESNEY, M.A. et al. Risk behavior for HIV infection in participants in preventive HIV vaccine trials: a cautionary note. **J Acquir Immune Defic Syndr**, 16, 266-271, 1997.

COSTA, R.P. **Os 11 sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Ed.gente, 1994.

CUKIER, R. **Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente**. São Paulo: Ágora, 1992.

DAVIDOVICH, U. et al. Assessing sexual risk Behavior of young gay men in primary relationships: the incorporation of negotiated safety and negotiated safety compliance. **AIDS**, 14, 701-706, 2000.

DEARING, J.W.; MEYER, G.; ROGERS,, E.M. Diffusion Theory and HIV Risk Behavior Change. In: DICLEMENTE, R. & PERTERSON, J.L.(org.) **Preventing AIDS: Theories and Methods of Behavioral Interventions**. New York: Plenun Press, 1994.

DE WIT, J.B. et al. Why do homosexual men relapse into safe Sex? Predictors of resumption of unprotected anogenital intercourse with casual partners. **AIDS**, 7, 1113-1118, 1993.

DIAZ, R.M. et al. HIV risk among latino gay men in the southwestern United States. **AIDS Education Prevent**, 8, 415-429, 1996.

DIAZ, R.M. Trips to the Fantasy Island: contexts of risky Sex for San Francisco Gay Men. **Sexualities**, 2(1), 89-112, 1999.

DILEY, J. et al. Are advances in treatment changing views about high risk sex? **N Eng J Med**, 337, 501-502, 1997.

EKSTRAND, M.L. & COATES, T.J. Maintenance of safer sexual behaviors and predictors of risky Sex: the San Francisco Men's health Study. **Am J Public Health**, 80, 973-977, 1990.

EKSTRAND, M.L. et al. Gay men report high rates of unprotected anal Sex with partners of unknown or discordant HIV status. **AIDS**, 13, 1525-1533, 1999.

EMMONS, C.A.; JOSEPH, J.G., KESSLER, R.C.; WORTMAN, C.B.; MONTGOMERY, S.B.; OSTROW, D.G. Psychosocial predictors of reported behavior change in homosexual men at risk for AIDS. **Health education Quaterly**, 13, 331-345, 1986.

EVANS, R.J. Smoking in children: Developing a social psychological theory of deterrence. **Preventive Medicine**. 5, 122-127, 1976.

FERREIRA, M.S. Experiência homossexual e juventude – perspectivas novas para uma análise. In: RIOS, L.F. et al **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

FISHBEIN, M. A theory of reasoned action. Some applications and implications. In: HOWE, H.E. & PAGE, M.M. (org.) **Nebraska Symposium on Motivation**. Lincoln: University of Nebraska Press; 65-116, 1980.

FISHBEIN, M. & AJZEN, I. **Beliefs, attitude, intention, and behavior: an introduction to theory and research**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1975.

FISHBEIN, M. & MIDDLESTADT, S.E. Using the theory of the reasoned action as a framework for understanding and changing AIDS-related behaviors. In: MAYS, V.M.; ALBEE, G.H. SCHNEIDER, S.F. (org.) **Primary Prevention of AIDS: Psychological approaches**. Newbury Park, CA: Sage; 93-110, 1989.

FLOWERS, P. & HART, G. Everyone on the scene is so cliquey: are gay bars an appropriate context for community peer led intervention? In: AGGLETON, P. et al. (eds) **AIDS: Family, Culture and Community**. London: Taylor and Francis, 1998.

FLOWERS, P. et al. The bars, the bogs, and the bushes: the impact of locale on sexual cultures. **Culture, health & Sexuality**, 2, 1, 69-86, 2000.

FRANCO, E. et al. Práticas sexuais e conscientização sobre aids: uma pesquisa sobre o comportamento homossexual e bissexual em São Paulo. In: PARKER, R. & TERTO JR., V. (ORG.) **Entre Homens: homossexualidade e aids no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 1998.

FREITAS, K.B. Pesquisa comportamental: homens que fazem sexo com homens. In: PARKER, R. & TERTO JR., V. (ORG.) **Entre Homens: homossexualidade e aids no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 1998.

FRIEDMAN, S.R.; JARLAIS, D.C.D., WARD, T.P. Social Models for Changing Health-Relevant Behavior. In: **Preventing AIDS: Theories and Methods of Behavioral Interventions**. New York: Plenum Press, 1994.

FRY, P. & MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GOLD, R.S. & SKINNER, M.J. Situational factors and thought processes associated with unprotected intercourse in young gay men. **AIDS**, 6, 1021-1030, 1992.

GONÇALVES, C.S; WOLFF, J.R. e ALMEIDA, W.C. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1988.

GONTIJO, F. Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania. In: RIOS, L.F. et al **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004a.

GONTIJO, F. Quem são os “simpatizantes”? Culturas identitárias homossexuais no Brasil moderno. **Sexualidade**. 21, ano XI, setembro, 2004b.

GREEN, J.N. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

HAYS, R.B. et al. High HIV risk-taking among young gay men. **AIDS**, 4, 901-907, 1990.

HAYS, R.B. et al. Unprotected Sex and HIV risk taking among young gay men within boyfriend relationships. **AIDS education prevent**, 9, 314-329, 1997.

HEARST, N. & CHEN, S. **Condoms for AIDS prevention in the developing world - a review of the scientific literature**. Report to UNAIDS, 2003.

JOFFE, H. Intimacy and love in late modern conditions: implications for unsafe sexual practices. In: **USSHER, J. (ed) Body talk: the material and discursive regulation of sexuality, madness and reproduction**. London: Routledge, 1997.

JOSEPH, J. et al. Perceived risk of aids: assessing the behavioral consequences in a cohort of gay men. **J. Applied Social Psychol**, 17, 231-250, 1987.

KEGLER, M.C.; CROSBY, R.A. & DICLEMENTE, R.J. (orgs) **Emerging theories in health promotion practice and research: strategies for improving public health**. San Francisco: Jossey-Bass, 2002.

KELLY, J.A. et al. Predictors of vulnerability to AIDS risk behavior relapse. **J Consult Clin Psychol**, 59, 163-166, 1991.

KELLY, J.A. & KALICHMAN, S.C. Reinforcement value of unsafe Sex as a predictor of condom use and continued HIV/AIDS risk behavior among gay and bisexual men. **Health Psychology**, 17, 328-335, 1998.

KERR-PONTES, L.R. et al. Self-reported sexual behavior and HIV risk taking among men who have Sex with men in Fortaleza, Brazil. **AIDS**, 13, 709-717, 1999.

KIPPAX, S. et al. Sexual negotiation in the aids era: negotiated safety revised. **AIDS**, 11, 191-197, 1997.

KNOPP, L. **Sexuality and urban space: a framework for analysis**. In: BELL, D. & VALENTINE, G. **Mapping desire: geographies of sexualities**. London and New York: Routledge, 1995.

KOBLIN, B.A. et al. High prevalence of HIV infection among young gay men who have Sex with men in New York. **AIDS**, 14, 1793-1800, 2000.

LAUMANN, E.D.; GAGNON, J.H.; MICHAEL, R.T. & STUART, M. **The social organization of sexuality: sexual practices in the United States**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

LEAR, D. Sexual communication in the age of aids: the construction of risk and trust among young adults. **Social Science Medicine**, 41, 9, 1311-1323, 1995.

LEVINE, M. (org.) **Gay men: the sociology of male homosexuality**. New York: Harper & Row, 1979.

LOURO, G.L.(org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MACINTYRE, S. et al. Area, class and health: should we be focusing on places or people? **Journal of Social Policy**, 22, 213-234, 1993.

MANN, J. & TARANTOLA, D.J.M. **AIDS in the World II**. New York: Oxford University Press, 1996.

MARINEAU, R.F. **Jacob Levi Moreno, 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo**. São Paulo: Ágora, 1992.

MARTIN, D.J. Inappropriate lubricant use with condoms by homosexual men. **Public Health Rep**, 107, 468-473, 1992.

MCKUSICK, L; WILEY, J.A.; COATES, T.J. Reported changes in the sexual behavior of men at risk for AIDS, San Francisco, 1982-84. **Public Health Rep**, 100, 622-628, 1985.

MONTGOMERY, S.B. et al. The health belief model to understanding compliance with preventive recommendations for AIDS: How useful ? **AIDS Education and Prevention**, 1, 303-323, 1989.

- MORENO, J.L. **Psicodrama**. 12^a ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MORENO, J.L. **O teatro da espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984.
- MORENO, J.L. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. Campinas: Ed.Livro Pleno, 1999.
- MORENO, J.L. **Fundamentos de la sociometria**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1954.
- MOSCHETA, M.S. **Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais homossexuais**. Ribeirão Preto: Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, 2004.
- MOTA, M.P. Análise de metodologia de investigação: homossexualidade. In: CZERESNIA, D. et al. **AIDS: pesquisa social e educação**. São Paulo e Rio de Janeiro: Hucitec e ABRASCO, 1998.
- MYERS, T. et al. The Talking Sex Project: descriptions of the study population and correlates of sexual practices at baseline. **Can J Public Health**, 83, 47-52, 1992.
- NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- PAIVA, V.S.F. **Fazendo arte com a camisinha : a história de um projeto de prevenção da aids para jovens**. São Paulo: Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1996.
- PAIVA, V.S.F. O sujeito sexual: uma proposta de intervenção. **Sexualidade Gênero e Sociedade**, v. 1, n. 10, p. 4-8, 1998.
- PAIVA, V. S. F. **Fazendo Arte com Camisinha- sexualidades jovens em tempos de AIDS**. São Paulo: Summus, 2000.
- PAIVA, V. S. F. Sem mágicas soluções: A prevenção e o cuidado em HIV/AIDS e o processo de emancipação psicossocial. **Interface**, v. 6, n. 11, p. 25-38, 2002.
- PAIVA, V. et al. **Uso de preservativos: pesquisa nacional MS/IBOPE, Brasil 2003**. Disponível em: www.aids.gov.br Acesso em: 15/01/2005.
- PARKER, R. et al. Práticas sexuais e mudança de comportamento entre homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro, 1990-1995. In: PARKER, R. & TERTO JR., V. (ORG.) **Entre Homens: homossexualidade e aids no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 1998.
- PARKER, R.G. **Na contramão da Aids: Sexualidade, Intervenção e Política**. São Paulo: Editora 34, 2000.

PARKER, R.G. **Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARKER, R.G. & TERTO JR., V. **Entre homens: homossexualidade e aids no Brasil.** Rio de Janeiro: ABIA, 1998.

PECHENY, M. Identidades secretas. In: RIOS, L.R. et al (org.) **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PEREIRA, C.A.M. O impacto da aids, a afirmação da “cultura gay” e a emergência do debate em torno do “masculino” – fim da homossexualidade? In: RIOS, L.F. et al **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PERES, W.S. **Violência, exclusão e sofrimento psíquico.** In: RIOS, L.F. et al **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PERLONGHER, N. O. **O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINHO, O. A guerra dos mundos homossexuais – resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: RIOS, L.F. et al. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PONTES, L.R.S.K. et al. Conhecimento, atitudes, crenças sobre aids e comportamento sexual entre homossexuais e bissexuais masculinos no município de Fortaleza. In: PARKER, R. & TERTO JR., V. (ORG.) **Entre Homens: homossexualidade e aids no Brasil.** Rio de Janeiro: ABIA, 1998.

RIOS, L.F. Parcerias sexuais na comunidade entendida do Rio de Janeiro – notas etnográficas em torno de questões etárias e do amor romântico. In: RIOS, L.F. et al **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

SEFFNER, F. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual.** Porto Alegre: Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SILVA, C.G.M. et al. Jovens homens que fazem sexo com homens – comportamento sexual e antiretrovirais. In: RIOS, L.F. et al. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

SIMON, P.A. et al. Prevalence of unprotected Sex among men with aids in Los Angeles County, California, 1995-1997. **AIDS**, 13, 8, 987-990, 1999.

SITTITRAI, W. et al. Levels of HIV risk behavior and AIDS knowledge in Thai men having Sex with men. **AIDS Care**, 5, 261-271, 1993.

SPERANDIO, A.M.G. et al. Caminho para a construção coletiva de ambientes saudáveis – São Paulo, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, 9, 3, julho / setembro, 2004.

STALL, R. et al. Relapse for safe Sex: the next challenge for AIDS prevention efforts. **J Acquir Immune Defic Syndr**, 3, 1181 – 1187, 1990.

STALL, R. et al. The Gay '90s: a review of research in the 1990s on sexual behavior and HIV risk among men who have Sex with men. **AIDS**, 14, suppl 3, S1 – S14, 2000.

TERTO JR., V. Sexo Seguro. In: PAIVA, V. & ALONSO, L. (org.) **Em tempos de AIDS**. São Paulo: Summus, 1992.

TERTO JR., V. **Reinventando a vida: histórias sobre homossexualidade e aids no Brasil**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

TERTO JR., V. et al. Projeto Homossexualidades: a prevenção à aids para homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro e São Paulo. In: PARKER, R. & TERTO JR., V. (ORG.) **Entre Homens: homossexualidade e aids no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 1998.

TREVISAN, J.S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

VAN DE VEN et al. Increase in unprotected anal intercourse with casual partners among Sydney gay men in 1996-98. **Aus NZ J Public health**, 22, 814-818, 1998.

VILELLA, W.V. & BARBOSA, R.M. Repensando as relações entre gênero e sexualidade. In: PARKER, R. & BARBOSA, R.M. (ORG.) **Sexualidade brasileiras**. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1996.

WALDO, C.R. et al. Is offering post-exposure prevention for sexual exposures to HIV related to sexual risk behavior in gay men? **AIDS**, 14, 1035-1039, 2000.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G.L.(org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WEEKS, J. History, Desire and identities. In: PARKER, R.G. & GAGNON, J.H. **Conceiving Sexuality: approaches to Sex research in a postmodern world**. New York: Routledge, 1995.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO

PROJETO  EXUALIDADES

UNICASTELO
NEPAIDS – USP
Programa Estadual de DST/AIDS – SP
Universidade da Califórnia – São Francisco

Data: ____/____/____

Local e Corte (): _____

No. Questionário: _____

1. Idade: _____

2. Local de nascimento: _____/_____ (cidade/estado)

3. Cidade onde mora: _____ 4. Bairro: _____

5. Há quanto tempo mora nessa cidade? _____ (anos)

6. Com quem você mora atualmente?

- | | |
|---|---|
| 1. <input type="checkbox"/> Família (pai, mãe, irmãos) | 4. <input type="checkbox"/> Parceiro(a) |
| 2. <input type="checkbox"/> Parentes (tios, primos, avós) | 5. <input type="checkbox"/> Sozinho |
| 3. <input type="checkbox"/> Amigos | 6. <input type="checkbox"/> Outros: _____ |
| | _____ |

7. Qual sua escolaridade ?

- | | |
|--|--|
| 1. <input type="checkbox"/> Primeiro grau incompleto | 5. <input type="checkbox"/> Universitário incompleto |
| 2. <input type="checkbox"/> Primeiro grau completo | 6. <input type="checkbox"/> Universitário completo |
| 3. <input type="checkbox"/> Segundo grau incompleto | 7. <input type="checkbox"/> Pós-graduação incompleto |
| 4. <input type="checkbox"/> Segundo grau completo | 8. <input type="checkbox"/> Pós-graduação completo |

8. Você trabalha atualmente?

1. Sim. 2. Não. (**VÁ PARA A QUESTÃO 10**)

9. Quanto você ganhou no último mês? _____

10. Qual a sua cor?

1. Branco 2. Negro 3. Mulato/moreno/pardo 4. Índio 5. Amarelo

14. Quantos parceiros **FIXOS** você teve nos **últimos 6 meses**?

1. Homem _____ (quantos) 2. Mulher _____ (quantas)

15. **USO DE CAMISINHA**, com parceiros **FIXOS** nos **últimos 6 meses**?

	Não tive essa prática sexual	Nunca	De vez em quando	Na maioria das vezes	Sempre
1. uso de camisinha no sexo anal com mulher	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
2. uso de camisinha no sexo anal passivo com homem	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
3. uso de camisinha no sexo anal ativo com homem	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
4. uso de camisinha no sexo vaginal	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
5. uso de camisinha sexo oral ativo (chupou) com homem	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()

16. Frequência que fez tais práticas sexuais com parceiros **FIXOS** nos **últimos 6 meses**:

	Não fez	Nunca	De vez em quando	Na maioria das vezes	Sempre
1. Sexo oral ativo (chupar) e engoli o esperma (porra)	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
2. Sexo oral ativo (chupar) e não engoli o esperma (porra)	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
3. Sexo oral ativo (chupar) sem ejaculação	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
4. Sexo oral vaginal	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()

17. Você tem dificuldade de **propor** uso de camisinha com seus **PARCEIROS FIXOS**?

1. () Nenhuma dificuldade 3. () Média dificuldade
2. () Pouca dificuldade 4. () Muita dificuldade

Chamamos por **PARCEIRO CASUAL** uma pessoa com quem você manteve relações sexuais uma única vez ou de vez em quando e que **NÃO** teve envolvimento afetivo.

18. Você teve parceiros **CASUAIS** nos **últimos 6 meses**?

1. () Sim. 2. () Não. (**VÁ PARA A QUESTÃO 23**)

19. Quantos parceiros(as) CASUAIS você teve nos últimos 6 meses?

1. Homem _____ (quantos) 2. Mulher _____ (quantas)

20. USO DE CAMISINHA com parceiros CASUAIS nos últimos 6 meses?

	Não tive essa prática sexual	Nunca	De vez em quando	Na maioria das vezes	Sempre
1. uso de camisinha no sexo anal com mulher	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
2. uso de camisinha no sexo anal passivo com homem	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
3. uso de camisinha no sexo anal ativo com homem	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
4. uso de camisinha no sexo vaginal	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
5. uso de camisinha sexo oral ativo (chupou) com homem	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()

21. Frequência que fez tais práticas sexuais com parceiros CASUAIS nos últimos 6 meses:

	Não fiz	Nunca	De vez em quando	Na maioria das vezes	Sempre
1. Sexo oral ativo (chupar) e engoli o esperma (porra)	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
2. Sexo oral ativo (chupar) e não engoli o esperma (porra)	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
3. Sexo oral ativo (chupar) sem ejaculação	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
4. Sexo oral vaginal	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()

22. Você tem dificuldade de propor uso de camisinha com seus PARCEIROS CASUAIS?

1. () Nenhuma dificuldade 3. () Média dificuldade
2. () Pouca dificuldade 4. () Muita dificuldade

23. Você fez sexo anal passivo (foi penetrado por seu parceiro) nos últimos 6 meses?

1. () Sim 2. () Não (VÁ PARA A QUESTÃO 25)

24. Dos parceiros com quem tive **sexo anal passivo** (você foi penetrado por seu parceiro), assinale:

1. Todos tem o mesmo resultado do teste HIV que eu
2. Alguns tem o mesmo resultado do teste HIV que eu
3. Nenhum tem o mesmo resultado do teste HIV que eu
4. Eu não sei o resultado do teste HIV de alguns dos meus parceiros
5. Eu não sei o resultado do meu teste HIV

25. Você sempre usou camisinha no sexo anal nos **últimos 6 meses** com **TODOS** seus parceiros(as) sexuais?

1. Não
2. Sim (**VÁ PARA A QUESTÃO 27**)

26. Fale os motivos pelos quais você **NÃO USOU CAMISINHA** nos últimos **6 meses**:

Não Usei camisinha pois...	NÃO	SIM
1. ... conhecia/confiava no parceiro	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
2. ... não tinha camisinha disponível	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
3. ... estava com muito tesão	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
4. ... estava chapado (álcool/drogas)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
5. ... não pretendia ter penetração	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
6. ... não consegui convencer o parceiro	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
7. ... só fizemos sexo oral	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
8. ... estava apaixonado	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
9. ... transei no dark-room	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
10. ... camisinha tira o tesão	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
11. ... camisinha aperta/dá alergia/coça/etc	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
12. ... o parceiro parecia saudável	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
13. ... parceiro tinha teste HIV negativo	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
14. ... teve pouca penetração e gozou fora	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
15. ... já existem medicamentos para AIDS	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>

27. Você para de usar camisinha com seu parceiros (as) após algum tempo?

1. Não, nunca paro de usar camisinha.
2. Sim. Por que? _____

28. Nos lugares citados, marque o grau de **dificuldade** que você tem em USAR CAMISINHA:

	Não frequente	Nenhuma Dificuldade	Pouca dificuldade	Média dificuldade	Muita Dificuldade
1. Banheiro público	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
2. Dark-room	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
3. Sauna	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
4. Motel/hotel	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
5. Na casa de familiares	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
6. Na própria casa	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
7. Na casa do parceiro	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
8. Parques	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
9. Carro	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
10. Na rua	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
11. Na praia/cachoeira/campo	a. ()	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()

29. Com que frequência você usou alguma destas substâncias **antes ou durante a transa, nos últimos 6 meses?**

	Nunca	Poucas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Álcool	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
2. Maconha	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
3. Cocaína	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
4. Inalantes (lança-perfume, cola...)	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()
5. Outras: _____ _____	1. ()	2. ()	3. ()	4. ()

30. Você está carregando camisinha neste momento?

1. () Não. Por que?

2. () Sim. Quantas? _____
Por que? _____

31. Você já fez o teste para saber se é portador HIV/AIDS?

1. Sim. 2. Não (**VÁ PARA A QUESTÃO 34**)

32. Há quanto tempo você fez o seu último teste? _____

33. Qual foi o resultado do teste HIV?

1. Negativo 2. Positivo 3. Indeterminado 4. Não sei o resultado

34. Quanta informação você obteve sobre AIDS e doenças sexualmente transmissíveis (venéreas), nos últimos 6 meses, através de:

	NENHUMA	POUCA	MÉDIA	MUITA
1. Amigos(as)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>
2. Parceiros(as)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>
3. Familiares	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>
4. Médico	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>
5. Folhetos informativos	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>
6. TV	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>
7. Rádio	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>
8. Jornais/revistas em geral	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>
9. Jornais/revistas gay	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>
10. Outros: _____	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>	3. <input type="checkbox"/>	4. <input type="checkbox"/>

35. Você já participou ou participa de algum trabalho de prevenção de AIDS?

	NÃO	SIM
1. Oficina de sexo seguro	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
2. Recebeu camisinha e folhetos na noite	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
3. Palestras/debates	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
4. Projeto Bela Vista	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>